

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***ARLINDO FÁBIO GÔMES DE SOUSA E LUIZ
FERNANDO FERREIRA***
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP): 50 anos de História

Entrevistados - Arlindo Fábio Gómez de Sousa (AS) e Luiz Fernando Rocha Ferreira da Silva (LS)

Entrevistador - André de Faria Pereira Neto (AP)

Data – 14/11/2003 e 18/11/2003

Duração – 5h34min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SOUSA, Arlindo Fábio Gómez de; SILVA, Luiz Fernando Rocha Ferreira da. *Arlindo Fábio Gómez de Sousa e Luiz Fernando Ferreira. Entrevista de história oral concedida ao projeto Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP): 50 anos de História*, 2003. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 137p.

Data: 14/11/2003

Fita 1 - Lado A

AP – ...entram como atores, como é que vocês se vêm nessa história. Quer dizer, são duas dimensões um pouco próximas, mas também um pouco distintas, que é...

AS – Totalmente próximas.

LS – É. (*risos*)

AS – Sem nós não tinha acontecido, né?! (??) (*rindo*)

AP – São duas dimensões, mas uma coisa é vocês dizerem como é que vocês acham que a história da Escola pode ser periodizada. Com que critérios ou se existiram alguns momentos marcantes nessa história da Escola que valeriam a pena serem lembrados. E uma segunda coisa é vocês nessa história aí, depoimentos, enfim, lembranças da participação de um e de outro nessa história que vocês estão propondo que seja escrita dessa maneira. É um pouco, eram essas duas idéias, voltadas para essa conversa que podem se transformar em outras conversas, a gente pode combinar, eu tô... meu interesse é total por essa nossa conversa aqui.

AS – Vamos em frente. Eu tinha pensado em chamar o guri, mas é que eu tô chegando de viagem, isso é que me atrapalhou um pouco. O... Eduardo...

AP – O objetivo da... A gente tem como tradição em História Oral, gravar, a gente está aqui na sala do dr. Arlindo, dentro do prédio da Fundação Oswaldo Cruz, no Castelo da Fundação Oswaldo Cruz. Hoje é dia 14 de novembro de 2003. Aqui o dr. Luis Fernando Ferreira e dr. Arlindo... que foram selecionados pela coordenação do Projeto de 50 Anos de Fundação da Escola, Escola Nacional de Saúde Pública, pra darem o seu depoimento. A idéia é que... meu nome é André Pereira... sou pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz, esse depoimento vai sendo gravado, vai ficar registrado pra posteridade, daqui a 100 ou 200 anos alguém vai ouvir e vai tirar proveito disso... (*risos*)

AS – Muito!

AP – ...melhor do que nós, possivelmente, né? Então o... (Luis Carlos) *Bonella* veio hoje aqui pra que a fita não engasgasse e não prendesse, não tivesse nenhum problema técnico porque outro dia eu fui lá na sala do dr. Arlindo e o gravador não funcionou e eu fiquei, minha pressão baixou, eu fiquei meio impressionado, então falei: “Não, dessa vez...

AS – É... é... Então faz um teste aí.

AP – Tá gravando aí, *Bonella*? Tudo certo?

AS – Tá gravando bem?

AP – Tudo 100%. O Bonella está com o áudio ouvindo a nossa voz...

AS – Então, tá bom. Não quer sentar ali?

AP – E então, por orientação do nosso grupo lá, coordenado pela Nísia, a entrevista teria esses dois momentos: um sobre a história da Escola, como é que vocês dividem e o segundo sobre vocês nessa história da Escola... Não sei se vocês querem falar de um ou querem falar de outro, como vocês acharem melhor. A entrevista é um pouco livre, enfim, não tem nenhum roteiro (*falam algo*) mas tem esses dois pontos que eu gostaria de tocar.

AS – (??) sem problema. Luis começa... Não, eu estava pensando só pra... talvez pegasse um... pegar um pouquinho antes do... pelo menos da minha chegada na escola em 1967, seria interessante, né? Aí o Luis poderia falar sobre... não é isso? Quando o Blois instala, quando organiza... (*falam algo*). É, quando começa, quando tu vens...

LS – Eu vim pra escola... (*pigarro*) Escola de Saúde Pública pra ser professor de Parasitologia. Nessa época...

AS – Em que ano foi, Luis?

LS – Em 66, quando se instalou... Eu já tinha dado aulas pra Escola de Saúde Pública... primeiro como assistente do professor Rodrigues da Silva, que era o meu mestre, numa disciplina que se chamava “Grandes Endemias”. Estudo das Grandes Endemias e tal. Depois eu fui a titular de Parasitologia, mas nesse tempo cada um dava aula em um lugar, onde trabalhava e coisa e depois era só, contrato com a escola, era só durante aquele tempo do curso. Quer dizer, eu dava o curso de Parasitologia, depois acabava e não tinha mais vínculo...

AS – Pois é, mas o prédio atual não era...

LS – Foi antes do prédio...

AS – Pois é, isso antes do prédio.

AP – Onde é que funcionava o curso?

LS – Não, a secretaria funcionava na... Rui Barbosa.

AS – Morro da Viúva, né? Rui Barbosa, né?

LS – Morro da Viúva, na...

AP – Onde é o IFF hoje em dia.

LS – ...é na frente, uma parte ali... Não era? O IFF já existia, já tinha... Era uma parte da frente, uma parte.

AS – É.

LS – E ali era diretoria e cada um dava aula no Hospital São Francisco, onde eu chefiava o laboratório de Parasitologia. Então os alunos iam lá, a gente dava aula no laboratório ou no anfiteatro e pronto. Aí quando montou o corpo docente efetivo, quer dizer, um corpo docente em tempo integral e coisa, e o prédio aqui ficou pronto e se instalou, aí houve uma seleção de professores e eu vim como professor titular de Parasitologia e chefe do Departamento de Ciências Biológicas. Ciências Biológicas era uma disciplina, Parasitologia era uma disciplina e a outra, Ciências Biológicas era Microbiologia, que veio o Hermann Schatzmayr como professor. Nós montamos no 6º andar os laboratórios e começamos a funcionar. Antes de passar pra o Arlindo, o que me parece é que antes desse primeiro tempo tem características muito próprias, que é a personalidade do Blois e a pouca institucionalização da Escola, aquilo corria na medida... primeiro que o Blois tinha muito poder. Eu vi e o Arlindo talvez tenha visto também, mas de uma vez, ele ligar pra o... o ministro era o... aquele da Casa de Saúde Dr. Eiras – como é o nome dele? – Leonel Miranda.

AS – Miranda, é.

LS – Ligava e dizia: “Miranda, vá pra... àquele lugar... porque eu fiz e...!” Eles eram amigos, eles eram amigos de infância, de... longa data, sabe? Infância, não sei... Como eu com o Arlindo, quer dizer, o Arlindo é o ministro, eu sou... Então ele tinha um jogo muito pouco institucionalizado, fazia-se o que queria, quando eu vim pra cá ele me perguntou: “Quanto é que você quer ganhar?” – O Blois era muito poderoso. – “Quanto é que você quer ganhar?” Eu fiquei admirado, nunca ninguém (*risos*) tinha me perguntado “Quanto é que você quer ganhar?” ...

AS – Pagar já era difícil! (*rindo*)

LS – É. E era da Universidade, eu era assistente, né?

AP – Não tinha um plano de carreira, não...

LS – Não tinha nada...! Nesse primeiro momento não tinha nada. Aí disse... eu era da universidade, aonde eu era assistente do José Rodrigues da Silva no Hospital São Francisco. Aí ele... eu fiquei assim, ele disse: “Quanto é que você ganha na universidade?” “Eu ganho ‘x’.” Ele disse: “Três vezes mais está bom?” (*risos*) “Tá bom, tá ótimo!” Era assim que as coisas se resolviam.

AS – Era assim que tocava.

LS – O Blois era assim: ele olhava pra você, gostava, te contratava, acertava o salário... E as coisas funcionavam muito bem, não tinha esse negócio de “essa verba é pra isso, não pode gastar naquilo...” Ele ia gastando, gastava no que queria e depois dizia pra o Miranda:

“Miranda, você manda me prender!” Eles eram amigos, não ia mandar prender coisa nenhuma! Então esse era um período muito rico em termos de... possibilidades e tal, porque estava tudo aberto. Você... Aí eu vim em 66, montei aquele departamento no 6º andar, Departamento de Ciências Biológicas, levei pra lá o Hermann, levei o Sérgio Coutinho, o Jarbas... Akira... Acho que são esses.

AS – (*Bermudes?*) ...

LS – Bermudes depois. Bermudez veio pra...

AS – Depois que...

LS – ...Bermudes vem como estudante pra fazer uma tese. É o único que faz uma tese de mestrado lá, que era o Mestrado de Doenças Tropicais da universidade que o Coura era o coordenador e eu fazia uma parte e o Hermann também. E o Bermudez veio, mas é pra fazer tese com o Hermann, fez uma tese de Microbiologia... não me lembro mais detalhes. O Akira também era estudante, Maurício...

AS – Akira... Maurício...

LS – Carlos Maurício...

AS – E aquele menino da Bolívia... boliviano que ficou...

LS – Felipe.

AS – Felipe.

LS – Marly, Aparecida Marly. Eu trouxe um grupo que já estava em parte comigo...

AP – Felipe o quê? O senhor podia falar os... se o senhor conseguir lembrar os nomes completos...

AS – (*Bezerra Fuentes?*), era da Bolívia. Tinha vindo num intercâmbio, né, Brasil - Bolívia.

LS – É, boliviano. Carlos Maurício de Andrade, o Akira Homma...

AP – Sérgio Coutinho...

LS – ...Sérgio Coutinho...

AS – Sérgio Coutinho, o Hermann Schatzmayr...

LS – Meu colega, Hermann Schatzmayr... e esse grupo, funcionávamos como professores de Parasitologia e Microbiologia. Nesse tempo tinha essa matéria, os alunos, os cursos eram separados ainda no 1º ano, depois é que, no 2º ano ou por aí vai se juntar, separado por

profissão. Tinha um curso pra médico, curso pra farmacêutico, curso pra dentista, um curso pra enfermeira.

AP – É na... pra...

LS – Saúde Pública.

AS – É, curso de Saúde pública.

AP – Mas curso de Pós-graduação ou Graduação?

LS – Não, Pós-graduação! Pós-graduação, mas no sentido *lato*, não era misturado com doutorado...

AP – E o senhor dava aula pra os médicos?

LS – Dava pra todos. De Parasitologia ou os assistentes. Dávamos de Parasitologia pra todos. Que engenheiro também tinha Parasitologia...

AS – Tinha, tinha...!

LS – Tinha Parasitologia. Dávamos mosquito pra eles classificarem, dávamos tudo. Depois é que foi juntando todo mundo...

AS – Aí caímos na besteira de achar que todo mundo era igual... (*rindo*) e aí foi fazendo isso. É verdade.

AP – Esse período do Blois, que o senhor falou...

AS – Blois.

AP – Blois. Blois, desculpe – ...que tinha muito poder, pouca institucionalização, vai até quando?

AS – Até que ele fica... isso aí eu acho que essa questão de data você depois vai ter que pegar nos arquivos porque...

AP – É, mas depois ele cai e...

AS – Ele cai em 1960... 68, 68.

LS – 8, por aí. É, num dos dois, três anos.

AS – É, mas ele é tipicamente num momento, eu entrei em julho, 1º de julho de 1967. Eu era professor na PUC e um belo dia um professor Manoel (?) Júnior, passando pelo corredor da PUC ele me, eu tinha sido aluno dele, ele me perguntou se eu queria... sei lá, não, nem me

perguntou se eu queria, ele apenas ele disse que tinha uma vaga de professor de Sociologia na Escola Nacional de Saúde Pública, que não tinha a mínima idéia sobre Saúde Pública, muito menos sobre Escola Nacional de Saúde Pública. E aí vim dar com os costados aqui na Leopoldo Bulhões, na Escola. Ou seja, a Escola já estava aqui organizada nesse sentido como o Luis Fernando está dizendo.

AP – Mas já tinha esse prédio, não?

AS – Já tinha o prédio, o prédio já funcionava. O 9º andar... (AP fala algo) é, isso era um esqueleto de um hospital que acabou que depois não funcionou, com essa proximidade que o Blois tinha com o ministro, ele pegou isso aí pra fazer a Escola. E aí o seguinte, você... o 9º andar você tinha, em 1900 e... 66... (ri) – de vez em quando a gente tem que dar uma parada pra ajustar à década.

LS – É, 66.

AS – Em 66 o 9º andar era o dormitório das mulheres, o 8º andar era o dormitório dos homens, depois você tinha os departamentos, né, no 2º andar você tinha o restaurante, biblioteca no térreo e assim por diante. O interessante dessa história é o seguinte, você se inscrevia pra fazer saúde Pública em qualquer lugar do Brasil. Quer dizer, você... melhor, de qualquer lugar do Brasil você mandava uma correspondência e se inscrevia. E a escola te pagava uma viagem, você vinha fazer uma prova de seleção. E naquela época você voava, um dos aviões mais modernos eram os Caraveles da Cruzeiro do Sul. Você vinha de jato. Então você vinha pra o Rio de Janeiro e fazia a seleção, se você era aprovado você ficava no Rio de Janeiro ou voltava, não importa, mas você tinha casa, comida, roupa lavada e você ainda tinha uma bolsa que recebia e passagem de ida e volta pra o lugar onde você morava. Então os alunos ficavam aqui: no 9º andar as mulheres, no 8º ...

AP – Pra seleção, o senhor está falando.

AS – Aliás é o inverso. Os homens no 9º andar e as mulheres no 8º andar, é (falam ao mesmo tempo). Não, o curso inteiro.

AP – Aprovado, uma vez aprovado, tinha todas essas...

AS – Você ficava...

AP – ...constitucional...

AS – ...tinha casa, comida, roupa lavada, ida e volta e se tinha férias, e tinha férias, você ia de passagem e voltava com tudo pago e você ainda tinha uma bolsa mensal.

AP – Pela Escola.

AS – Pela escola! (AP fala algo) Era tudo a escola que dava. Vocês quiseram os... você diz: “Ah, mas existia já Escola de Saúde Pública em São Paulo.” Existia, né? Era mais velha, mas

era restrita, mais restrita ao estado de São Paulo. Então aqui era a Escola Nacional, se pretendia...

LS – Dava o curso pra o Brasil inteiro.

AS – ...é o início... pra o Brasil inteiro.

LS – Vinha gente do Acre, da...

AS – De todo lugar! De todo lugar.

LS – Todo mundo vinha pra cá.

AS – Vinha pra cá.

LS – Não tinha os cursos nos estados...

AS – Os cursos não... Com exceção de São Paulo, você não consegue... (???) Você tinha era curso de formação de pessoal técnico junto às secretarias estaduais de Saúde, depois o embrião das escolas de saúde nos estados vem aí pelos cursos técnicos e depois, a partir de 75, aí uma outra história, mas é mais lá na frente. Com os cursos descentralizados de Saúde Pública, que aí já é um outro, uma outra história, né? Mas nessa época, eu diria que... quer dizer, o Blois tem essa figura que o Luis Fernando retrata que é tipicamente de um... de um carismático – não é Luis Fernando? – de um homem extremamente atraente, não é, do ponto de vista da proposta dele. Ele tinha uma proposta, ele sabia o que é que ele queria, não é? E uma proposta inteiramente inovadora, totalmente inovadora. Porque... se você pega a história anterior como o Luis relata, ela... são cursos que são ministrados onde os professores estão. Então você tem a cadeira de Parasitologia, Luis Fernando vai dar, mas ele vai dar lá no São Francisco, o outro vai dar... cada um vai dar no seu lugar. Não é?

AP – É, os alunos vão até lá.

AS – Os alunos vão até lá. Aí os alunos passam aqui: casa, comida, roupa lavada, transporte, bolsa. Aí eles estão aqui. Então começam a se organizar os cursos e os cursos por categorias profissionais. E mais do que isso, quer dizer, o que é inovador nessa história é que ele cria os departamentos. “Ah, mas a universidade já tinha departamentos.” A universidade tinha os seus departamentos, mas o Blois faz, ele tem a seguinte concepção: você tem o departamento de Ciências Biológicas...

LS – Eu não sei bem, eu não sei as datas como o Arlindo disse, depois você tem que checar as datas (*pigarro*)

AS – É, isso tem que pesquisar.

LS – Mas eu, na universidade, era ainda da cadeira de Medicina Tropical.

AS – Da cadeira de Medicina Tropical.

LS – Eu era assistente da cadeira de Medicina Tropical. Eu era catedrático, era muito bom, o mestre era um sujeito formidável e tal, mas não era departamento, departamento...

AS – Você tem razão.

LS – Aqui, dessa do Fundão...

AS – Dessa do Fundão não era. (???)

LS – Não era Fundão, era Universidade do Brasil.

AS – É, era do Brasil.

LS – Do Brasil. E eu era assistente da cadeira, ainda era cadeira.

AS – Cadeira, né?

LS – De Medicina Tropical.

AS – É, então você tinha a linha por cadeira e ele organiza aqui por departamento.

LS – O departamento está começando, logo depois a universidade...

AS – A universidade também, né? Então isso é inovador. Mas também é inovadora a, digamos, assim, a composição dos departamentos, né? Eu vou ver se eu consigo lembrar. No térreo a gente tinha a biblioteca, depois...

LS – E o Departamento de Ciências Biológicas.

AS – ...no 2º andar tinha (?)...

LS – Bom, tem que dizer, Arlindo, que o departamento de Ciências Sociais na área médica era uma inovação...

AS – Inovação dele.

LS – ...uma inovação nessa época.

AP – Quem inventou isso? (falam ao mesmo tempo)

LS – Não, não tirou do zero, mas ele implanta e começa as Ciências Sociais. Porque antes não tinha, era clínica de Doenças Transmissíveis, era Saúde Pública em administração...

AS – É.

LS – ...e coisas desse tipo, Epidemiologia é claro, mas um Departamento de Ciências Sociais na coisa, não tinha.

AS – Não, não tinha não. Não tinha.

LS – Ele é primeiro...

AP – Isso em São Paulo também não tinha?

AS – São Paulo tinha a parte de Educação em Saúde. A Ciências Sociais na área de Saúde Pública, vem lá pela década de 40 com a ampliação do SESP, da Fundação SESP, depois Fundação, hoje, parte da Fundação Nacional de Saúde. Então eles trazem os primeiros antropólogos, né, e tem alguns antropólogos brasileiros: Arthur Rios, né, que era antropólogo, o antigo professor de Antropologia, que vai trabalhar na Fundação SESP. Era a idéia de você pesquisar modos valores, procedimentos de população e pra você ver como a Educação Sanitária, como é que você mudava os hábitos e modos inadequados ou aquilo que não favorecia a Saúde Pública. Esse era o conceito que você tinha de Ciências Sociais, que era o que prevalecia basicamente em São Paulo porque era o que prevalecia, quer dizer, desde os anos 40 e poucos, entende, no SESP. Mas eles... então, quando cria o Departamento de Ciências Sociais, ele cria com área de Psicologia – isso não existia – área de Sociologia, área de Economia, depois também se agrega à Antropologia, mas partir da idéia, quer dizer, você tinha psicólogos. Você tinha economistas, você tinha sociólogos.

LS – É bastante inovador. (pigarro)

AS – É, muito, muito, muito inovador.

LS – É como se diz que o poder e como a coisa era bastante aberta, bastante coisa. Uma vez – eu não sei se Arlindo participou dessa viagem ao Nordeste...

AS – Era uma que vocês fizeram... não fui não.

LS – Mas o Blois chegou assim e disse: “Não, o grupo é jovem, eu preciso mandar, precisam conhecer o Brasil.” Conhecer o Brasil. Isso tudo era da cabeça dele e tinha uma outra figura muito importante porque está esperando uma homenagem e que ainda não se fez, que é Sávio Antunes. Sávio Antunes era uma espécie de eminência parda. Era o cara que (?). Aí desci, “Eu preciso conhecer o Brasil.” Aí ele pegou os automóveis, eram umas kombis... sei lá, uns carros assim.

AS – É, na época a escola tinha uma frota de carros.

LS – E foram daqui, viajando até Recife. Em Recife teve um grande seminário no Instituto Joaquim Nabuco. Depois voltaram, conheceram o rio São Francisco, essa coisa toda. E o Sávio foi junto. O Sávio conhecia muito esse interior do Brasil porque ele tinha ido levar daqui pra o Amazonas os da segunda coisa da borracha, daquele movimento da borracha e

tal. Então saíram daqui, deve ter sido uma aventura porque Sávio sai daqui com um bando de vagabundos, gente pega na rua a laço e coisa... (*risos*) e vai com essa gente até o Amazonas. E naquele tempo não tinha, isso é na Guerra, na época da Guerra. Em 40 e poucos...

AS – É, foi pra levar borracha pra Guerra, pra 2ª Guerra.

AP – Mas aí você estava lembrando dos andares. Então no térreo...

AS – Ah, ele quer saber dos andares. (*rindo*)

AP – É... (???) física.

AS – Você quer organizar. Você quer organizar a coisa. Pois é, mas isso tudo que o Luis Fernando está dizendo (*falam ao mesmo tempo*) é pra entender uma idéia do espírito empreendedor.

LS – ...do que é que é o espírito empreendedor.

AS – Ele fez uma 2ª expedição aqui pra Minas Gerais também, ele fez pra Montes Claros, também passaram uma semana. Nessas expedições iam os professores e os alunos, ia todo mundo. A escola tinha uma frota de Rural Willis e de caminhonetes, e os professores eram, todo dia de manhã passava o carro na casa dos professores, apanhava, trazia pra escola e distribuía depois. E os alunos eram levados pra Zona Sul ou pra Zona Norte em dois ônibus, os que não moravam aqui. Porque depois que acabou o internato, já em 68 acabou o internato, então tinha condução pra levar os alunos e levar os professores, mas isso não... Bom, mas é só pra você ter uma idéia... É inovador do ponto de vista de concepção, digamos assim, de trazer gente do país inteiro, não é, de agregar disciplinas, que não existiam essas disciplinas, né? Então você tinha no 9º andar o Departamento de Ciências Sociais com Psicologia, Sociologia, com Economia, com Antropologia; depois você tinha no 8º andar o Departamento de Epidemiologia, né, que era...

LS – Não... era outro andar. Não me lembro o andar. 8º e 9º era moradia.

AS – Não, não... sim, mas depois que acabou moradia em 68...

LS – Sim, mas vamos por etapa, primeiro...

AS – Ah, vamos por etapas.

AP – Estamos ainda com as moradias.

AS – Ainda estamos com as moradias.

AP – No tempo das moradias como é que se organizava a Escola?

AS – Eu não sei por andares. Aí eu não sei por andares.

LS – (?) ou era no 6º andar.

AS – É, 6º andar era Ciências Biológicas com o Luis Fernando...

LS – O 6º andar era Ciências Biológicas, o 5º andar era Saneamento...

AS – Sempre foi Saneamento.

LS – Sempre foi Saneamento. O 6º, Ciências Biológicas e os outros departamentos que eram Administração, Planejamento, Ciências Sociais...

AS – E Epidemiologia.

LS – É... Estatística. Tinha Departamento de Estatística. Isso era espalhado, eu não me lembro de cada um... qual era o andar.

AS – Eu lembro depois quando acabou o internato, que era essa organização: no 9º, Ciências Sociais; 8º, Epidemiologia e Bioestatística; 7º, Planejamento; 7º, Administração; 6º, Ciências biológicas; 5º, Saneamento, 4º, salas de aula; 3º Direção e Departamento de Ensino – não é isso? – 2º, restaurante e sala de estar; e térreo, auditório e biblioteca. Essa é, a partir de 68, essa é a composição que tem na... física da Escola. Mas então, pra entender, entende, a inovação com a questão dos departamentos e com as disciplinas compondo cada um dos departamentos.

LS – E da falta de burocracia, da falta de coisa... (AS, *fala algo*) a gente sentava com ele e decidia e...

AP – Ele era uma pessoa democrática?

LS – Não, nada! (*risos*)

AP – Falou que sentava com ele...

LS – Se fosse democrático não tinha feito. Porque Oswaldo Cruz era democrático?

AP – Parece que não era exatamente (?) democrático. (*falam ao mesmo tempo*)

LS – Não, nesse depoimento de gente que conviveu com Oswaldo Cruz.

AS – (*bate na mesa*) “Vai ser assim, eu quero assim, ...” tudo bem. O que não quer dizer que não seja exclusivamente da cabeça, entende? Quer dizer, eu... a minha convivência, digamos assim, do ponto de vista... de disciplinas com o Blois, eu não lembro de ter discutido isso com ele. Mas ele era alguém que tinha faro! Quer dizer, como todo líder carismático, sabe (*LS fala algo*) como a banda toca e vai em frente, né? Ou seja, mais do que saber que, entende,

conteúdo específico de cada disciplina, o que é que deveria ser ministrado, ele era o grande maestro dessa orquestra.

LS – Há mudanças muito grandes nos anos 50 e coisa. Só pra te dar um exemplo do que é. A partir de um certo momento quando alguém toma um nível de poder, compõe com seus companheiros de partido, de religião, de coisa. Antigamente era exatamente o contrário. Carlos Chagas que era católico, foi presidente da academia do Vaticano, tinha gente de esquerda com ele, ele dizia: “Se o sujeito é bom, competente, eu boto aqui.” Samuel Pessoa que era do Partido Comunista, ele tinha o Pedreira de Freitas com ele que era congregateo de Mariano, que era... (*risos*) Era muito diferente.

AP – Hoje em dia é diferente, né?

LS – Hoje em dia é diferente! (*risos*) Hoje bota todo mundo do mesmo partido. (*AS fala algo*) Assim já, de um tempo pra cá. Tinha orgulho disso. Aqui não. Aqui é técnico. Era assim, o mundo era assim. Não tô dizendo que era bom, que era mau, que era... (*pigarro*) E assim...

AS – É, e o Blois era assim. Então ele...

LS – Era um cara capaz de abrir o começo porque se ficasse esperando muita coisa...

AP – Ele não inaugurou a escola, como é que era a escola antes do Blois?

AS – É essa história que o Luis Fernando te disse. (*falam ao mesmo tempo*) ela está fazendo 50 anos. E nós estamos falando de 1966. Então tem uma escola pra trás, não é? E essa escola pra trás é a isca, quer dizer, existe, vamos dizer assim, a carta patente, existe uma lei que cria uma Escola Nacional de Saúde Pública, mas ela não cria um prédio, ela não cria nada, então os cursos são dados...

LS – Tem outros diretores (*falam ao mesmo tempo*) ...

AS – (??) tem outros diretores, que é o Lincoln...

LS – O Lincoln de Freitas Filho e Achilles Scorzelli.

AS – Achilles Scorzelli, é.

LS – Que foi meu professor também na Escola de Medicina.

AS – Então a esses cabia sim, organizar os cursos para médicos de Saúde Pública, né? Então vinham do país ou daqui, se já estivessem no Rio de Janeiro e organizavam, vinham os médicos de Saúde Pública. Então ele chamava o Luis Fernando pra dar Parasitologia, chamava alguém pra dar uma outra disciplina, montava com os professores disponíveis... (*falam ao mesmo tempo*)

LS – E eles te pagavam enquanto você dava aula, depois “Tchau, tchau...” não tinha vínculo...

AS – ...montavam cursos, davam os certificados enquanto você dava aula. Essa é a primeira fase. Quando o Blois assume, assume com a possibilidade, quer dizer, conclui o esqueleto que existia aqui, quer dizer, o prédio, então tem espaço físico. Começa então trazendo os alunos, os alunos são internos e depois, logo em seguida, já um ano e meio, dois anos depois, acaba com o internato porque começa a chegar muita gente, vem muito aluno de fora. Mas continuavam a receber bolsas. Você vinha de fora...

LS – Você conhece a história que eu já contei dez vezes da garota que ele trouxe no dia da abertura dos cursos...?

AP – Não, como é essa história?

AS – É quando ele cai em 68, né?

LS – Ele cai. Não, mas é... essas histórias mostram o que era o clima, você pode imaginar. Era o seguinte: todo ano tinha a abertura dos cursos da Escola de Saúde Pública, tinha um cerimonial, aula inaugural... Nesse ano o... aula inaugural, estavam todos aqui representando ministros... Não tinha ministros, se me lembro. Eu estava... *(falam ao mesmo tempo)*

AS – Eu também estava.

LS – ...Arlindo estava, a gente viu. E... mas tinha o secretário de Saúde do estado... tinha toda essa gente, senador... tinha uma porção de gente. Aí o Blois... Todo mundo de paletó e gravata... aí o Blois não vinha, não vinha, não vinha... *(risos)*. Com uma hora de atraso, ele saltou de um Karmanguia aberto com uma garota que tinha um decote cá embaixo e uma mini-saia cá em cima. *(risos)* pegou a garota, pulou... – eu me lembro bem – pulou, não abriu a porta... karmanguia sem capota...

AP – Era conversível.

LS – É. Pegou a garota pelo braço, de manga de camisa e sapato sem meia...

AS – Isso... De lona...

LS – ...sapato de lona, sem meia. Ele entrou, pegou a garota pelo braço, sentou, botou ela do lado dele na mesa, sentou... *(risos)* aquela mesa que está lá naquele anfiteatro que está lá e abriu, falou...

AS – “Está aberto o curso...”

LS – E não chamou ninguém, nenhum representante nem ninguém pra mesa. Aí a coisa atrapalhou.

AS – *(rindo)* Ou ele já estava, ou ele já sabia que era a bola da vez ou então...

AP – Depois disso ele foi substituído.

AS – Ele foi substituído.

LS – Mas ainda fez um substituto, que é um cara que ficou esquecido porque sumiu, a gente não achou que tinha, Sebastião...

AS – Sebastião.

LS – Sebastião. Era um pediatra.

AS – É. Sebastião veio pra tapar um buraco, né, enquanto se escolhia um novo diretor. Enquanto se escolhia não, enquanto era escolhido. Evidentemente que não havia eleição, não havia nada. Isso era indicação direta do ministro da Saúde. Eu lembro que quando o Sebastião saiu... – ele durou um par de meses, né? 6, 8 meses, alguma coisa assim – ele foi de sala em sala, falando com cada professor, eu me lembro que ele falou, dizendo assim, pedindo desculpas, não é, porque... (*rindo*) inclusive nesse período, quer dizer, nessa altura nós já estamos em 1968, né, o Ato Institucional nº 5 é de dezembro, né, 14 de dezembro de... 11 de dezembro de 1968. então a coisa já não estava mais pra brincadeira, né? Então, auge da ditadura, né, quer dizer, em 64, você diz “Ah, 64!” 64 foi moleza perto do que foi acontecendo depois em 68.

AP – 68... 70.

AS – Daí pra frente, não é? Então o... nessa época é que começam a sair, quer dizer, ou “são” saídos, não é, professores da escola, né? Então a escola passa a ser também alvo de... (*interrupção da fita*)

Fita 1 - Lado B

AS – ...digamos, de interesse dos setores militares, né? Quer dizer, começam Serviço Nacional de Inteligência... (*falam ao mesmo tempo*)

AP – (??) Sociologia, toda...

AS – É, começa...

AP – ...(?) de pensamento muito grande na escola nesse contexto.

AS – Então você está querendo saber o que é que caracteriza. O que caracteriza esse período que vai até, por aí, que a gente está vendo, com o Blois e etc., então é a concepção, são os departamentos, é a coisa física, mas basicamente a introdução dessas disciplinas, não é? Você não tinha até então...

AP – Esses daí ainda são para-médicos ou profissionais.

AS – Profissionais. Depois então é que eles começam a ser...

LS – Juntos...

AS – ...juntos.

AP – Com o Blois ainda.

LS – É, com Blois!

AS – Ainda com o Blois.

AP – O Blois, ele junta tudo.

AS – É que começa tudo.

AP – É mais uma inovação dele.

LS – Muita inovação.

AS – Mas é que... é porque às vezes é difícil as pessoas terem ainda a idéia do que isso representa de inovação porque você está conosco e faz história e você está numa instituição de Saúde, quer dizer, isso era absolutamente impensável em 1966, 67, 68. Por várias razões, mas basicamente porque era uma disciplina que não tinha nada que ver, entende, com a questão da Saúde, ficava muito longe disso. Como Sociologia, como Psicologia, imagina trabalhar com o inconsciente, entende, não se tinha isso! Quer dizer, como (*falam ao mesmo tempo*) modelo é biológico, é basicamente modelo biológico, isso é que preside todas as discussões, né? E aí a... eu acho que a grande contribuição que o Luis dá na liderança do Departamento de Ciências Biológicas e o grupo que ele traz é exatamente dar uma abertura, entende, pra as demais disciplinas. Dá abertura, por exemplo, pra o pessoal de Saneamento, e trabalhava com o pessoal de Saneamento e muito particularmente – está aí a nossa amizade que consolida desde lá – com, entre outras coisas, tende pra Ciências sociais. Ciências Sociais... (*falam ao mesmo tempo*)

LS – A gente se conheceu naquele seminário, Seminário de Água... (*falam ao mesmo tempo*)

AS – A gente (?) seminários, é.

LS – ...fala o Arlindo, da questão de água, fala da Biologia, fala do Saneamento, fala...

AP – Interdisciplinar, né?

AS – É, o que você chamaria de interdisciplinar. Na verdade, (*AP fala algo*) exatamente, o que a gente fazia porque nesse momento começa a haver, quer dizer, depois de 68, nesse

período aí que a gente está falando quando o Blois sai, a Escola tem um esvaziamento muito grande. Mas já antes a gente procurava trabalhar em cima de temas, né? Então entrava o Luis Fernando, por exemplo, esse aí que o Luis Fernando está lembrando, de água, né? Ele entrava no ponto de vista biológico: composição, ‘tá, tá, tá’... entrava no saneamento mostrando as modificações, veiculações de doenças, né, ou doença de veiculação hídrica, entrava Ciências Sociais falando água sob o ponto de vista simbólico, entende? E assim sucessivamente. Cada um ia dando a sua abordagem. Então os alunos tinham... quer dizer, *(AP fala algo)* é, é o que se vai atrás. Exatamente, você vai atrás de... *(falam ao mesmo tempo)*

LS – E naquela época era inovadora.

AS – Não era, não era. Porque você tinha cátedras. Era difícil passar a idéia da força de um catedrático, não é? Um catedrático era pleno e (?), não é, quer dizer, não tinha direito de vida e de morte sobre os seus súditos, (ri) não é? E aqui passa a ter um departamento onde você tem um chefe de departamento, mas você tem professores de outras disciplinas correlatas à disciplina desse chefe de departamento. Então, é isso que a gente tem hoje, não é? Mas é muito difícil passar força, entende, da idéia da cátedra dessas do departamento. *(falam ao mesmo tempo)*

LS – (???) pra entender ou tentar entender o que eram os anos 50 do mundo, de uma porção de coisas. Agora, inclusive com essa questão... pra te dar um exemplo, guerra. Hoje todo mundo é contra a guerra, né? Contra a guerra, “a guerra é um absurdo...!” A II Guerra era guerra dos anjos contra os demônios. E eu acho que era também... *(risos)* eu acho que era!

AS – Era, era verdade.

LS – Porque se os Estados Unidos não entram na guerra, hoje você estava sob o tacão nazista. Os nazistas eram perigosos, inclusive aqui! Com os integralistas. Então, guerra era justa. Era só pra você ter uma idéia...

AS – É, você estava em pleno período de Guerra Fria, depois chamada “Guerra Fria”, depois da II Guerra.

LS – Depois ficou sendo. Pra ter uma idéia do que é o final dos 40 e 50, do que vem, e esses exemplos dessas coisas do Blois que servem pra...

AP – Mas a semente que ele jogou, apesar do fechamento dos anos 70, frutificaram depois, né?

LS – Eu acho que sim, *(falam ao mesmo tempo)* eu acho que sim...

AS – Quando chega a isso aí... é, muito cedo. Eu acho que, eu não tenho dúvida, tem gente que... alguns assim: “A nossa geração não andou.” Eu acho muito ao contrário. Eu acho que nós demos muito certo nessa história aqui.

LS – Andou, as coisas andaram...

AS – Eu não sei exatamente o número de professores, Luis, mas a Escola no seu auge com o Blois, não sei, alguma coisa entre 60 e 80 professores. Tem que ver depois lá nos arquivos o que tinha. Ou permanentes ou professores que vinham eventuais. Mas...

LS – Isso eu não me lembro.

AS – ...nós acabamos reduzidos a 18 professores, né, no início dos anos 70. Nós éramos 18. A idéia era fechar a Escola de Saúde Pública. Era um... por isso é que quando...

AP – Esse número tão cabalístico assim, o senhor lembra desse número: 18? Não é...?

AS – Sim, porque nós éramos os “18 do Forte” ...

AP – Ah, também teve isso: formou-se um grupo, um clube?

AS – Não.... nós éramos 18 professores. Nessa época você tinha algumas alternativas. Uma alternativa...

AP – O senhor lembra de quem eram os 18?

LS – Éramos nós dois.

AS – Éramos nós dois e mais 16! (*risos*) Pra nós é o que interessa, eu não sei. Não, tô brincando. Não, eram... não, eu não sei. Agora eu estaria cometendo...

AP – Esses outros, sei lá, 42 foram... expulsos...?

AS – Não, não... Não houve expulsão formal. O que aconteceu foi o seguinte, simplesmente garrotearam, aí já foi com o ministro Leonel Miranda, os recursos da Escola de Saúde Pública. Então... o apogeu com o Blois de chegar diretamente no ministro e pedir recursos, eu entrei em 1º de julho, ganhando... acho que 500 reais, 500... cruzeiros, uma coisa assim. Um mês depois eu estava ganhando 1000 e, sei lá, no final do ano já ganhava 1500. O que era muito dinheiro! E não era assim eu, pessoalmente não, ele, Blois, ia lá batalhar, pegava o dinheiro e... isso que o Luis Fernando estava dizendo, chamava o ministro e: “Acabei de dar aumento (*falam ao mesmo tempo*) manda pagar!” Ele dava o aumento e pronto. Acabou, ele achava que merecia e tinha que ser. Então... quando isso... quando sai o Blois e entra o Sebastião que entra como um tampão, mas entra... quer dizer, não vai dizer que o Sebastião é como um tampão, mas ele sabe que a contribuição dele não chegou a ser significativa. Era um período muito conturbado. Acho que a importância dele, Sebastião, né, é ter mantido a Escola. Quer dizer, a idéia era acabar com a Escola de Saúde Pública! Era um antro de um pensamento livre, né? A gente dava aula, nós entrávamos em sala de aula, Luis Fernando e eu por exemplo, a gente dava aula de epistemologia. Hoje você acha a coisa mais normal, né, você trabalhar sobre a teoria do conhecimento. E a gente dava aula e dava. A aula, por exemplo, você dividia a aula em dois grupos e um ficava com o Luis e o outro ficava comigo. Assim, mas numa mesma sala. Então é o seguinte: uns vocês vão defender a posição do

mosquito e vão defender a posição dos humanos, né? Quem é agressor nessa história, né? Onde é que está, quer dizer, quem é que funciona nisso? Era sobre conceito de agressão e defesa, a gente trabalhava assim. Então vamos trabalhar. Agressão e defesa do ponto de vista da ideologia do mosquito e do ponto de vista da ideologia dos humanos, não é? Então pra gente trabalhar em cima da questão da teoria do conhecimento. Então era um pensamento, e a Escola já nessa época era uma escola, entende? Quer dizer, no sentido da formação, né, quer dizer, de pensamento. Tinha uma... tinha uma contribuição para o conhecimento específica e muito característica dela, diferente completamente dos demais. Então não era nada interessante você ter um grupo pensante dessa forma.

AP – Sim, mas aí dos 60 pra os 18? Como é que fica?

AS – Vai saindo isso porque quando o Blois perde esse poder de barganha, inclusive financeiro e nas novas administrações, nesse momento, o ministro da Saúde inclusive faz uma experiência... – a gente vai ter que ir aos alfarrábios pra saber – ele faz uma experiência, o Leonel Miranda, de... é feita aqui em Petrópolis e numa outra cidade, não sei se no Rio Grande do Norte, creio, em que cada pessoa, cada brasileiro teria direito a escolha livre do seu médico. Então você ia, escolhia o médico e o Ministério da Saúde pagava, né? Isso, nos primórdios... muito antes do Sistema Único de Saúde que você tem, mas nos serviços instituídos. Você tinha direito ao médico particular. Então ele faz um ensaio em duas ou três cidades brasileiras, uma é Petrópolis, e com esse ensaio ele simplesmente liquida os recursos do Ministério da Saúde. E por essas razões, outras de ordem, pra mim, já de ordem política clara, não havia interesse da manutenção da Escola. Então nós passamos: 70, 71, 72 e não sei se 73, sem aumento e numa época em que a gente já estava com bastante dificuldade. Então quem tinha outra perspectiva, tinha outra idéia, não sei das quantas, foi mais ou menos saindo, ou se encontrava alguma resistência interna desde a direção, algum tipo de coisa... esvaziamento de cursos... o cara ia sair... ficamos 18. Como os “18 do Forte de Copacabana” nós nos apelidamos também de “Os 18”.

LS – Depois a coisa vai se arrastando até Vinícius, né?

AS – É, isso vai se arrastando ainda por um longo período. Por um longo período.

AP – Até Vinícius por quê? Porque com Vinícius...

LS – Vinícius foi importantíssimo! Vinícius bota dinheiro aqui, aumenta salário...

AS – É, isso que eu ia dizer.

LS – Porque Vinícius era o cara que pegava o telefone e...

AS – Era com o Reis Veloso.

LS – ...era o Reis Veloso. Ele dizia: “Eu faço, eu quero...!”

AP – Isso já era com o Figueiredo, né? Com o Geisel.

AS – Não... acho que era... Não, era Figueiredo, era Figueiredo! (*falam ao mesmo tempo*) Era Figueiredo.

AP – Sim, mas era ministro do Figueiredo.

AS – É só ver a data que ele entrou e checar...

AP – E o Vinícius se dava com o Reis Veloso. Assim, diretamente, uma relação...

LS – Diretamente!

AS – Não, diretamente. Eu acho que eles tinham uma empresa de consultoria de planejamento.

LS – Porque eles começaram com o negócio... (*pigarro*) aí tem um detalhe importante, que era como é que o IOC era um cadáver putrefato fedendo, o IOC, né, (*risos*) na Avenida Brasil. Porque era separado o IOC da escola. Então...

AS – O velho conflito aí.

LS – Aí começou... não... não era bem isso não. Era separado, era pra lá. E a Escola era pra lá. Aí o... eles foram pedir ao ministro, o ministro da Saúde era o Paulo de Almeida Machado e coisa. “É, tá bom.” Mas quem tinha poder era o Veloso. Aí andaram mexendo: “Quem que vai ser, como é que vai ser e coisa...?” Aí eles... aí o Veloso disse assim: “Tudo bem, eu boto dinheiro lá, eu faço, mas eu vou botar um homem de confiança minha.” E aí botou o Veloso.

AS – O Vinícius.

LS – O Vinícius. Quer dizer, reproduzia o modelo do Oswaldo Cruz que era um diretor com poder, poder pra poder passar por cima da burocracia, senão não faz (?) nenhuma. Era o Blois e era novamente o Vinícius nesse sentido. Ele pegava e gastava o dinheiro, pagava, fazia e... como Oswaldo Cruz também fazia, né, pegava a verba da Saúde Pública e construiu esse castelo. (*risos*)

AS – Já começa assim no Oswaldo Cruz.

LS – O Oswaldo Cruz começa assim. Então ele tinha muito poder. Aí deu uma arrancada, integrou... porque antes tinha a questão do Rocha Lagoa que queria fazer do IOC uma fundação. Todo mundo queria fazer fundação. Naquela época fundação parecia ser aí não podia mais, (?) mudou a regra. Aí o Lagoa fez assim: pegou o IOC e botou dentro da Fundação Ensino Especializado de Saúde Pública, que era a nossa escola. Mudou o nome de Fundação Ensino Especializado de Saúde Pública pra Fundação Instituto Oswaldo Cruz. E integrou a...

AS – Não, porque eu queria ver um cafezinho pra nós.

LS – Aí ficou uma coisa só e ele fez funcionar integrado. Aí o primeiro presidente foi o Oswaldo Cruz Filho, mas ficou cada um isolado e o ministro integrou isso. fez, começou a...

AS – Agora, não tem muita história nesse meio aí, nesse meio de (?) de uns e outros. Quer dizer, eu... se a gente ainda voltasse um pouco, quer dizer, nesse aí... quando vai chegando em 70, 68 quando o Blois sai, 69... 70, não é? Aí a ...

AP – Sebastião...

AS – Sebastião (?) não sei se é o Oswaldo que vem depois... Não, aí vem o (*Rizzi?*) ...

LS – Rizzi...

AS – ... (*La Corte?*), o Rizzi...

LS – Não, o... Rizzi.

AS – Rizzi. João Batista Rizzi...

LS – La Corte...

AS – Depois vem La Corte, né, e depois é que vem o Oswaldo Costa, eu acho. Essa... o Oswaldo era chefe do Departamento de Administração e Planejamento. O La Corte era de fora, o Rizzi era de fora também. Mas esse período foi um período muito difícil, quer dizer, pra manter. Então os 18, né, que eram 18, a idéia nossa era realmente de manter a Escola de Saúde Pública. A gente tinha isso, entre outras coisas, como perspectiva, era o que a gente fazia, o que sabia fazer e queria e estava a fim de fazer, né? Então foi essa a, digamos assim, nesse período mesmo que a gente trabalhava. (*falam ao mesmo tempo*)

AP – (??) ainda dentro do espírito do Blois ou...?

AS – Mantinha com o departamento, mantinha...

AP – ...interdisciplinar... cursos disciplinares...?

AS – Mantinha, mantinha. Aí mais do que nunca.

AP – Interprofissionais...?

AS – Aí mais... aí mais do que nunca.

AP – ...médicos, enfermeiros...?

AS – Mais do que nunca porque o número de cursos diminuiu muito, né? Então a gente agregou. Agregou entre outras razões, primeiro por uma questão, quer dizer, de ordem

conceitual mesmo, não é? Colocar todo mundo junto. Era a idéia da formação do generalista, né? Quer dizer, era uma anteposição à especialização. E aí...

AP – Generalista em Saúde Pública.

AS – Em Saúde Pública. A idéia era a formação do generalismo. Os únicos que ficaram fora disso foram os engenheiros, né? Quer dizer, a velha disputa entre meio ambiente, saneamento e área médica se mantém ao longo dos anos. Eram os únicos que tinham cursos próprios. Mas era um curso aberto também, o curso de engenheiro você podia fazer, só que como eles tinham exigências em alguma disciplina ou muitas disciplinas voltando no campo da própria engenharia, era mais difícil pra outras... pra outros profissionais. Mas o que já não acontecia em relação ao Curso de Saúde Pública. Então o Curso de Saúde Pública tinha ênfase, evidentemente, nas Ciências Biológicas, a...

LS – Não, mas aí começa a crescer a Ciências Sociais...

AS – Aí começa a crescer a Ciências Sociais, né? Até porque, isso tem que estar sempre colocado como o Luis estava dizendo, na circunstância, no momento em que a gente está vivendo. Não é? (*falam algo*) É. Então politicamente você está abaixo de um processo de repressão extremamente violento, não é? A gente está com o Médici aí em cima. Então qual é o espaço que tem, entende, pra as pessoas que estão pensando, que estão vendo a coisa. É... digamos assim, do ponto de vista da Saúde Pública é muito mais o espaço da denúncia, né? Agora, como é que você faz uma denúncia quando você sabe que dentro de uma sala de aula você tem alguém do Serviço de Informações que está lá, né? Quer dizer, a gente sabia que tinha nas nossas salas de aula, as nossas provas eram levadas pra fora, etc., etc. Quando me prenderam em 70, uma das coisas que eles queriam era que entregasse as provas dos alunos, né? E Houve uma pressão sobre os nós professores pra que as provas dos alunos fossem entregues, pra eles então fazerem uma análise de como é que era o comportamento de cada aluno. Besteira, não importa! Quer dizer, besteira, nada agradável, né? Mas... besteira no sentido em que não iam chegar à conclusão, às grandes conclusões além do que a gente fazia. Mas a gente dava aula! Nós entrávamos em sala de aula, por exemplo, pra falar sobre... – Está chegando o café – sobre a Revolução Russa, né? A gente fazia o que seria evidentemente considerado proselitismo, coisa que sempre existiu, né? Então além, além do campo biológico, tradicionalmente era o campo da Epidemiologia, não é, o campo da Administração e do Planejamento que foi introduzido e o campo das Ciências Sociais. Então assim a gente ia montando os nossos cursos. As Ciências Sociais, eu lembro perfeitamente que a gente começava novamente com 15 horas de aula num curso, no segundo ano já conquistávamos 30 e etc., etc., a gente... a ponto de chegarmos nesse período a ter os 10 ou 15 primeiros dias de aula dedicados exclusivamente às Ciências Sociais. Mas não era o ensino da Sociologia, da Antropologia, isso é uma outra coisa que... quando você pega a história por exemplo – agora eu vou particularizar aqui pra Ciências Sociais – quando você pega a história da contribuição das Ciências Sociais ou a introdução ou formação das Ciências Sociais no campo da Saúde Pública, você tem pessoas que vem do campo, que aprofundam um campo teórico das Ciências Sociais, né? (*Por exemplo, Cecília Donangelo?*) em São Paulo, né? Então começa uma contribuição forte. (*O Gandra?*) em Belo Horizonte... Mas é, digamos assim, da Sociologia e Política, né, no campo, aplicado ao campo da Saúde, vamos chamar

assim, não é? O que nós fazíamos aqui na Escola de Saúde Pública era o revés: a gente aprendia o jargão dos médicos, né, e com o jargão deles a gente introduzia, media a dimensão das Ciências Sociais. Então a escola vai ser formuladora, digamos assim, no pensamento das Ciências Sociais mais tarde, com o Programa (*PEPE e PESES?*) um pouquinho mais tarde, nos 70 e qualquer coisa, 77, 78... pra lá, né, onde você já vê mais o desenvolvimento no caso das Ciências Sociais, que eu estou me referindo. Não é o caso das Ciências Biológicas ou do Saneamento, não é? Ela teve liderança sempre na formulação do pensamento e no próprio plano do Planejamento e Administração. Não é? Eu estou me referindo ao campo das Ciências Sociais, especificamente, né? Então o que nós fazíamos era nos apropriar. Então por isso é que até hoje eu tenho muito orgulho de ir chegando nos meus 37 anos de exercício ilegal da medicina. (*ri*) Tinha que aprender o jargão médico pra trabalhar! Nós não entrávamos em sala de aula pra dar aula de Sociologia ou de Política ou Economia. A gente pegava as categorias e os conceitos e numa linguagem acessível aos profissionais que estavam assistindo aula, a gente trabalhava com ela. Assim que a gente fazia. Até mesmo porque se você fosse trabalhar, por exemplo, você não podia falar, e era na época em que a gente trabalhava, né, com conceito “classe social”, né? Pra você trabalhar sobre a questão da distribuição das enfermidades. Entrava em sala de aula, né, você fazia, mostrava num mapa como é que era a distribuição de determinadas enfermidades no Brasil, né? Como é que se relacionava isso por exemplo, com pobreza. Então no auge das discussões de classes sociais (??), era o que a gente fazia. Mas é claro que a gente não usava, entende, “Vamos agora ter uma aula sobre classes sociais pra vocês entenderem o que é pobreza no Brasil.” Não! Não, a gente usava esse conceito pra discutir o que é que acontecia. E aí eram coisas fantásticas porque... com isso você tinha a contribuição de professores que não eram radicalmente abertos, né? Não estou dizendo de nenhuma teoria marxista não é isso não, mas de alguma, algum tipo de percepção mais social ou política das questões de saúde que participavam dentro, participavam das aulas. Então assim a Ciências Sociais, ela ia entrando, ia participando disso, né? Tanto que eu estou particularizando, só dando um exemplo de como é que nesse período a gente conseguia trabalhar com a questão das Ciências Sociais.

LS – E era inovador nesse sentido.

AS – Completamente inovador. Inovador! Porque era só a dimensão biológica. Ciências Sociais era só uma coisa que na abertura de qualquer, das poucas teses que existiam ou dos poucos livros sobre saúde Pública, na abertura alguém colocava: “O Brasil é um país...” – Isso era Ciências Sociais – “...de dimensões culturais e de dimensões continentais, não sei das quantas...”

AP – Diferenças não sei quê...

AS – Diferenças regionais, sociais, ‘tá, tá, tá’...” Pronto, fechou. Se chamava em torno da saúde, duas páginas. Agora vamos ao que interessa, né, o mosquito... (*ri*) flebótomo não sei o quê, ‘tá, tá, tá’... Aí vinha a descrição e entrava a história dele. Essa era a forma de ver, né? Então era assim que a gente trabalhava. Então isso era inovador, isso era o possível, entende, naquele momento e aí, de uma certa maneira, era o que a gente sabia fazer também, né? Nós, quer dizer, o grupo de Ciências Sociais, não era um grupo de teóricos da Sociologia, de Política ou da Antropologia e da Psicologia não. As pessoas pegavam e aplicavam isso ao

contexto desse... de medicina, né? Já ia se formando então um pensamento e que era um pensamento completamente diferente. Por isso que quando eu... eu tenho particularmente, ou particular despreço por uma frase que foi cunhada, acho que de uma dessas teses, alguma dessas coisas assim, que dizia que a escola de Saúde Pública era o berço do oficialismo. Berço do oficialismo... *(ri)*

LS – É, tem muita coisa... tinha...

AS – Que é quem pariu essa frase, porque... isso aqui nunca foi oficialismo. Quer dizer, essa história não é história, não é história oficial.

LS – Eu vim da Escola de Medicina, não existia não havia cadeira de Medicina Preventiva, não havia nada disso. Tinha uma cadeira de Higiene que ensinava coisas de higiene, de bacteriologia, de coisa. Tinha a cadeira de Medicina Tropical onde eu era assistente... Isso é depois aqui. Um dia eu ia no corredor da escola, aí disse... vinham uns jovens dizendo: “Não, aqui se organizou um grupo que impôs a Ciências Sociais, quer dizer, trouxe...!” Não foi nada disso! O Blois foi um déspota esclarecido que começou isso, que abriu, né? Um déspota esclarecido que abriu a Escola pra o ensino de Ciências Sociais e inovou! Inovou sem dúvida nenhuma. *(falam juntos)*

AP – (??) do oficialismo porque também está produzindo um conhecimento que vai meio na contra-mão... *(falam ao mesmo tempo)*

AS – Totalmente na contra-mão!

AP – ...que se produzia indo na contra-mão do (status co?), né? Estamos na década de 70 aí, com o Médici...

AS – Nada! Totalmente, totalmente...! Não tem nada que ver, entende? Eu estou dizendo isso porque não li, nem sei mais de quem é essa tese, mas sempre... me falam isso dessa época. “Mas vem cá, mas não era o berço do oficialismo?” Mas como é que era o berço do oficialismo? “Não, mas eram os cursos, eram...”

LS – Porque cada um vai interpretando depois.

AS – Não, pois é, mas eu estou colocando aqui porque...

AP – Inclusive porque é uma questão que vai permear a nossa conversa aqui o tempo todo que é a relação entre o que se produz em matéria de conhecimento na Escola, de profissionalismo na Escola, e a relação com as políticas públicas federais...

AS – Claro! Porque você vai ter...

AP – Nesse caso que nós estamos vendo, pelo menos nessa época aí da década de 70 é que as políticas públicas federais estão indo num caminho e a Escola está indo em outro...

AS – A Escola vem vindo... ela vem inovando. Ela vem inovando, sabe? Quer dizer, ela... se você quer uma coisa bem oficial por exemplo, é a IV Conferência Nacional de Saúde que acontece na Escola de Saúde Pública em 1967. A IV Conferência Nacional. Porque as memórias, elas evidentemente se restringem ao tempo, a não ser que seja um estudioso como você, né, ao tempo que a pessoa viveu, tá certo, né? Mas a IV Conferência se dá aqui, sobre Recursos Humanos. Então é uma conferência só sobre profissionais da área da Saúde, etc. Então aí sim, você tem uma coisa assim: essa é a versão oficial sobre a questão dos Recursos Humanos, vai ser colocada. A escola coloca a sua posição, o Blois já coloca. Ele traz já em 1967 pra dentro da Escola de Saúde Pública, a discussão federal do Ministério da Saúde, as conferências nacionais tinham essa dimensão, então a IV teve, a discussão sobre recursos humanos. E tem as fotografias, eu me lembro perfeitamente do Carlyle, por exemplo, do Mozart de Abreu e Lima que eram professores de... digamos assim, de princípios de Economia e de Sociologia antes do Blois, antes de a própria escola aqui estar na Leopoldo Bulhões, não é? E outros tantos. Então o que se discutiu ali já foi um início de ruptura sobre a questão do ensino e da formação de recursos humanos, não é? Evidentemente que aquilo ali não foi aplicado, ou grande parte das resoluções daquela conferência exatamente porque se estava num momento depois, 68, 70 e etc., etc., completamente diferente. Mas a Escola continuou, entende? Quer dizer, aquilo que ela tinha proposto dentro dos limites que nós tínhamos, a gente continuou, né? E você tem cursos, por exemplo, cursos de 68 que já era curso de mestrado. O Eduardo faz, o Círio faz... Quadros que vão depois pra Organização Mundial da Saúde no combate à varíola no mundo. O combate da varíola no Brasil, a organização, a estratégia... esses são quadros que saem aqui da Escola Nacional de Saúde Pública, né? Eles estão aqui, eles saem daqui! Então ela... também do ponto de vista técnico, ela é formuladora. A introdução de tecnologia de planejamento em saúde (*SENDS? OPS?*), não sei, hoje você condene, você talvez... esteja reduzido ao aspecto da recuperação histórica. Como técnica, como metodologia, como planejamento, estratégia... Um dia eu também vou ser história tanto quanto foi o outro, né? Mas *SENDS* e *OPS* era uma inovação e que foi trazida pra Escola Nacional de Saúde Pública. Entende? E daqui é que esse negócio, a gente ia irradiando pelos alunos que iam entrando. Então os alunos, não é, quando retornavam e retornavam pra os seus estados, então você tinha... você já começava a levar pra os estados esse pensamento inovador. Então a idéia de fechamento da Escola também, porque isso tinha uma repercussão clara nos estados, não é? Isso a gente foi verificar mais tarde, um pouquinho depois com os cursos descentralizados. Em 75 se fez uma primeira reunião aqui na Escola de Saúde Pública e nessa reunião nós decidimos... (*pigarro*) uma reunião pra qual nós convidamos pessoas dos estados. Veio Elisa de Belém do Pará, veio o (?) que era diretor então de uma Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul... Não sei quem mais... o (*Ayrton? ?*) do Rio Grande do Sul, desse eu lembro... E nesse curso, quer dizer, como nessa reunião com os professores nós decidimos começar com os cursos nos estados, tá? Porque o que estava acontecendo é que os alunos vinham pra o Rio de Janeiro e depois não queriam voltar pra os estados. Quer dizer, as condições de trabalho lá eram piores e eles já estavam acostumados inclusive com a vida, né, no Rio de Janeiro e queriam permanecer mais aqui do que... (*interrupção da fita*)

Fita 2 - Lado A

LS – ...vai se aprimorando. A pesquisa na área de Ciências Biológicas cresce e se torna cada vez mais competente, com mais financiamento e com mais recurso, etc. Se você se lembrar do CNPq de 50 e poucos, 53, qualquer coisa assim, então eu me lembro ainda do tempo em que a gente ainda improvisava com caixa de sapato que trazia de casa, essas coisas, tinha poucos recursos. Agora você vê o que é que é, a facilidade de mandar gente pra fora, vem gente de fora... Então há um crescimento na pesquisa, esse negócio de dizer: “Ah, porque a ditadura destruiu a pesquisa científica...” não é verdade! Ao contrário! E está aí o Vinícius, é um exemplo disso. Botou dinheiro à beça e a coisa cresceu! Então é ambíguo, tem uma porção de ambigüidades nessa história que às vezes uma leitura mais simplista, não pega, né? Mas a pesquisa científica... (*falam juntos*)

AP – Acho que o que o Arlindo quis dizer é que, quer dizer, nesse período, entre a saída do Blois e Vinícius, né, esse interregno aí, quer dizer, a escola continua funcionando apesar dos 18 do Forte, (*falam ao mesmo tempo*) continua funcionando e mantendo...

AS – Funcionando... diminuiu o número de cursos, não é?...

LS – Não, passou, mas de uma fase de recursos...

AP – Com mais restrições, com mais limitações orçamentárias...

AS – Com mais restrições... Não, e precisa lembrar também o seguinte, que nessa época, quer dizer, você, as pessoas que já vinham nesse tipo de pensamento, não é? Quer dizer, que já vinham desenvolvendo o pensamento, e participando e trabalhando ativamente... quer dizer, eu fiz menção ao grupo da... de 1968... tem alguns, existia um curso de Saúde Pública, tá? Depois tinha outros cursos...

LS – Era o curso, né?

AS – É, era o curso de Saúde Pública. Depois a gente dava outros cursos também, mas era o curso central. Nesse curso é que a gente jogava todas as moedas, né, era em cima dele que a gente se debruçava. Então o grupo de 68 é o grupo que tem uma contribuição enorme, eu estou dizendo tanto em termos nacionais como em termos internacionais. Quer dizer, vai... – citando de novo – é o Eduardo Costa, é o Ciro, (*de Quadros?*) que dirigia até bem pouco tempo, até o ano passado, na Organização Mundial da Saúde, um programa de imunização para o mundo. Na época ele trabalhava com as Américas, não é? Depois foi trabalhar, foram pra Etiópia, Bangladesh, Paquistão, Índia... Toda a erradicação da varíola foi feita sob o comando dessa turma daqui, o Cláudio Amaral que fez curso também, a...

LS – O Verani

AS- O Bebê, os guris que depois vieram: (José) Verani, Eduardo (Maranhão), etc., etc. Mas desse curso de 68, você tem esse grupo grande. Quer dizer, de pessoas que ajudaram a formular estratégias no combate da varíola no Brasil, né? Junto com o Rizzi, Rizzi Filho, não é? Estiveram junto nisso o João Batista Rizzi Júnior, tiveram junto e depois levaram essa

estratégia também pra outros países onde eles foram trabalhar. E estratégia essa que foi depois utilizada pela Organização Mundial da Saúde no combate à pólio, continua sendo utilizada ainda no combate à pólio no mundo. Quer dizer, então não era pouca coisa, não é? Quer dizer, não era só uma coisa assim do ponto de vista ideológico, né, que a rapaziada discutia. Era, se você quisesse catalogar numa catalogação infeliz como sempre, né, esquerda, eram pessoas de esquerda. Eram pessoas que tinham vivido na Amazônia antes de virem pra Escola de Saúde Pública fazer o curso em 68, por exemplo, eles foram trabalhar na Amazônia. Foram pra Lábrea... sei lá pra que outros lugares na região Amazônica. Depois que passaram pela experiência da região Amazônia é que vieram fazer os seus cursos aqui.

AP – Esses são os alunos.

AS – Esses são alunos. Eu estou te dizendo, quer dizer, já o resultado, entende, desse trabalho. Como é que o resultado desse trabalho (*falam ao mesmo tempo*) ...

LS – Eduardo Costa... eu me lembro que o Oswaldo Costa disse: “Não, vai pra Amazônia primeiro, passa um ano lá e depois você vem fazer o curso aqui.”

AS – (???) é, depois você vem fazer o curso aqui.

AP – Vai conhecer o Brasil um pouquinho.

AS – Vai conhecer o Brasil, depois você volta, aí depois você vai voltar. E esses... e são esses, entende, que assumem essa liderança no controle por exemplo. O que quer dizer o seguinte: não só você tem do ponto de vista de..., da interdisciplinaridade, isso é real, não é, você trabalha em cima de programas com várias disciplinas como do ponto de vista operacional. Quer dizer, do ponto de vista da Epidemiologia a contribuição é extremamente importante, como é importante no campo das Ciências Biológicas, como é importante no campo da... Administração e do Planejamento e não menos importante no campo das Ciências Sociais. E também não menos importante no campo do Saneamento. Quer dizer, porque o curso de Engenharia de Saúde Pública ou para engenheiros de Saúde Pública, assim chamado, né, é um curso que forma a Engenharia Sanitária, é um espaço de formação da Engenharia Sanitária Brasileira aqui na Escola de Saúde Pública, né? Aí o dr. Cynamon, Szachna Cynamon que você obrigatoriamente vai entrevistar, se é que já não tem alguém entrevistando o Cynamon, né? Que é por essa vertente que você tem. E são pessoas que vêm com experiência. Quer dizer, a formação desse próprio quadro quando o Blois vai chamar...

LS – Esse pessoal... nós... já vêm com uma experiência de fora.

AS – Já vem com uma experiência de fora. Eu era muito novo, mas o Luis já vem com experiência.

LS – Arlindo era mais jovem

AS - Mas o pessoal de Administração e Planejamento...

LS – O Bichat (de Almeida Rodrigues) era um homem com uma experiência em administração enorme. Oswaldo Costa, Néelson Moraes...

AS – Acácia que vem da área de Educação, Lenita, da área de Educação, Peixoto Vasconcelos, Elza Paim... o SESP, depois mais tarde Fundação SESP, hoje parte da FUNASA é que dá uma grande contribuição também, e por aí... Hermengarda Faria Alvin, Elza Ramos...

AP – Todos ex-alunos?

LS – Não ao contrário, já vieram para professores.

AS - Não, eu estou falando de profissionais, a gente está falando SESP... É, porque na nossa cabeça fica mais organizado do que o que a gente está falando, né? Eu estava falando assim: de ex-alunos, uma contribuição clara. Eu estou dando nome aos bois nas contribuições significativas dessas várias áreas.

LS – O primeiro grupo que veio...

AS – Agora o grupo de professores, não é? Diga Luis.

AP – Isso ainda no Blois.

AS – É, já são os que vêm com o Blois.

AP – São os 18.

AS – Não são os 18. Não, os 18 são os remanescentes disso.

AP – Desse grupo.

AS – É, desse grupo que vêm, originais. Então o SESP, né, na época eu acho que já era Fundação SESP, contribuiu com um contingente importante...

AP – A escola do Blois é uma escola agregadora, né? Ela está atrás das suas...

AS – Totalmente agregadora! Totalmente agregadora.

AP – Um sujeito que vem com, na bagagem, experiência, maturidade profissional (*falam ao mesmo tempo*) e um currículo forte em áreas totalmente diferentes e que trazem pra dentro da Escola essas experiências tão diferentes e tão diversificadas...

AS – E onde se coloca isso... isso a funcionar. Porque a gente sabia e daí essas expedições que o Blois fez, voltando às expedições do Blois, e outras coisas. A Escola tinha uma prática junto a essa comunidade, sabe, essa coisa agora que a gente tem recentemente nessa integração de projetos sociais com o COTRAN são extremamente importantes e

significativas, né, pra Fundação Oswaldo Cruz como um todo, isso a escola fazia! Quer dizer, quando você diz assim: “Há mais de... – sei lá – 35, 36 anos nós atendemos a essa comunidade aqui ao redor.” Nós atendemos porque a Escola de Saúde Pública tinha um centro e tem um centro de Saúde. Hoje um Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria. Era um centro da Escola pra atender às favelas aqui ao redor. Então a gente tinha uma integração. Então por que é que eu estou lembrando disso, porque essa ação social a gente desenvolvia e nós sabíamos, eu lembro perfeitamente de uma conversa com o Luis Fernando em que a gente dizia o seguinte: “Nós só vamos avançar na integração das Ciências Biológicas com as Ciências Sociais na hora em que a gente fizer alguma coisa de concreto, alguma coisa de prático. Ou trazer pra nossa discussão alguma coisa de concreto ou alguma coisa de prático.” Não adianta o Luis Fernando estar falando, entende, da questão dos aspectos que você quiser ou biológicos da questão da saúde ou biologia ou parasitologia pura e eu estar falando de sociologia e política pura com os caras porque isso não vai, não entra! A não ser que o objeto, não é, seja comum, que a gente esteja trabalhando com ele. Então aqui, o Centro de Saúde Germano Sinval Faria com essa comunidade toda ao redor, ele era um espaço também dessa integração, quer na ação desenvolvida pelo centro ou pelas pesquisas que eram feitas. Aí a gente até abusou um pouco das pesquisas. Chegou um tempo em que a gente até brincava que quando você batia numa casa aqui nas favelas, perguntando pra as pessoas, se apresentando e dizendo que era da Escola de Saúde Pública, dizendo que estava fazendo uma pesquisa, eles perguntavam assim: “Sobre o que é que é a sua pesquisa?” A gente dizia: “Não, sobre condições...” “Só um momentinho.” Ia lá dentro, entregava um questionário preenchido, tal era o número de pesquisas que já tinham... (*falam ao mesmo tempo*) (*ri*) sido feitas aqui.

AP – Já tinha sido pesquisado.

AS – Já tinha sido pesquisado.

AP – “É aquela ou é essa?”

AS – “Como é que o senhor quer?” É, “tem aqui, ó! Toma essa pra cá, essa pra lá.” Pois é, vai dizer que havia esse esforço, né? Por que é que eu estou dizendo isso, porque na circunstância que nós estávamos... – localizando de novo no tempo aí – década de 70, né, a situação complicada, a possibilidade de intervenção desse pensamento era muito limitada, não é? Então a gente tinha nossa experiência aqui. O nosso curso era um curso absolutamente experimental, até que voltando em 74, nessa reunião que nós fizemos aqui no Rio, se juntou gente do Pará, gente do Rio Grande do Sul, creio que de Pernambuco também e Bahia, eu acho, e começamos a trabalhar sob a hipótese de descentralizar os cursos que nós dávamos aqui na Escola. Porque o número de pessoas era muito limitado aqui. Os recursos eram limitados, mas havia uma demanda muito grande, queriam formação de recursos...

LS – Não, mas é que começa também a você desenvolver os estados. O Brasil cresce e você passa a ter um bando, um número grande de escolas de Medicina, secretarias de Saúde com pessoas que tinham curso. Então você começa a ter condições de fazer esse curso. Nesse começo não tinha... não tinha.

AS – É, não tinha. Era, quase como diriam os antigos: “tábula”. É, tábula rasa. E nessa época você já...

LS – Então aí se começa a fazer os cursos descentralizados que vão que vão chegar a esse ponto...

AP – São pós Vinícius? ...

LS – Não, são antes!

AS – Os cursos descentralizados... não, são antes, em 75. São antes, são antes... Vinícius. Eles em... 74 nós fizemos essa reunião. Em 75 começa um curso em Belém do Pará e um curso no Rio Grande do Sul.

AP – Pra tentar caracterizar esse período, se a gente puder marcar o Blois e o Vinícius como dois marcos dentro da história da Escola, esse interregno entre os dois tem um lado que o Arlindo está falando de manter a chama acesa, né, de manter a esperança, manter os cursos com as limitações, mas já na década de 70 como você está falando, ampliar, né, com uma nova estratégia que é essa estratégia da descentralização, né? Em função desse país de dimensões continentais, existem esses estados...

LS – Não, porque nesse meio tempo também a coisa ia sempre pra mim, na minha vez, sempre ambígua, quer dizer, tem dificuldades e tem avanços. Não é parado, totalmente parado.

AS – Não, não é não.

LS – Não. Anda-se, se tem idéias, a gente estava lá! Quer dizer, tinha eu e o Arlindo, os dois grandes diretores... (*risos*) dois grandes... ainda fomos diretores, isso é depois, né? Isso é bem depois. Eu fui diretor e o Arlindo também foi diretor.

AS – É, isso é depois. Era vice, depois eu fui diretor, Luis foi o vice.

LS – E eu era vice, ele era diretor, eu era diretor, ele era vice... (*risos*) depois ele foi diretor e eu fui vice. A gente mexeu coisa que não acabava mais!

AS – Mexemos muita coisa.

LS – Não tinha, cada um de nós, pessoalmente a força política de pegar o telefone e ligar pra o ministro e dizer: “Olha, eu já fiz.” Essas coisas que o Blois fazia e que o Vinícius também fazia e coisa. Isso aí não tinha. Mas inventava coisa, fazia...

AS – Pois é, eu tinha... (*pigarro*) é isso que o Luis está dizendo, quer dizer, não é terra arrasada. A gente sabe disso. Por outro lado... você nessa época, quer dizer, nos anos 70, nos anos mais duros, né, da ditadura, né, você tem a luta armada, você tem as guerrilhas. Então nesse campo de relações, entende, com o qual a gente trabalhava, tanto de alunos quanto... sabe, a gente tinha algumas opções. As opções que eram dadas pra as pessoas que tinham,

que pensavam diferente do que pensava, do que determinava a ditadura era ou de você ir pra o campo, ir pra guerrilha ou você ficar na cidade. Mas ficar na cidade representava você... ter alguma proposta, né? Quer dizer, a gente não vinha... não é só uma questão de ordem política, mas na hora que você começa a discutir a determinação social, política e econômica das doenças, entende, junto com a dimensão biológica, evidentemente que começa a abrir a cabeça, não é? E você quer alguma coisa a mais, você quer pensar um pouquinho mais sobre isso, né? Você quer avançar um pouquinho mais sobre isso. E o espaço, como eu estava dizendo, de intervenção era limitado. Nós fazíamos isso aqui na Unidade. E quando a gente começa os cursos descentralizados em 74, é uma forma também de a gente expandir esse pensamento. Então há pessoas, como o Luis já dizia, quer dizer, já havia sementes ou pessoas com igual inquietação em outros estados brasileiros que aí foram se juntando e começaram então os cursos descentralizados. Então os cursos descentralizados eram muito interessantes porque o primeiro ano de qualquer curso e nós fomos abrindo curso em todo Brasil, depois nos anos subsequentes.

LS – Depois tinha no Brasil inteiro.

AS – No Brasil inteiro! 60 e... 60. 75. 76 nós tínhamos no Pará, no Rio Grande do Sul, em Pernambuco, tínhamos na Bahia, pelo menos esses quatro (*falam algo*) além do curso aqui no Rio. E já juntávamos esse bolo todo de gente pra cá pra fazer anualmente uma avaliação dos cursos onde nós discutíamos o conteúdo de cada uma das disciplinas e integração entre as disciplinas. E com isso o que é que a gente fazia? Então pega um curso qualquer, o curso 'x'. No primeiro ano os professores eram os professores daqui da Escola de Saúde Pública, né? Então a gente ia pra os estados e dava aula, entendeu? Teve anos em que eu dei 400 e não sei quantas aulas, sei lá, oito ou nove estados brasileiros. Saía dando, além das aulas que dava aqui no Rio, né, por todos os lugares onde tinha cursos descentralizados. Então o primeiro ano eu ia, por exemplo, dar aula na chamada “Ciências Sociais”, né? Quando chegava lá eu identificava ou o aluno ou alguém numa faculdade de Medicina ou algum outro lugar, a Fundação SESP, ou fosse o que fosse. Os cursos eram: Escola Nacional de Saúde Pública com a Secretaria de Saúde e com a universidade. Normalmente era esse o triângulo, né, eram os três que participavam, o certificado era nosso, né? Quem podia dar a titulação era a Escola de Saúde Pública. Mas então a gente (??). Então nesses a gente a gente identificava alguém. Com isso – e isso é que eu quero deixar muito claro – com isso os departamentos de Medicina Preventiva, Social, Higiene foram crescendo! Um crescimento, grande crescimento dos departamentos de Medicina Preventiva e Social, com outras circunstâncias se dá nessa época com a contribuição decisiva da Escola Nacional de Saúde Pública. (*falam ao mesmo tempo*)

AP – Esses cursos geraram filhotes. (??) (*falam ao mesmo tempo*)

AS – (??) como fortaleceram, porque eles deram crédito institucional aos departamentos combatidos ou muito fracos que eram os departamentos de Medicina Preventiva e Social, o nome que tivesse, ou de Higiene.

LS – A mudança, pra você ter uma idéia, você hoje no Acre... há pouco tempo veio um amigo – um rapaz, foi aluno, trabalhou aqui – professor na escola de Medicina no Acre. Quer dizer,

era inimaginável nos anos 50 – eu estou fazendo um tempo grande pra... – você imaginar uma faculdade de Medicina no Acre! Não tinha! Tinha quanto mundo escola primária...

AS – É... Ah, sim, a faculdade! (*falam ao mesmo tempo*)

LS – (??) não... de existir. Era essa mudança é que a minha geração – o Arlindo ainda é um pouco mais moço que eu – pegou essa mudança. A mudança dos anos 50 pra hoje é muito grande em termos de pesquisa científica, isso que o Arlindo está dizendo. Quem é que ia imaginar um bando de historiadores aqui dentro?! Não, bota pra fora! (*risos*) Bota pra fora!

AP – Mas esses cursos...

AS – Aliás até hoje nós nos arrependemos de (*falam ao mesmo tempo*) (??) Casa de Oswaldo Cruz nisso. (*risos*)

LS – E o que é que imaginava isso aí... 70, 60, (??) muita mudança. É preciso entender a mudança...

AS – O país está em mudança, o país está em mudança, né, e a gente teve condições disso. Teve condições.

AP – Não, digo, então esses cursos descentralizados acabaram formando novos líderes em Saúde Pública nos seus respectivos estados, não é isso?

AS – Professores das várias disciplinas se integraram aos departamentos de Medicina Preventiva...

AP – Reforçando essas áreas lá nos estados, né?

AS – Reforçaram, reforçaram. E nessa época, o Paulo inclusive foi coordenador, nós tínhamos...no momento chama-se “Treinamento Avançado em Serviço”, né? Que na Escola de Saúde Pública a gente fazia essa integração que a gente buscava aqui...

LS – Isso era Vinícius.

AS – Era Vinícius, né? E o Eduardo também estava nisso aqui, o Eduardo Costa, na organização disso. O... os TAS, isso aí depois o Paulo foi governador, era já a formação disso. O... não só interdisciplinar, mas multiprofissional. Eram treinamentos pra várias categorias. No caso, a maioria eram médicos e enfermeiros, né? Que participavam desse (??).

LS – Que já pegava a Fundação inteira. Inclusive...

AS – É, pegava já.

LS – O IOC...

AS – E aqui é que começa a residência em Saúde Pública. Disso aqui é que deriva a residência em Saúde Pública. A regulamentação da residência em Saúde Pública deve-se em grande parte a essa experiência da Escola de Saúde Pública que se dissemina pelo país inteiro. Por quê? Ao mesmo tempo você já tem os departamentos de Medicina Preventiva e Social fortalecidos dentro das faculdades de Medicina. Também... – não estou dando exclusividade aos cursos, mas estou dizendo – mas também significativamente pela contribuição na presença dos cursos de Saúde Pública nessas faculdades. Veio... na... nos cursos onde essas faculdades participaram, entende? Então esse é todo um processo de interfertilização num país que está passando por mudanças... muita, muita, muita! Quer dizer, não só de crescimento de população, de perfil economia, perfil demográfico, perfil epidemiológico... você tem uma série de mudanças no país que estão acontecendo. Então é um campo fértil, né, numa época de plena ditadura, até porque a gente tem a impressão de que essa capa da ditadura, ela é suficiente pra acabar com tudo, não é? Mas não é! Evidentemente você tem movimentos correndo, não estou me referindo só a guerrilhas, né? Mas você tem contra hegemonias ao longo de todo tempo. E uma dessas contra hegemonias estou certo é a contribuição, entre outras – não estou sendo exclusivo não, estou falando da Escola Nacional de Saúde Pública, né? – da Escola Nacional de Saúde Pública na formação do pensamento na Saúde Pública. Aí chega um ponto, no final da década de 70, início dos anos 80, que nas secretarias estaduais de Saúde Pública no Brasil inteiro – não estou me referindo a um ou outro estado – possivelmente com exceção de São Paulo que continuava e continua...

LS – São Paulo sempre foi independente.

AS – ...sempre corre independente, não é? Você terá sempre um egresso da Escola de Saúde Pública. Um, dois, três, dez, vinte... quantos forem.

AP – Esses cursos descentralizados.

AS – Dos cursos iniciais ou dos cursos descentralizados.

LS – Ou dos iniciais aqui.

AS – Então a formação do pensamento da Saúde Pública, né, deve-se muito aos cursos descentralizados de Saúde Pública que devem muito ao curso de Saúde Pública desenvolvido pela Escola a partir dessa concepção ampla que a gente estava colocando aqui da idéia do Blois, né? Quer dizer, nós estamos falando da contribuição da escola, não estou dizendo e vou repetir ao longo dessa nossa conversa, que não é exclusiva, mas é significativa a contribuição da Escola para esse pensamento

LS – Não, porque esses estados vão criando condições pra eles e eles também. Então foi um processo no Brasil inteiro...

AS – (??) Tanto era importante o processo que há tentativa de fechamento de cursos. O curso de Pernambuco, isso aí já era com o Ernani, Ernani Braga era já diretor da escola. Isso foi em 82, 83, uma coisa assim. Tentaram! Havia apostilas que eram subversivas, né?...

AP – Censuradas também? Não.

AS – Não. Mas tinham sido... Na prova de seleção pra Pernambuco – aí já não sei se foi 82, 83, uma coisa assim no estilo – do material, da bibliografia recomendada, né, pra prova de seleção, tinha alguma coisa que eles consideraram que era subversiva. Eu não lembro mais o que era. Josué de Castro, alguma coisa assim.

LS – É, mas o Ernani resolveu isso.

AS – Não, o Ernani resolveu. O Ernani bateu... (*falam ao mesmo tempo*) bateu na mesa também...

AP – Como é que o Ernani resolveu isso?

LS – Bateu na mesa, pegou o telefone e...

AS – Ele assumiu... ele assumiu.

LS – ...e assumiu. E...

AS – Veio o processo pra cá e ele disse que a responsabilidade era do diretor da Escola Nacional de Saúde Pública, portanto ele como diretor assumia integralmente a responsabilidade daquele processo de seleção. Pronto. E mandou...

AP – Você acha, Arlindo, que cada curso descentralizado também tem uma historiazinha, tem uma especificidade?

AS – Tem.

AP – Tem o que ser contado?

AS – Ah, tem.

AP – Tem um problema, tem umas diversidades regionais... das elites locais...

AS – Todos têm... Lógico! Todos têm.

AP – ...secretário de saúde local...

AS – Sim, claro!

AP – ...diretor da faculdade de Medicina... injunções particulares de cada um dos cursos?

AS – Todos eles têm! O que nós fazíamos...

AP – Até o nível de adesão também, né? (*falam ao mesmo tempo*) (???) a repercussão também que o curso teve.

AS – Mas isso que eu digo, que quando... quando as pessoas pensam assim: “Aí a gente chega então à VIII Conferência Nacional de Saúde, não é? 1986. Já havia a redemocratização em 85, aquela coisa. Claro! Mas a VIII Conferência, ela é um momento de consolidação, de, digamos assim, de conquista política de um pensamento que já está aí pelo país inteiro! Sabe a idéia do Sistema Único de Saúde, saúde é direito de todos, dever ‘tá, tá, tá’... a forma de financiamento e organização de serviços, etc., isso é alguma coisa acumulada ao longo desses anos todos, né? E eu estou certo que os cursos descentralizados de Saúde Pública são extremamente importantes pra isso. Quando você faz as conferências nos estados já preparatória pra VIII Conferência, né, e do que é o método atual de conferência em todos os estados e etc., você tem nitidamente, digamos assim, a percepção desse pensamento da Escola Nacional de Saúde Pública através de cursos descentralizados, né? Não é ela sozinha, vou repetir à exaustão. Mas a contribuição dela é extremamente importante para isso. E cada estado depois vai, evidentemente, desenvolvendo. E repito: cada ano nós juntávamos todos os cursos descentralizados e fazíamos uma avaliação. E pra responder ao que você estava dizendo, no início as disciplinas eram as mesmas pra todos os cursos, com os mesmos conteúdos. À medida em que o tempo vai avançando e as escolas... até a formação das escolas de Saúde Pública nos estados, mas como centro de formação de pessoal nos cursos foi se consolidando nos estados, na nossa carga horária a carga horária obrigatória comum pra todos foi diminuindo. Então, não sei qual foi o limite, mas eu acho que a gente chegou a mais ou menos 60%. 60% eu tenho certeza, não sei se chegamos a menos do que isso em termos de conteúdos obrigatórios das disciplinas porque como a Escola dava o certificado, compreende, de formação, você era especialista da Escola Nacional de Saúde Pública no curso descentralizado. Assinava o diretor da Escola, o reitor da universidade, o secretário estadual da Saúde, né, quando fosse essa associação, mas a escola é que dava. Então pra dar o certificado ela tinha que ter a garantia de um conteúdo mínimo. O restante, esses 40% – isso eu tenho absoluta certeza, que é 60 e 40% eu lembro – né, o restante 40% era matéria regional, entende? Já pra responder se cada escola, se cada curso tinha a sua história. Tinha. Porque os restantes 40% eram questões regionais. E mais, cada aluno tinha... (*falam ao mesmo tempo*)

AP – (??) adequar o curso à realidade também...

AS – Ah, à realidade regional.

AP – E aos interesses e aos professores da região também, né? (???)

AS – É. E mais, quando você concluía o curso você fazia uma monografia. E essa monografia era fortemente incentivada – e não só incentivada como realizada – e foi sobre temática daquele estado e daquela região. Porque a nossa idéia era não tirar as pessoas de lá, mais ao contrário, quer dizer, fazer a formação lá porque elas ficariam lá e elas trabalhariam lá. Aquele era o espaço que elas conheciam, o ambiente de trabalho deles. (*falam ao mesmo tempo*)

AP – Essa idéia dos cursos descentralizados é dos “18 do Forte”?

AS – É. Era uma conseqüência dos 18 do Forte e conseqüência disso. Quer dizer, o que é que a gente faz?! Veja, você está num país com uma situação bastante conturbada do ponto de vista político, né, do ponto de vista das nossas limitações aqui, né? O que a gente vai fazer? Uma das coisas que nós aprendemos, né, que é elementar, mas a gente aprende na porrada, é que quando você tem uma ligação, uma vinculação uni, umbilical, você está frito, né? Então houve ministro que quis acabar com os cursos descentralizados e o mais engraçado é que naquele ano ele foi condecorado no Pará com uma medalha, não sei quê... ‘tá, tá, tá’, e uma das justificativas para a condecoração dele era o fato (*rindo*) da existência do curso descentralizado no estado do Pará desde 1975.

AP – Parabenizando ele por...

AS – Parabenizando ele, o que justificava que lhe tivesse sido concedida a medalha, não sei o que coisa lá. E quando houve o curso de Pernambuco, essa situação no curso de Pernambuco em 82, 83... – eu não me lembro exatamente, por aí, né? – nós não precisamos levantar um dedo. Mas os demais cursos de Saúde Pública se manifestaram. Então não só o Ernani foi extremamente positivo, entende, em trazer pra ele a questão, como também os demais cursos descentralizados começaram a enviar correspondência ao ministro da Saúde dizendo pra ele, entende, “Atenção, porque os cursos descentralizados são importantes e a gente quer manter, ‘tá, tá, ti, tá, tá’” ... né? Então a gente viu o que é que a gente aprendeu, que quanto mais nós tivéssemos vinculações com secretarias estaduais da Saúde e com universidades, maior garantia de permanência o nosso projeto tinha. Quando a gente estava ligado diretamente ao Ministério se eles quisessem, entende, no sopapo nos terminavam. Não sei por que não terminaram naquela época, não é, mas seria mais fácil. Quando a gente começou com os descentralizados, a gente sentiu que tinha então mais segurança e tinha mais força nisso, né? Então era mais complicado mexer com a Escola de Saúde Pública. E aí começou-se a abrir os cursos também pra estrangeiros, né, pra alunos da América Latina, depois mais tarde começaram a vir alunos da África... aí a gente começou alguns programas também de cooperação com a América Latina... O PAI, Programa Ampliado de Imunizações, que é aí que vêm os meninos...

LS – Outro dia eu vi num seminário que tinha aluno de São Tomé e Príncipe e de Cabo Verde, fazendo tese, né, agora.

AS – É, agora.

LS – Fazendo tese que eles vêm aqui, discutem o projeto, voltam pra pegar material lá e voltam...

AP – E tem esse momento Blois, esse momento dos cursos descentralizados pelo que vocês estão dizendo seria um segundo marco aí, né, da história da Escola.

AS – Eu acho que seria um segundo marco, mas sempre lembrando que essas coisas – eu sei que você sabe, mas a gente quer reforçar – ... (*interrupção da fita*)

Fita 2 - Lado B

AS – ...sempre lembrando que a... na... tudo isso é um processo, não é isso? Quer dizer, por que é que a gente conseguiu sair pra os cursos descentralizados? Porque a gente tinha um pensamento, a gente tinha uma experiência, a gente tinha um curso de Saúde Pública aqui na Escola.

AP – E tinha uma visão também, né?...

AS – E tinha uma visão! A gente tinha uma concepção...

AP – ...a respeito de pra aonde crescer, né?

AS – Tanto que quando os cursos de Saúde Pública passaram a ser regionalizados, parte de nós, nos dedicamos aos cursos descentralizados e outros ficaram mantendo o curso aqui. Porque as experiências em relação ao conteúdo dos cursos descentralizados eram feitas tanto nos estados quanto feitas aqui. Lembro que a Lenita foi coordenadora do Curso de Saúde Pública, eu fui coordenador também aqui, mas ela foi aqui do Rio e ele era, ele funcionava como um laboratório. Então era do resultado desse laboratório que a gente ia jogando pra os estados. E depois das reuniões que nós fazíamos com os estados, a gente avaliava e analisava o que tinha acontecido, entende? E ia propondo então as modificações. E havia uma coordenação da Escola de Saúde Pública nos cursos descentralizados, a escola estava descentralizada.

AP – Havia uma administração desses cursos aqui no Rio.

AS – Aqui, a administração desses cursos era aqui no Rio de Janeiro. Quer dizer, as frequências, as matrículas,

LS – Era tudo aqui.

AS - Os processos de seleção vinham pra cá. Eles eram realizados lá, mas eles vinham pra cá. E quando eram realizados lá, ia um professor daqui acompanhar a seleção lá.

LS – Agora, o importante também, Arlindo, é o PEPE e PESES...

AS – É, aí... logo, logo, imediatamente depois.

LS – É, porque um momento importante na história da Escola, muito importante. PEPE e PESES, que é um Programa de Pesquisa em Epidemiologia e o Programa de Pesquisa em Ciências Sociais, que entra uma verba grande e se contrata uma porção de gente e... e coisa, né?

AS – É... aí entra... *(falam ao mesmo tempo)* (???) é, o Arouca vai vir por aí.

LS – Vem por aí também, né?

AS – São dois programas que se organizam...

LS – ...de pesquisa.

AS – ...é, de pesquisa (??).

LS – Aí é quando você realmente cria a oficialização da pesquisa no sentido institucional, com verba... nesse sentido mais moderno, quer dizer, você bota o dinheiro na mão do coordenador, o coordenador contrata gente e coisa e a Escola desenvolve o programa de pesquisa nesses dois: PEPE e PESES.

AS – É. Aí deixa eu citar dois personagens dessa história. Um chama-se Oswaldo, Oswaldo Campos, hoje já falecido e outro é Sérgio Góis de Paula.

LS – Eduardo Costa também.

AS – Não, e o Eduardo Costa que vem depois no... PEPE, né? Mas estou dizendo isso porque o Sérgio, o Oswaldo e o Sérgio foram coordenadores da Finep da área, né? Então foi com eles que se conseguiu o recurso do financiamento pra o PEPE e PESE. E que era muito dinheiro. Acho que o PEPE foram 20 e poucos, 23 ou 24... projetos...

LS – Era muito dinheiro. Contratava uma porção de gente...

AS – ...de pesquisa. Era muita gente.

LS – Criou um movimento e... Esse é um momento importante também nesses espaços. Quer dizer, não era parado.

AS – Não, não era parado não, mas era onde tinha chance! A idéia nossa foi sempre essa: ocupação de espaço. Abriu? Lá vamos nós! Éramos 18, mas a gente ia empurrando. E nesse momento realmente a coisa aumenta, cresce. Aqui cresce muito e vem um pensamento crítico e vem uma contribuição teórica importante das pessoas que se agregam aqui. E depois disso, sai pra... cada um vai... vai pra o seu projeto.

AP – Já não são mais os 18 do Forte.

AS – Já não são mais os 18 do Forte. Não, não. E tem uma coisa que...

AP – Isso é década de 70?

AS – Não, isso... É, 77. Creio que em 77, Luis?

LS – Não me lembro.

AS – 76...76, 77. Não é? Ou seja, tinha espaço, tinha coisa, era (*Pelúcio?*) que era diretor do Finep, tinha uma perspectiva, né, ou seja, dentro da Finep. Aconteceu espaço, foi o Oswaldo Campos, depois foi o Sérgio pra lá e nesse espaço aí.

LS – E vem essa integração de pesquisa e aplicação...

AS – Aplicação, é.

LS – ...em pesquisa e desenvolvimento econômico ligado, pesquisa ligada ao desenvolvimento, que foi negócio do Pelúcio.

AS – É, do Pelúcio, exatamente. Então muito do que a gente tem ainda tem hoje sobre a recuperação histórica... você vai ver a história das campanhas de Saúde Pública no Brasil é um material, é um desses projetos, não é? Que passou a ser marco assim, referência, você deve ter passado por eles, né, referência pra estudar, qualquer que fosse estudar sobre história da Saúde Pública no Brasil, campanhas, etc., é uma das teses daqui. Mas aqui tem uma coisa que é interessante, isso que o Luis Fernando fala sobre... o papel, e a história tem que ser sempre vista assim, né? Quer dizer, não só do movimento social que gera, né, determinada consequência, mas o papel de determinados atores, né? Não é apologia, mas é um reconhecimento. Deixa eu te dizer, quando foi feito o projeto foi encaminhado pra Finep, eu lembro perfeitamente – eu participava dessas negociações – não era só escola Nacional de Saúde Pública mas também Instituto de Medicina Social da UERJ também estava no bojo desse projeto. Quando estava chegando ao final, ele fechou em 23 mil e 400. Eu não sei se eram 23 milhões e 400 mil, não sei qual era a moeda, aí a gente (??). Suponha que fosse 23 milhões e 400 mil, suponha que fosse isso, né, cruzeiros. É, cruzeiro. Não, hoje eu não sei traduzir qual seria, era muito dinheiro. Bom, aí quando chegou no final, eu lembro que eu estava junto com o Sérgio aqui e... não sei quem mais estava nisso aqui, certamente o Eduardo Costa também, né, estávamos examinando isso, aí a gente viu que tinha 23 mil e 400, assim mesmo... aí a gente conversando surgiu uma idéia de “por que é que não se faz também na área das Ciências Sociais?” Porque tinha lá a idéia do projeto já que seria na área da epidemiologia, Estudos Populacionais e Epidemiológicos, né? E PESES, Programa de Estudos Sócio-Econômicos na Saúde, né? Então seriam essas duas áreas. Mas o PEPE foi desenvolvido. Então quando se mandou pra Finep porque obrigatoriamente a Finep exigia que você mandasse o projeto, foram 20 e tantos projetos que cobriam esse valor de 23 milhões e 400. E o último parágrafo do projeto dizia assim: “Seria de todo interesse também que se pensasse, né, no financiamento para o desenvolvimento do projeto PESES, patati, patatá... num valor inicialmente estimado em 6 milhões e 600.” Bom, por quê? 6 milhões e 600 mais 23 e 400 fechava 30. Então a mania do número redondo. Vamos fechar então, quem sabe, né? (??) 23 milhões e 400. Isto acabou na mão do então presidente da República Ernesto Geisel que pegava, não sei, a partir de que critério ou como, alguns processos da... desenvolvimento e pesquisa na Finep, requisitava ou isso ia parar, eu não sei se havia uma exigência de aprovação pelo presidente da República. É possível que tivesse alguma coisa assim. Eu sei que foi parar no Geisel, na mão do Geisel que – de acordo com os que na época conheciam, né? – despachava, não é despachava lia os processos andando ao redor da piscina

da Granja do Torto. Alguma coisa assim. Alguém... já é um folclore na história. Pois bem, está lá com a letra dele, à margem... à margem desses...

AP – Dessa última linha...

AS – ...dessa última linha, dizendo assim: “Aprovo a idéia não sei das quantas e os recursos.” E os primeiros recursos que saíram da Finep (*ri*) foram 6 milhões e 600 pra o PESES que não tinha projeto. E quem tinha projeto que era o PEPE, saiu, mas saiu um pouquinho tempo depois, né? Tanto que se teve que correr à exaustão pra poder atender ao presidente da República com os projetos em torno do PESES, porque eles ainda não...

AP – Ele assinou junto das últimas vias, né?

AS – Ele assinou... ele... à margem...

AP – Não queria assinar aprovando só aqueles 6 milhões, mas...

AS – Não, mas ele..., mas como esse último parágrafo dizia que era também importante que se pensasse na possibilidade da aprovação de projetos em estudos sócio-econômicos em saúde, ele diz assim: “De acordo.” Não é? Eles estão de acordo com isso. Porque você não podia aprovar na Finep sem projeto. Mas bom, o presidente da República disse que era! (*ri*) Então vai lá e te vira, vai lá depois! Aí foram feitos os projetos que já estavam alinhavados, mas não estavam dentro do modelo Finep que a gente tinha de financiamento, né? Então é só pra lembrar um pouco do folclore disso porque o mais importante é o que o Luis diz, quer dizer, aí sim, entende, aí você tem o corpo... Lembra, eu estava caracterizando os 18 como o pessoal que trabalhava, digamos assim, pra fazer esse pensamento chegar e... mas quando chega esse grupo de PEPE e PESES, eles contribuem decisivamente para a formulação do pensamento, né? Então o pessoal de Ciências Sociais por exemplo, que se agrega à Escola de Saúde Pública é um pessoal que vem com uma bagagem teórica e que começa a desenvolver o pensamento das Ciências Sociais de Saúde.

LS – É. E outro momento importante, pra não esquecer porque (?), é administração de Arouca e muito importante pra vocês. Porque você está aqui porque eu e o Arlindo fizemos esse troço de Casa de Oswaldo Cruz dentro da sala que nós dividíamos na vice-presidência. E aí pusemos sentado lá o Paulo Gadelha e a Wanda Hamilton. Depois veio Lisabel e coisa e aí... (*AS fala algo*) fizemos o politécnico e...

AS – O CESTE, Centro de Estudos de Saúde dos Trabalhadores em Ecologia Humana... (*ruído*)

LS – (??) Ana Maria à frente...

AS – ...à frente... Aí deram o departamento do IOC de fármaco dinâmica... (*falam ao mesmo tempo*) (*ruído*) (*telefone*)

LS – (???) e abrimos essas coisas, também atropelando muito...

AS – A tudo e a todos.

LS – É. Se eu fosse esperar que todo mundo concordasse e que todo mundo votasse e que todo mundo... é claro que esse troço não saía. (*risos*) Então fomos atropelando e fazendo, criamos a Casa de Oswaldo Cruz, criamos o Politécnic... esse...

AS – O CESTEJH...

LS – O CESTEJH, o Centro de Saúde do trabalhador...

AS – Os departamentos... Genética com a fármaco dinâmica e farmacologia...

AP – O modelo PESES tem uma consistência mais acadêmica aí na escola, né?

AS – É, por aí, né?

LS – É puramente acadêmica.

AS – É por aí. É basicamente acadêmica, a partir da pesquisa.

AP – Atraindo... como no Blois atraiu gente, o PEPE/PESES com esse orçamento todo atraiu mais gente...

LS – É, é...

AP – ...com um perfil um pouco diferente, ou não? Como é que foi a comparação que vocês fazem...?

AS – Não, com um perfil basicamente acadêmico porque era um pessoal que tinha que ter...

LS – Era uma época difícil porque você pode dizer que no primeiro movimento era uma pessoa com uma experiência de ministério... Como era o Bichat, como era... Mas era acadêmico também porque o Scorzelli era professor na Escola de Medicina e era do Ministério.

AS – É. Mas esse pessoal mais envolvido com... – acadêmico no sentido da pesquisa – quer dizer, com a formulação do pensamento. Eu que trabalhei em Ciências Sociais esse período todo até PEPE e PESES, entende, eu tenho uma muito limitada contribuição no campo das... da sociologia e política em saúde, entende? Agora, certamente tenho uma razoável contribuição na aplicação de conhecimento da sociologia e política à situação de saúde, entende?

AP – Desses 23, que a gente poderia lembrar dos 23 projetos que você já fez menção aí, quem é que veio com esses 23?

AS – Ah, aí veio praticamente a escola inteira! Todo departamento de epidemiologia cresceu por aí...

LS – Arouca, Ana Maria...

AS – Ana Maria..., mas é muita gente!

LS – Célia Leitão... é muita gente...

AS – Celinha vem pra Ciências Sociais... Maria Élide...

LS – Maria Élide, Marília...

AS – Maria Bernardes Marques...

LS – Que tinham brigado lá em Campinas, aí...

AS – O pessoal de Campinas também, que essa é uma outra coisa também que é interessante na Escola, não é, Luis? A Escola com todas as dificuldades que ela tinha e teve, ou o que você quiser, ela foi... e eu acho que essa marca também de uma certa maneira – certa maneira não – a gente trouxe pra Fundação Oswaldo Cruz é a marca da receptividade, da capacidade de acolhimento e de agregação.

AP – Das diferenças, né?

AS – Totalmente, totalmente. Então...

AP – Convivência com as diferenças.

AS – É. E você abrir campos! É isso que o Luis Fernando está dizendo. Quer dizer, quando você pensa na Fundação Oswaldo Cruz, você mete um negócio chamado Casa de Oswaldo Cruz, imagina o que é que é Escola Politécnica! Sabe? Eu acho que a Fundação Oswaldo Cruz está metida com um pessoal de nível técnico... Isso é uma heresia, né?! Então isso estava gerado na escola. Quando da crise (*LS fala algo*) política na Argentina e no Chile, a Escola albergou pessoas do Chile, pessoas da Argentina... mais tarde com a violência na Colômbia veio parar aqui na Escola de Saúde Pública o Núcleo, né, de Estudos sobre Violência vem pra cá, né?... Ou seja, é, tem sempre essa característica que é albergando. Esse grupo era o grupo que tinha, teve problemas sérios em Campinas... Arouca e o grupo...

LS – ...((?)) o que é interessante na minha visão é que esse momento de certa maneira refaz o IOC da origem. IOC da origem. Quando foi pra comemorar 100 anos e tal, saiu uma discussão aí se 100 anos eram do IOC, se 100 anos eram da Fundação... deu uma briga danada. Me disse o seguinte: “Olha, evidentemente que em termos formais 100 anos é o IOC... isso tem data, no entretanto a Fundação hoje refaz o que o IOC da origem, o IOC. Porque você tem que procurar lá. Porque eu acho, eu estou convencido de que o Oswaldo era também um

homem fora de série, Oswaldo era um homem genial. Então ele pega, isso aqui foi criado pra quê? Foi criado... o IOC, foi criado pra ser uma fábrica de vacinas, né, era isso que...

AS – É.

LS – ... e, no entanto, a gente faz daqui um núcleo de estudos experimentais, de pesquisa, de uma porção de coisas e... faz. Então essa Fundação de hoje, a Fundação Oswaldo Cruz hoje refaz a ... Esse IOC que só quer saber de pesquisa biológica trancada, isso é um IOC de decadência!

AS – É, IOC da decadência.

LS – Isso é um IOC de decadência. Não quer dizer que você não identifique aqui nessas épocas, quer dizer... – eu estou falando dos anos 50 novamente quando eu vim pra cá fazer curso no IOC – não quer dizer que você não identifique pessoas competentes, etc., mas é uma instituição a começar que o salário é vil. Todo mundo ou dá aula em colégio, que nesse tempo não tinha muita faculdade pra dar aula, hoje tem muita faculdade pra dar aula, era em colégio, dava aula em colégio. E... porque o salário era baixo. E as condições de trabalho eram muito precárias, eram muito...

AS – Não, e aí teve uma outra coisa...

LS – Essa volta da coisa vai buscar lá atrás, e lá atrás tinha tudo isso.

AS – Mas quando, por exemplo, o IOC é revigorado com a criação da Fiocruz, aí que a gente pode ainda voltar a essa história, não é, com o quadro da Escola de Saúde Pública. Parasitologia vem o Luis Fernando pra o departamento, fica nos dois: fica na escola e fica aqui no coisa; pra Virologia vem o Hermann Schatzmayr, o Akira...

LS – O Hermann... o Jarbas, o Akira...

AS – ...o Jarbas, Sérgio... Todos, ou seja, a escola contribui pra o IOC com, digamos assim... *(falam ao mesmo tempo)*

LS – Já é Fundação.

AS – É, já é pra Fundação! Mas dentro do IOC...

LS – O Akira vai fazer o Biomanguinhos.

AS – É, pra fazer Biomanguinhos.

LS – O Akira começou lá na Escola estudante. Menino, era menino.

AS – É. Mas vem pra cá, quer dizer, contribuição teve. Porque isso aí também tem que ser entendido. Quer dizer, a gente fala em Fundação Oswaldo Cruz, né, a indivisibilidade, etc., etc., tudo bem, é como dimensão política atual. É absolutamente causal. Casual, entende?

LS – É. E dentro do mundo moderno...

AS – A Fundação é completamente casual! Pra burro!

LS – é complicado para você explicar por que é que você bota dentro da mesma instituição historiador e não sei quê...

AS – É. Eu acho que o interessante é ter-se aproveitado dessa coisa casual e depois intencional, no caso da Casa de Oswaldo Cruz, Politécnico, etc., etc. e feito dessa situação casual, entende, alguma coisa positiva. Ao que eu estou me referindo: à escola Nacional de Saúde Pública era a Escola Nacional de saúde Pública da Fundação Ensino Especializado em Saúde Pública. É quem tinha a carta patente de fundação. A que era menina dos olhos da administração pública brasileira naquela época. Se tinha o Instituto Oswaldo Cruz em absoluta decadência, tinha esse prédio com laboratórios fechados, pesquisadores cassados e assim por diante, né, quer dizer, o famoso massacre de Manguinhos, (???), e era realmente terra arrasada. Ali abaixo, onde você tem Farmanguinhos hoje, você tinha INERu, Instituto Nacional de Endemias Rurais, onde eles faziam dois ou três remédios ou pós, alguma coisa pra os projetos de endemias rurais, né? Uma pequena fabriqueta muito modesta. Depois estava fazendo sulfato ferroso, ao final dos tempos era só, a única coisa que eles faziam. Aqui em cima você tinha o Pavilhão Rockefeller que não tinha nada, quer dizer, ninguém tinha nada que ver com ninguém, entende?! Que mais tarde foi chamado de Biomanguinhos que era a produção de vacinas, que não pertencia e não tinha nada. Havia cercas, você não passava de lá pra cá, você não tinha o que fazer aqui no castelo e nem os do castelo tinham que fazer no... né? Isso é depois com a criação da Fundação Oswaldo Cruz. O Instituto Fernandes Figueira que estava lá era o Instituto Fernando Figueira que estava lá, entende?! Não tinha nada que ver com isso, do Ministério da Saúde.

LS – A Lepra, o Instituto de Lepra também...

AS – Lepra, aqui! Entende? Então eram várias instituições...

LS – O INCQS era lá na cidade, era outra...

AS – Na Avenida Venezuela. Laboratório Central de Controle... LCCDMA, Drogas, Medicamentos e Alimentos. (*LS fala algo*) Aí quando então é criada a Fundação Oswaldo Cruz, pega a carta patente da Fundação de Ensino Especializado e transforma isso e bota tudo isso lá dentro. Tudo isso então é feito como se fosse uma unidade. (*risos*) Não era! Não era, tá? Agora, essa adversidade, ela poderia ter sido encarada de várias maneiras, né? Como prejuízo, como sei lá o quê. Entende? Tanto que a integração foi muito difícil. Alguns setores aqui dentro sempre reagiram ao fato de gente ter fábrica de vacinas, uma fábrica de medicamentos, e assim sucessivamente. Controle de qualidade...

LS – Mas tinha no tempo do Blois, né, isso que eu estava dizendo...

AS – É, pois é, mas isso daí...

LS – (??) De voltar... tinha fábrica, tinha tudo isso.

AP – É, o modelo institucional é do Oswaldo.

AS – É, esse...

LS – É, eu acho, eu acho.

AS – E aí é eu que eu digo, quer dizer, então eu acho que nessa história toda a Escola de saúde Pública tem também essa contribuição.

LS – Inclusive porque a Saúde Pública estava dentro do IOC na... na... no tempo do Oswaldo.

AS – Ah, nas origens? É, estava, estava...

LS – Que é um curso de Saúde Pública que era no IOC.

AS – Mas você tem essa coisa agregadora da escola, entende? Eu acho que aí – acho não, tenho certeza – que quando em 1985 – não é isso, Luis? – se vem pra Fundação, quer dizer, a Escola vem dirigir a Fundação através do grupo que assume a presidência, não é? Estou dizendo a escola vem dirigir a Fundação, não é, Luis Fernando...?

AP – Com o Arouca.

AS – ...com o Arouca na presidência, aí isto aqui, entende, esse espírito agregador, inovador, etc., etc., vem pra cá. Porque nas unidades existentes aqui, não é demérito nenhum, mas simplesmente não tinha isso. O que dá o salto é essa transposição da... desse pensamento da Escola de Saúde Pública pra dentro da Fundação. Pode estar certo. Quer dizer, o IOC resistiria sempre à idéia de Biomanguinhos, Farmanguinhos e à própria idéia de escola! E não é uma questão de pendenga entre escola e IOC, são concepções diferentes. Mas é aquilo que o Luis Fernando está dizendo: as resistências dadas como consequência de um período de baixa, né, do Instituto. E não um período de auge do Instituto, no período de auge do Instituto ele estaria tendo exatamente o que ele está tendo hoje!

LS – Eu estou convencido de que a decadência do Instituto Oswaldo Cruz não tem nada a ver com ditadura, não tem nada a ver com nada disso. A decadência começa quando tiram o Oswaldo. Eles tiram o Oswaldo, mandam o Oswaldo ser prefeito de Petrópolis... ele já estava mal, estava já com uma doença que se discutia muito o que é que era, há versões de que ele estava com sífilis que ele apanhou com as francesas dos bordéis de luxo aqui e coisa. Não importa. Começa... e tinha elevado muito alto e começa a cair, cair, cair muito bem, vem se agüentando mais ou menos, até chegar nesse ponto de salário vil. Os salários eram altos no começo... o Oswaldo era... Salário era igual a ministro do Supremo Tribunal, coisa desse tipo. Então é isso que o Arlindo está dizendo. (AS fala algo) Depois integrou isso por acaso, né?

AS – É... é... Integra por acaso, mas aí você tem duas, né, ou você rejeita ou você usa isso a teu favor.

AP – Esses arames são retirados aos poucos...

AS – Esses arames vão sendo retirados aos poucos, passam por algumas situações difíceis a Escola... Na época do Vinícius, se ele foi importante foi importante no conjunto...

LS – Nessa integração foi importante.

AS – Foi importante, mas nós sofremos também. Porque nós nos arrevesamos com ele. E quando a gente se arrevesou com ele, a então Escola Nacional de Saúde Pública foi transformada em departamento de preparação de pessoal da Fundação Oswaldo Cruz. Quer dizer, de uma escola nós passamos pra ser, para um departamento.

AP – No período Vinícius.

AP – No início do período do Vinícius. Isso se recuperou depois. – vamos tomar um cafezinho? – depois eu já não sei se foi com o próprio Vinícius ou com o Guilardo. Eu não lembro, teria de ver aí pelo retrospecto da coisa, como é que isso volta. Volta, quando é que volta a Escola Nacional de Saúde Pública.

AP – Formalmente, institucionalmente, a Escola desapareceu com o Vinícius.

AS – Ela desaparece e fica um departamento depois ela se transforma no Instituto Presidente Castelo Branco...

AP – Ela está se descredenciando informalmente.

AS – Ela... não é isso? ela se transforma no Instituto...

LS – Eu acho que ela não deixa de ser uma unidade não, Arlindo. Eu não me lembro disso tudo não.

AS – Não, mas ela é um departamento...

LS – Mas o departamento, tem esse negócio de departamento, mas é...

AS – ...da Fundação?

LS – ...é dentro da escola. É dentro da escola. Que tem um Departamento de Ensino, não é isso?

AS – Não. Eu lembro de ela ter sido transformada num Departamento de Operação de Pessoal da Fundação Oswaldo Cruz. Depois vem o Instituto Presidente Castelo Branco, que fica durante um certo tempo, uma boa parte de tempo...

AP – Chamou de instituto Presidente Castelo Branco.

AS – É. E foi difícil, aí já foi com o Guilardo na presidência da Fundação que a gente conseguiu uma mudança, tiramos esse nome e fizemos com que isso fosse o nome do pavilhão. Então ela voltou a ser Escola Nacional de Saúde Pública e Pavilhão Castelo Branco. Depois mais tarde, até com a criação da Fundação, da Universidade Castelo Branco aqui no Rio de Janeiro, isso também nos facilitou um pouco, né, que aí então já estava Pavilhão etc., etc., aí quando o Ernani Braga faleceu, a gente tirou e colocou Pavilhão Ernani Braga. Na Escola Nacional de Saúde Pública o pavilhão chama-se Ernani Braga. Essa foi a... digamos assim, dessa história.

AP – O prédio ia se chamar Pavilhão Castelo Branco.

AS – Chamou, como a escola se chamou Instituto Castelo Branco, Instituto Presidente Castelo Branco, receber. Era... nessa época. Quer dizer, e com tudo isso a gente tocava pra frente e ia fundo nessa história toda, né? Então como marcos nisso aí, né, eu antes não saberia, vocês historiadores é que têm que ir atrás e correr atrás disso. Mas seria o Blois, não é isso? Claro que você tem pessoas importantes aí, por exemplo: o Joir, Joir Gonçalves da Cruz, chefe do Departamento de epidemiologia que assumiu a Escola de Saúde Pública nesse período de repressão ele foi, durante o período que ele foi diretor ele segurou a barra, entende? Porque era forte! Quer dizer, entende a pressão era forte. E o Joir segurou a barra, nisso aí o Joir não tinha... não tinha talvez, mas digamos assim, como marcos, né, foi o Blois...

LS – Isso não quer dizer que não tenha hoje. Isso que ele falou é gente que tem prestígio político pra botar verba, pra botar dinheiro, (??). Não quer dizer que não tenha outros que tenham..., mas que não tinham essa facilidade... *(falam ao mesmo tempo)*

AP – (??) prestígio político também têm visão a respeito da...

LS – Também, também...

AP – ...da concepção institucional nisso...

AS – É, o Blois nisso aí, eu sem dúvida nenhuma...

AP – Tira o chapéu.

AS – Não, ele é o... a Escola Nacional de Saúde Pública Edmar Terra Blois, pô! *(ri)* Essa seria a proposta do dr. Antônio Sérgio Arouca, eu estou certo disso. Era o homem dessa história. Tanto que nesse tempo pelo menos que nós estivemos aqui ou estamos aqui, eu acho que pra mim pelo menos, marca o Blois, marca essa retomada com o Vinícius, né, Luis? E depois, modéstia à parte, nós outros.

LS – Nós... claro.

AS – ...com a tomada do castelo. Acho que são três marcos, né?

AP – Mas o Vinícius não foi quem fechou a Escola e virou Instituto Castelo Branco?

AS – Não, mas é o que tem (*falam ao mesmo tempo*) é o que entra com dinheiro...

LS – Você tem ambiguidades nessa coisa toda, você vê...

AS – Nada é consensual...

LS – ...nada á assim: “Oh, a ditadura quer destruir tudo!...” Não é verdade! Está aqui: PEPE e PESES.

AS – É, PEPE e PESES.

LS – PEPE e PESES... entrou dinheiro que não acabava mais!

AS – É, com Vinícius.

LS – E que trouxe o Arouca pra cá. PEPE e PESES. Então é uma questão...

AS – Eu estou te contando porque você está perguntando sobre Escola de Saúde Pública, eu estou te dando as idas e vindas.

LS – É, idas e vindas.

AS – Nós estamos particularizando, não é? Então as nossas relações com a Fundação Oswaldo Cruz até então, que chamava-se Fundação Instituto Oswaldo Cruz, taí o I...

LS – Nós fizemos uma homenagem aos cassados aqui dentro...

AS – Logo depois em 86.

LS – Então, mas... Não, antes! Ainda era, ainda tinha...

AS – Ah, não! Nós fizemos na Escola de Saúde Pública!

LS – Era plena ditadura...

AS – Fizemos, fizemos! Na Escola de Saúde Pública.

LS – ...homenagem aos cassados...

AS – Aos cassados em Manguinhos, fizemos.

LS – Eu publiquei um discurso do Morel, eu era presidente de uma associação...

AS – Associação dos Professores...

LS – ...que acabou. Associação...

AS – Associação dos Docentes...

LS – ADFOC, uma coisa assim.

AS – Da ADFOC, Associação dos Docentes da Fundação Oswaldo Cruz.

LS – Uma coisa assim.

AS – Isso. É, houve uma homenagem aos cassados.

LS – Uma homenagem aos cassados...

AS – Não, aí você tem uma quantidade de coisa em termos de folclore.

AP – Tem uma periodização que não fosse personalista em termos dos gestores ou dos principais gestores, mas se a gente recuperar o tempo todo aqui, essa idéia dos cursos descentralizados e do PEPE/PESES como dois marcos dentro da história da escola que são, dão uma visibilidade e agregam uma qualidade...

AS – Blois, descentralizados e PEPE/PESES.

LS – O início, Blois é muito marcante.

AS – O Blois é o ... O Blois é o...

LS – É, o Blois era só... tinha poder pra fazer. Porque hoje a gente vê só: “Ah, não pode... não pode comprar isso com essa verba, não sei quê... espera!” Vocês já se habituaram a isso! A gente não, vocês vieram depois. Chegava e dizia: “Blois, dr. Blois – tinha respeito, era dr. Blois. Não tinha intimidade, era dr. Blois – aqui. Tá bom. *(interrupção da fita)*”

Fita 3 - Lado A

LS – É o que a gente estava conversando, tempo do Blois. Tinha um sujeito que era um virologista muito importante e o Blois perguntou: “Você quer esse cara aqui?” “Eu quero.” Falei com o Hermann, ele ia montar e ele vinha pra ajudar o Hermann, apoiar o Hermann pra montar o laboratório de Virologia do departamento. E esse cara chegou aí começou a querer o departamento trabalhando pra ele. Aí tivemos uma primeira conversa, eu disse: “Olha, não é assim. Nós temos o que, sabemos o que queremos... você vai ajudar aqui se quer ficar aqui e tal.” Bom, não importa, eu vou resumir um pouco a história. O cara começou a insistir, eu falei com o Blois: “Doutor, esse cara está atrapalhando em vez de ajudar.” É um homem

importante, ele tinha trabalhado com um Prêmio Nobel com negócio de vacina de sarampo, coisa assim. Era um sujeito importante. Aí o Hermann falou também: “Não, não, ele está atrapalhando, não quero ele.” (*risos*) Não tinha esse negócio de ficar rodando em volta, fritando, pra depois o cara cair. O Blois chamou e disse: “Ponha-se daqui pra fora!” (*risos*) Era assim! O cara tentou falar qualquer coisa, ele: “Eu já disse ponha-se daqui pra fora!” Levantou assim, irritado! Era assim. Você chegava pra ele: “Dr. Blois estou precisando disso: três microscópios e não sei que e tal...” Ele gritava assim: “Santoro!” – se lembra?

AS – É, Santoro.

LS – Santoro era o administrador. “Compra aqui pra o dr. Luis Fernando. Eu quero isso amanhã aqui.” De manhã estava.

AP – Licitação, concorrência...

AS – (???) (*risos*) Isso só atrapalha a Ciência.

LS – Isso pra você ter uma idéia...

AP – Três propostas...

LS – Três propostas, volta... essa obra nossa lá parada agora há não sei quanto tempo e não anda, e a gente lá no container...

AS – Ele fiscalizava as obras.

LS – Ele ia lá...

AS – Ele ia, fiscalizava e de uma maneira bastante peculiar. O Blois tinha uma cadeira de espaldar alto (*risos*) com rodas, com quatro pernas, de rodízio...

LS – Era tudo uma loucura! (*risos*)

AS – E aquilo são nove andares, né?! E tinha só elevador de serviço. Ainda estava aquela parte já ocupada e parte ainda com elevador de serviço. O Blois tinha a sua turma mais próxima, né, chamou quatro caras da estiva da Escola, subiram, foram ao 9º andar e desceram até lá embaixo com o Blois no espaldar, o Blois sentado na cadeira como se fosse a sede gestatória do Papa, né, em cima assim, cada um segurando uma perna daquela cadeira e o Blois ali em cima, passando.

AP – Descendo as escadas todas.

AS – Ué! Andando todos os corredores, fiscalizando as obras e descendo as escadas.

AP – E ele sentado na cadeira.

AS – Ele sentado na cadeira (???) ...

AP – Como se fosse um monarca de um país africano qualquer... *(falam ao mesmo tempo)*
(risos)

AS – Isso, isso! Não, mas era um monarca de um país brasileiro. Conjuntamente um monarca de um país brasileiro, teve uma... foi feito um seminário internacional aqui com um país africano, né, Luis? De saúde...

LS – Ah, é! Essa é boa.

AS – Não, não, eu não lembro detalhes não! Diga lá. Mas tinha... a moça que servia o café, foi isso, que era uma mulata muito bonita, né?

LS – É, aí... o ministro da Saúde de um país desses da África, aí pediu ela em casamento. Mas era pra ser a oitava esposa...

AS – (??) pra ser esposa dele. *(rindo)*

LS – Aí ela veio perguntar se valia a pena ou não.

AS – Valia a pena ou não. Sim, mas quando ele foi pedir pra o Blois, porque viu que o Blois era o patrão e pensou que ela fosse dentro da mesma idéia do Blois. E ela era muito bonita, uma mulata grande.

LS – Belíssima!

AS – Belíssima mulata! E aí ele perguntou: “Quanto é que é?” Quanto é que ele queria. *(risos)* Eu não sei se ele ofereceu camelos, Luis. Eu acho que era Namíbia no meio dessa história *(risos)*. Eu agora não vou deturpar a história, identificando o país, mas acho que tinha um determinado, ele ofereceu acho que alguma coisa de camelos.

LS – Era uma loucura! Um dia teve um sujeito que deu um soco na cara do Blois... Você se lembra?

AS – Ah, bom, mas isso é... *(ri)* *(LS fala algo)* Ele era chegado...

AP – Ele era casado, tinha filhos?

AS – Casado.

LS – Tinha! Casado. Não tinha filhos.

AS – Não, não tinha filhos não. Ele era diretor da Escola de Saúde Pública e ao mesmo tempo ele era diretor do...

LS – ...laboratório da Santa Casa...

AS – ...Laboratório da Santa Casa de Misericórdia. Era diretor...

AP – Médico?

AS – Ele era médico. Diretor do Hospital Jóquei Clube... é isso? É, do Jóquei Clube. Era professor em Volta Redonda. Quando foi criada a Faculdade de Volta Redonda, ele era o professor titular e nós íamos lá dar aula pra o Blois. (*risos*) Era assistente, não sei que, que a gente fazia. Mas era um tipo muito forte. Isso que o Luis Fernando está dizendo do Santoro, né, era... era o braço direito, né? Tinha o ... o “pensante”, chama-se Sávio Antunes,

LS – O Sávio era muito importante

AS - Né, e o outro Santoro. Então eu me lembro que...

LS – Santoro executava as coisas...

AS - Estava... eu estava chegando atrasado, nunca fui de hábitos muito madrugadores, e o Blois estava dando duro em cima de... em cima de horário de chegada e tinha os carros da Escola. Então os professores todos o carro ia e apanhava coisa.

AP – Oficial?

AS – È, carro oficial. Eram umas Rural Willis verdes e, mas eram os professores, professores titulares e assistentes, né, e adjuntos é que tinham direito, né? Eu era auxiliar de ensino, eu tinha recém entrado na escola. Ele me chamou no gabinete. E o Blois chamar no gabinete era um Deus nos acuda. (*ri*) E aí ele me disse que eu estava chegando atrasado e que assim não ia dar e “O que é que o senhor acha que pode fazer?” E eu na petulância (*ri*), né, de todo mais jovem, virei pra ele e: “Ué! O senhor manda me incluir na lista dos que o carro vai buscar!” Aí ele bateu na mesa assim: “Santoro!” Aí entrou o Santoro, ele disse assim: “Inclua o professor Arlindo, a partir de amanhã o carro vai passar na casa dele.” Pronto, no dia seguinte o carro passava na minha casa e me apanhava junto com os outros professores. Assim, no ato! Se é titular ou auxiliar ou não sei o que das quantas...

LS – Era quem decidia.

AS – ...era quem decidia! Era no ato, no ato!

LS – Não tinha normas, regras e...

AS – Norma era a secretária dele que era muito bonita! (*risos*)

AP – Ela se chamava Norma?

AS – Era. A única norma que tinha na Escola era a secretária do Blois. O resto todo ia fazendo...

AP – Ela é viva ainda?

AS – A Norma é, a Norma é! Ao que eu sei, até há alguns anos atrás, era. *(LS fala algo)*

AP – Ela é Norma o quê?

LS – Atriz...

AP – Como é o nome dela completo? Norma o quê? Tem que ver nos arquivos, né?

AS – Tem que ver nos arquivos. Ela era muito bonita, a Norma. A Norma era ótima. Estudante de Teatro. Era muito... gente boníssima, gente boníssima. Eu acho que era a única norma que tinha aqui na Escola de Saúde Pública, era a secretária do diretor. O resto todo era...

LS – O Blois era um sujeito de uma cultura ampla: sabia Grego, sabia Latim, sabia História, sabia... lá do jeito dele, era...

AP – Ele é graduado em Medicina aqui pelo Rio de Janeiro?

AS – É, o Blois é. E o outro personagem importante que o Luis está fazendo referência é o Sávio. O Luis Sávio não tinha formação acadêmica...

LS – ...completa.

AS – ...completa. Ele se dizia...

LS – É. Largou...

AS – ...da Universidade da Lapa.

LS – Da lapa. Mas ele estudou até o 3º ano de Engenharia, depois largou, no 3º, 4º ano. Depois estudou física o 1º ano, largou... E ele tinha um cargo de professor na Escola Normal de Niterói. Era professor de Matemática, nesse tempo podia, não precisava ter curso de Faculdade de Filosofia. Eu estou falando de uma geração antes da minha. E era um sujeito que tinha também uma estrutura, uma cultura enorme.

AS – Enorme, enorme.

LS – Ele sabia ciências sociais...

AS – Esses enciclopedistas assim bem, bem (?).

LS – Era um cara muito culto. Muito culto.

AS – E com uma vasta biblioteca, que ele doou depois pra Biblioteca da Escola de Saúde Pública, o Sávio. Toda anotada, toda... ele era... tinha muita iniciativa. Dizia que a formação dele tinha sido na Universidade da Lapa. Sávio Antunes. E era um mentor assim, intelectual dessa história. Ele nunca aparecia, não...

LS – Ele era a eminência parda...

AS – A eminência parda.

LS – E às vezes ficava difícil tratar com o Blois, coisa, a gente ia pelo...

AS – É, pelo Sávio.

LS – ...ia pelo Sávio. E ele resolvia...

AP – O Blois era de...

AS – ...de veneta.

AP – ...de veneta, né?

AS – Ah, de veneta.

AP – Podia ter um dia que ele era acessível...

AS – Totalmente acessível!

AP – ...outro dia que ele batia a porta na cara.

AS – É, batia porrada. Esse negócio de atraso por exemplo, estou contando a minha história foi num dia em que eu peguei ele de veneta boa, senão eu estava fora. Eu estava na rua, né? Certamente diante da petulância ele até: “Opa, o que é que está acontecendo...?” e aí era capaz de alguma tirada dessas, né? Se você dava uma sugestão estúpida dessas, sugestão estúpida pra relação, né? Se chegar... Mas ele passou um memorando depois que... (*LS fala algo*) dr. Luis Fernando, chega algum documento...

LS – De quê?

AS – Diga. ... Sai ou não sai? Sai o documento. Mas eu estava falando do negócio do...

AP – ...Sávio.

AS – É, não, do Sávio, mas... é (??) dizendo do Blois também, negócio do...

AP – Mas como é que um professor, desculpe perguntar ao senhor, mas como é que uma pessoa que não tem nem graduação, tem essa erudição toda, e esse acesso tanto a livro... tanto ecletismo?

AS – Mas ele... Por isso, quer dizer...

LS – Existia muito nesse tempo, isso era comum. (???)

AS – Autodidatismo. O autodidatismo não era uma coisa rara. Porque hoje você tem uma exigência, até pra você trabalhar, de uma formação...

AP – ...universitária...

AS – É, universitária escolar básica.

LS – Tinha uns parentes meus, da geração da minha avó, meu avô. Esses caras não tinham diploma de universidade nenhuma. No entanto eles liam Francês, eles frequentavam o Teatro Municipal, eles liam literatura em geral, quer dizer, eles tinham uma cultura que... não tinha estado numa universidade...

AS – É, o Sávio era exatamente um desses tipos. Era mais velho, de uma outra geração, anterior...

LS – Ele é uma geração antes da minha.

AS – Antes do Luis Fernando, né? Então...

AP – Ele era mais velho que o Blois?

LS – É mais ou menos da mesma idade.

AS – Mais ou menos a idade do Blois. Mais ou menos a idade do Blois.

AP – E onde eles se conheceram, você sabe?

AS – Não, eu não sei qual era o conhecimento... Talvez da Lapa, da Universidade da Lapa. Possivelmente. (*falam ao mesmo tempo*)

LS – É. E a Lapa também era diferente do que é hoje. A Lapa tinha aquele do Observatório Nacional... o astrônomo que passava por lá, ia lá comer... tinha... eles contavam essas coisas... Tinha o Carlos Lacerda, não sei mais quem... Esses caras se encontravam ali, conversavam...

AS – Era um espaço de convivência de intelectuais, né?

LS – Era um espaço de intelectuais e prostitutas também.

AS – E tudo, né? Mas era..., mas certamente é por aí a proximidade. Possivelmente se dá por aí a proximidade, não é? Acho que é a coisa. Mas eu estava dizendo outra coisa dele, Blois, por exemplo, esse negócio de chegar atrasado. Ele não era, ele era pontual mesmo. Do mesmo jeito que ele queria, ele era. Mas ele tinha direito como... (*ri*) como diretor. Ele passou um memorando, ou seja, por escrito, do diretor da Escola, onde ele num parágrafo, ele dizia o seguinte: “Será que apenas eu tenho dois culhões?” e fazia uma interrogação. (*risos*)

AP – Memorando?

AS – Memorando interno. “Será que apenas eu tenho dois culhões?” Porque ele fazia, ele falava sobre o atraso, o número de pessoas que estavam chegando atrasadas, não sei das quantas, o compromisso que tinham com a Instituição... Não é por aí que a gente vai caracterizar, mas também não é pra dizer que era no “vai da valsa”, sabe? Que cada um faz o que quer, na hora que quer. Não, você tinha isso, as normas eram ditadas por ele. Quer dizer, a norma única era a secretária, mas havia um direito consuetudinário, alguma coisa, normas consuetudinárias que iam se consolidando. É isso que o Luis Fernando diz. A institucionalização vai se dar mais tarde. A institucionalização da Escola, essa coisa. Tanto que é nesse período já dos anos 70 e poucos é que nós vamos organizando na Escola o regimento interno, um regulamento de ensino, né? Não havia, quer dizer, ...

AP – (*Não existia isso?*)

AS – ...existiam normas específicas pra um curso, né? Por exemplo, a carreira docente dentro da Escola era ao bel prazer do diretor. (*falam ao mesmo tempo*)

LS – Sim, o Sávio não tinha nenhum curso de graduação, o Blois nomeou ele professor titular!

AS – Professor titular!

LS – Era professor titular e pronto! E se aposentou professor titular.

AS – Eu entrei como auxiliar de Ensino, passei a professor assistente, né? Lá pelas tantas fui pra professor adjunto, assim, e depois quando se fez a regulamentação, passei a professor titular. Eu particularmente nesta área de... de... é o que eu digo, quer dizer, não tinha cursos de Ciências Sociais, entende, como você tem hoje na área da Saúde pra formação. Na verdade, nós é que estávamos formando isso, né? Junto com o outro pessoal de São Paulo e de outros lugares. Então... eu não fiz mestrado, não fiz doutorado, por várias razões. Ia fazer na França em 60 e... ia fazer em 68, ia pra França, mas acabou que não saí e foi o próprio Blois que me cortou. Me cortou as asas porque achou que eu estava articulando com... quando ele já estava começando a cair, por isso que não só, eu acho que naquela cerimônia ele já foi pra aprontar, aquela cerimônia que a gente estava falando...

AP – Chutar o pau da barraca.

AS – Chutar o pau da barraca, né? Porque já em 68 o grupo era politicamente muito atuante, dos alunos, foi uma turma assim extremamente... a de 68 e a de 73, mas a de 68 muito. E onde saíram esses aí que a gente está falando, esses (?) alunos, Organização Mundial... controle de varíola e etc., etc., né? A... e o Blois achou um dia para... – a história que me foi contada é que teria sido o Sávio – que me conversando com o Ciro de Quadros na biblioteca e o Ciro era o diretor do... era o presidente do Centro Acadêmico, né, dos alunos. E eu estava com uma bolsa engatilhada pra França. Mas não é isso só que não me leva a fazer a coisa. É que na verdade a gente estava muito mais organizando cursos pelo Brasil inteiro, né? Então não havia na área de Ciências Sociais cursos pra formação, você teria que sair do país pra fazer isso. O Miguel foi... – lembra? – foi pra França. Eu não fui, o Paulo foi no meu lugar. Só pra te dizer como isso era... essa institucionalização, ela vai se dar mais tarde. No início era assim: ele nomeava. Então eu lembro que de auxiliar de Ensino, no final do ano ele, não sei por que razão, ele me nomeou professor assistente. E assim foi. Mas só pra dizer que essa institucionalização foi se dar no período da década de 70. Regulamento de ensino comum pra todos os cursos... regimento interno da Escola... criação do Conselho. É a primeira Unidade que tem Conselho. Eleições nos departamentos. A gente vai fazendo eleições nos departamentos já nos anos 80, a gente faz. O Departamento de Ciências Sociais foi o primeiro que fez na Fundação. Quando eu saí do departamento e a Célia Leitão entrou chefe do departamento. O... tanto que o Guilaro quando era o presidente da Fundação, quando despachou favoravelmente, a Célia disse que esse procedimento deveria ser adotado nas demais unidades da Fundação. Ou seja, foi o primeiro que fez a coisa. Não sei se acertamos ou não, mas de qualquer maneira (*ri*) foi o primeiro que fez eleições. A Escola de Saúde Pública foi também onde aconteceram as eleições, não é? Assim, do ponto de vista uma vez institucionalizado com esse processo de institucionalização, nos anos subsequentes, fomos organizando. Então tinha essa a dos cursos descentralizados, você tinha o Conselho Departamental da Escola. Quer dizer, os chefes de departamento mais o diretor faziam parte desse Conselho, diretor e vice-diretor. E a gente ia organizando, ia institucionalizando, não é? Porque são momentos assim... e nem sempre, ou na maioria das vezes, isso tinha correspondência no que estava acontecendo fora, né? Então ia se criando, ia se...

LS – (??) faz uma ligação direta dessas coisas não. Isso é...

AS – É... Eu acho isso, quer dizer, a capacidade...

LS – O Arouca faz um concurso contra um general e ganha!

AS – É, contra um capitão e ganha.

AP – A entrada do Arouca.

AS – A entrada do Arouca...

LS – Depois. E vem no PESES. Também vem sem problema nenhum.

AS – É, mas vem em 70 e...

LS – Não tem problema, veio, entrou. Depois fez o concurso. Foi o que ganhou (??) (*falam ao mesmo tempo*). Hein?

AS – E eu era da banca.

LS – E você era da banca.

AS – Elza Paim era presidente da banca.

LS – Da banca.

AS – O Paulo Reis da Fundação Oswaldo Cruz...

LS – ...é a coisa complicada essas explicações muito simplistas, não é? (???) Mas ele veio. Veio, ganhou do general, me disseram que era general...

AS – Não, era capitão.

LS – Era capitão. Não importa! Que encheu as aulas de uniformes fardados e coisa e perdeu o concurso. Eu era diretor nunca recebi um pedido pra, nunca recebi um pedido, dizer: “Ó, faz isso, faz aquilo...” Tem umas coisas que iam acontecendo. Uma vez tinha a filha do (*Headmark?*) – se lembra do almirante Headmark?

AS – Ah, do almirante Headmark.

LS – A filha do almirante Headmark veio fazer prova pra um curso de Biologia. Quer dizer... foi aprovada! Eu era coordenador do curso (*AS ri*) e eu falei com aquele... – como era o nome dele?

AS – Era uma barra pesada. Eu sei, que está na Academia (??). (?) Furtado.

LS – Não! Furtado era...

AS – Ah, era o chefe de Ensino. Departamento de Ensino.

LS – Isso. Disse: “Não, deixa comigo.” Mas também não aconteceu nada. Nem ninguém pediu pela filha. O Headmark era o vice-presidente, era um almirante, vice-presidente da República.

AS – Eu não sei se participei da seleção, a gente quando fazia a seleção (*ri*) o Luis Fernando fazia seleção pra Biologia, me convidou. Então eu ficava na banca sem entender, como até hoje, nada da disciplina, mas eu fazia uma única pergunta. Os alunos entravam e a primeira coisa que eles faziam: tiravam um número, né, numa caixinha de papel assim, sorteava o ponto. Aí sorteava o ponto e tinha assim uma série de microscópios e lupas, não é, na sala. Então cada um deles tinha um numerozinho que correspondia ao ponto. Então você tinha que primeiro, ia lá, então você ia no teu microscópio, olhava e você vinha pra banca. Então

primeiro examinador era eu, aí eu perguntava, então eu fazia o seguinte: (???) falava não sei quê e perguntava assim: “Você identificou, que vírus você identificou?” Estava assim naquele papelzinho. Aí o cara (*ri*) respondia. Se ele respondesse que tinha identificado o vírus ‘x’ não sei o que das quantas, não precisava passar pelos demais examinadores, se ele ficasse espantado, né, pelo fato de ter conseguido identificar um vírus com uma lupa de 10 aumentos, aí então o cara passava pra um segundo examinador. E o incrível é que tinha gente que tinha conseguido ver através de uma lupa de 10 aumentos um vírus, né? Aí a gente: “Esse cai fora, passa pra lá, espera até o final, já estava eliminado.” Então tinha essas coisas.

AP – E o concurso do Arouca, como é que você lembra?

AS – O concurso do Arouca, é essa banca que eu estou te dizendo: o Paulo Reis da Fundação Getúlio Vargas...

LS – Elza Paim, né?

AS – Elza Paim era presidente, Mário (*Saegue?*) e eu, éramos da banca. Então você tinha um ponto... de escolha prévia, né... (*LS fala algo*). É, você tinha um, você tinha a prova escrita, você tinha duas orais. Uma que você escolhia o ponto e outro você sorteava o ponto, né? E o dia em que ele foi fazer aula do ponto dele, que ele tinha escolhido, a sala lá do 4º andar, ficou lotada. Realmente ficou lotada! Era toda verde, verde, verde...! E aí gente com muita estrela em cima do ombro. Não sei como é que ele conseguiu, mas tinha muita gente, era uma loucura! E tinha um rapaz da escola Preparatória de cadetes ou algo no estilo, que era que projetava os slides e antes disso ele foi... foi colocar no quadro as anotações em cima das quais o capitão ia fazer a sua exposição. E o quadro, né, o quadro-negro, ele é comprido, é todo comprimento da sala. E o rapaz colocou em colunas, assim. Ele foi fazendo anotações: 1ª coluna, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª coluna... foi fazendo anotações do que ia passar. Abriu a aula, ele pediu que todos se levantassem e foi executado o Hino Nacional e num dos slides aparecia a bandeira brasileira e o Hino Nacional foi executado, sentou todo mundo e aí ele começou. Ele usava um bastãozinho, aquele bastãozinho de comando, né, ele batia o bastãozinho de comando na perna e o cara mudava o slide, mas só que a seqüência – e aí eu lembro a cara do rapaz completamente apavorado – porque ele escreveu, digamos, na vertical, e o capitão lia na horizontal. Então evidentemente lá um pedaço de frase aqui no primeiro bloco não fechava com o pedaço de frase do segundo bloco e assim não ia fechar nunca. E ele deu aula toda, toda, toda aula ele deu assim. Foi um constrangimento! (*AP fala algo*) ... Mas ele não tinha a minha idéia! Ele se referia a todo tempo ao famoso, a como era importante o fio do *back*, que a gente foi saber depois que era o tal de *feed back*. O fio do *back*. Ele se referia ao fio do *back* durante todo o tempo. E ele encerrou a aula... Mas era um constrangimento generalizado, todo mundo tinha visto, o rapaz fazia as anotações assim e ele quando falava, falava assim. Porque ele não estava no momento que o rapaz, do que estava fora. Depois de tudo pronto, chama-se então o... o participante do concurso, né, e ele entrou, quando entrou começou a falar, foi aquele... No final ele fecha, diz assim: “Deixo então a egrégia banca, a egrégia banca, deixo com um pensamento do filósofo ‘O desconhecido é aquilo que não se conhece.’” Bateu os calcanhares, bateu aquela taquarinha, e “muito obrigado”, se sentou. Foi um gelo assim, completamente...! Aí fomos nós da banca reunir – porque tinha que dar nota, né? – e aí três demos zero e um deu 4 porque disse que pelo menos (*ri*) um, que foi o Mário

Saegue, né, o Mário conta... o Mário disse: “Mas, não é... quem sabe...” “Tudo bem, você quer vai ser a nota da banca, mas você vai.” E o Mário teve compaixão dele e deu 4. Ele disse: “Não, eu dou 4 porque cada um de nós fica com 1.” “Então tá bom, Mário, cada um de nós assume um ponto pra o cara.” Aí demos 4 pra ele. E isso em plena época da Ditadura! Depois o Arouca veio, deu a aula dele, o Arouca tirou 10, teve 10 (??)... *(falam ao mesmo tempo)*

LS – Pois é isso que eu tô dizendo, eu era diretor da escola e não recebi um pedido, estou sabendo desses detalhes...

AS – E não foi brincadeira! O que tinha de gente com estrela naquele troço não era brincadeira! Então é esse...

AP – Esse cidadão se candidatou.

AS – Se candidatou porque ele era médico do Exército e foi um concurso muito concorrido. Tinha muita, muita gente pra cada vaga que a gente ofereceu. E nós oferecemos uma quantidade enorme de vagas pra... sei lá, praticamente todas as áreas tinha gente concorrendo, né? Todo departamento. (??) *(falam ao mesmo tempo)*

LS – (??) concorreu com o Fontana.

AS – *(Fontana, me lembro. Fontana?) (ri)* Mas tinha gente...

LS – E era um homem bom!

AS – Não, era... havia pessoal gabaritado, a escola... estava naquele momento, não sei como é que estava a universidade, mas a gente estava com um relativo prestígio...

LS – Tinha muito concurso.

AS – Nós já estávamos com os cursos descentralizados, nós já estávamos... ou seja, ela já estava – é aquilo que eu estava te dizendo – ela estava, já tinha uma sustentação, entende, além do Ministério da Saúde e além da Fundação Oswaldo Cruz.

AP – Os cursos descentralizados deram uma visibilidade nacional pra Escola, uma penetração nacional...

AS – Total, total...e uma sustentação pra ela.

AP – É, com essa parceria, né?

AS – Sustentação técnica e sustentação política.

LS – É essa coisa que você precisa pegar. A faculdade que eu estudei era a Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil e que vinha também, a mesma coisa, vinha

gente do Brasil inteiro estudar naquela faculdade. A Engenharia era a mesma coisa, Direito era a mesma coisa. Então as coisas aqui tinham... Aqui era a capital. Se você voltar pra atrás, as coisas aqui atraíam. E não tinha também nesses outros lugares, quer dizer, ninguém imaginava que você fosse ter faculdade de Medicina em Goiás. Mas não podia ter, nem em Mato Grosso, nem... tinha Bahia, que é antiga, Recife tinha e pronto. Uma no Rio Grande do Sul que é antiga, né?

AS – É, tinha lá.

LS – Eram poucas. Então vinha todo mundo pra cá. E São Paulo era...

AS – É, São Paulo sempre foi à parte. Mas com isso você teve então possibilidade...

LS – Então... não diria, é só pra te... que foram os cursos descentralizados que deram visibilidade à Escola não. A escola era Escola Nacional de Saúde Pública. Era pra o Brasil inteiro, já vinham... isso que o Arlindo contou, dava passagem pra o cara... *(AS fala algo)* Acre ou, não sei, no Amazonas... recebia passagem, vinha, tinha casa, comida, bolsa e...

AS – É. Casa, comida, roupa lavada e bolsa.

LS – Era a escola que dava. Não era, não tinha...

AS – Tinha lavanderia lá no térreo.

LS – Tinha lavanderia...

AS – Restaurante...

LS – Tinha restaurante, tinha tudo. Servido a garçom. *(risos)* Garçom de... *(??)* gravata borboleta...

AS – Gravatinha borboleta.

LS – ...de camisa... – como é? – e jaqueta branca, e servia.

AS – É. Essa é uma, quer dizer, *(LS fala algo)* e é um processo, né? Mas o...

LS – E era uma hierarquia também na hora de sentar. Sentava o Blois, os chefes de departamento, depois... *(??)* sentava todo mundo... onde queria.

AS – Essa anarquia foi depois! Aí a coisa começou a piorar. *(ri)* A anarquia vem depois, Luis Fernando. Então havia hierarquia, respeitava sim e se fazia respeitar. Mas um processo, né? Mas entendo o que você está colocando também, eu acho assim...

LS – É importante. Eu acho que é... *(falam ao mesmo tempo)*

AS – Essa influência e visibilidade, não é, maior, numérica, ela se dá com os cursos descentralizados.

AP – É, porque no Rio de Janeiro, capital da República, a Escola Nacional de saúde Pública, Nacional (*falam todos ao mesmo tempo*) do Brasil.

AS – Essa era a história, né? Então isso aí...

LS – Eu me lembro depois, quando eu era estudante, já tinha faculdade de Ciências Médicas. A UERJ, né? A UERJ era uma faculdade particular. E os alunos da Nacional olhavam de cima pra esses alunos da... Hoje não tem mais isso, né?! “Ah, isso é da...!” A Faculdade de Ciências Médicas era menor, ela... hoje não tem mais isso, hoje está tudo igual.

AS – Então, formado pela Universidade do Brasil o cara está na... é “o rei da cocada preta”, estava por cima.

LS – Pelo menos se sentiam, né?

AS – Se sentiam e era assim que eram reconhecidos, né? Independente da sua qualificação.

LS – Assim se via.

AS – Mas isso é um pouco, né, dessa historiada toda...

LS – É o... é o Rio capital. A capital era aqui, o Senado aqui, tudo aqui.

AS – E tem as outras histórias, mas é que... fica pra uma outra vez.

AP – Porque vocês estão... pode interromper, mas pra mim ficou faltando ainda o período de vocês, né? Exatamente o período da geração Arouca.

AS – É, quando a gente chega aqui...

AP – A geração Arouca que é o período que vocês... enfim, ...

AS – É, isso é que dá, digamos, ... (*falam ao mesmo tempo*)

AP – (??) desenvolver...

AS – ...a Escola já na presidência da Fundação, né?

LS – Aí já é Fundação, né?

AP – Isso já é final da década de 70, início da década de 80, né?

AS – Não, aí é 80 e... (*interrupção da fita*)

Fita 3 - Lado B

LS – ...É, é quando acaba...

AS – 85.

LS – ...Tancredo Neves...

AS – É. De 85 em diante. Aí é que a coisa precisa...

LS – 85.

AS – É. Aí é que eu acho que a gente tem que ver a... porque a presença do Arouca...

AP – Se quiser deixar essa parte...

AS – Não, a gente pode deixar...

AP – ...pra uma outra vez... (*falam ao mesmo tempo*)

LS – (??) não, vamos acabar logo! Não é? (*risos*) Vamos acabar logo! Depois se tiver uma pergunta ou outra pra esclarecer...

AS – Mas deixa eu pensar bem... (*pausa na gravação*)

AP – Houve um pequeno intervalo aqui para o sanitário... (*risos*)

AS – Atividades extras depois de três horas...

AP – Isso.

LS – Com a abertura política...

AP – Isso. Falar um pouco da época do Arouca.

LS – Aí foi feita aquela distribuição dos ministros e tal pelos partidos, aquele negócio do Tancredo, (???), e Arouca então convidou o Partido Comunista. É isso Arlindo? Pra indicar...

AS – Não, não... Foi o... foi o Santana.

LS – Santana.

AS – Foi o Santana.

LS – Sim, mas dentro dessa arrumação, né? Não? Bom, Arlindo sabe! E... (*risos*)

AS – É, porque essa história, essa aí merecia uma... como é que se dá essa, digamos assim a...

LS – Indicação do Arouca.

AS – ...essa indicação, isso. Mas isso não é gratuito também, né? Quer dizer, já há uma preparação, já há um trabalho prévio de...

LS – Não, a gente já vinha assumindo...

AS – Nós já vínhamos assumindo. Eu acho que a parte mais importante é essa, né?

LS – (*É mais uma herança?*), uma coisa dentro da Fundação... (*telefone*)

AS – Dentro da Fundação já. A gente tinha isso aí.

LS – E aí o... o Arouca é indicado pra presidente da Fundação e aí nós viemos pra cá.

AP – Essa parte prévia como é que é? Podia retomar...

AS – Não, eu estou dizendo que o... (*LS fala algo*) essa parte de como é que se dá esse processo, ele é bem interessante, bem rico, da época do Tancredo.

LS – Já tinha sido diretor da Escola...

AS – Isso.

LS – Tudo isso foi criando...

AS – E com a proximidade e com a abertura política, não é, ficou evidente que com a liderança que a Escola tinha dentro da Fundação, né, porque o Guilardo era o presidente da Fundação, ficava claro que nós tínhamos que obter, tínhamos que pleitear pela liderança uma posição dentro da presidência da Fundação. A nossa idéia originária era uma vice-presidência, que a vice-presidência de Ensino, né, fosse da Escola de Saúde Pública. E, portanto, o Guilardo seria, no início, o nosso candidato. Guilardo era o nosso candidato, não é? Mas só pra dizer, quer dizer, disso aí é que desdobra basicamente. Então com isso aí hoje, o resto a gente pode ver depois, sei lá, mas com isso nós nos preparávamos pra (?) para a presidência da Oswaldo Cruz. Então nós tínhamos os famosos encontros nos finais de tarde, famosos pra nós, onde a gente trabalhava com essa idéia. Então aqui, o Garota de Bonsucesso – não é isso? – nos albergava “à miúde e à graúde”, a gente ia lá no final de tarde pra garota de Bonsucesso e ia fazendo essas, quer dizer, ia trabalhando um pouco essa idéia, pela liderança que a Escola tinha, a tomada do Castelo – a gente brincava com isso – mas era por

isso, quer dizer, nós estaríamos pleiteando uma vice-presidência que seria mais do que razoável naquele momento pra escola. Agora..., mas aí...

AP – Nesse contexto de mudança de governo.

AS – Nesse contexto de mudança de governo. Mas aí o Luis Fernando com (*AP fala algo*) com a sua capacidade sempre fértil e memória privilegiada começou a nos recordar sobre determinados fatos, fenômenos e personagens da história aqui de Manguinhos. Não é era Fundação, coisas mais antigas. Aí é que aparece então a história de (*Ricamor ou Ricanor?*), não é? Então começam a se desenvolver uma série de personagens aparecem. Então esse castelo pra nós nessas (*AP fala algo*) tertúlias e Fontana e tudo mais, ela... o castelo passa a ser povoado de personagens mesmo que a gente ia referendando, ia criando. Aí cabe aos historiadores saber sim ou não, se é criação ou não. E onde é que está, quem é que imita quem. (*falam ao mesmo tempo*) a realidade, isso é problema de vocês, (*ri*) o nosso está resolvido. O nosso existe, está resolvido. A literatura é vasta nesse sentido. O Luis Fernando tem – aliás vale a pena você ler – tem uma vasta obra dedicada exatamente não só aos personagens que vocês na história já comentaram, como outros personagens que ainda não coletaram que estão lá colocados, né? E... eu estou dizendo isso porque não foi uma coisa assim de um momento pra outro e estourou. Como nunca é! A gente vinha se preparando. Nós tínhamos uma preparação pra isso, nós tínhamos uma idéia, a gente montou...

LS – Nós sonhávamos com isso...

AS – Nós sonhávamos com a tomada do castelo, é. Mas de início, dentro desse limite, entende?

AP – A vice-presidência.

AS – Uma vice-presidência pra nós já estava de bom tamanho. No andar da carruagem é que as negociações se mostraram mais, eu fazia as negociações – naquela época eu era diretor da Escola – fazia as negociações com o Guilardo que era presidente aqui. Me lembro de ter vindo, ter conversado com o Guilardo dizendo que era essa a nossa pretensão.

AP – O Guilardo é que era o atual presidente.

AS – Era o presidente naquela época.

AP – O então presidente.

AS – O então presidente. Ao que o Guilardo me disse que não poderia responder, mas que tinha não sei quê... Eu não sei, ele teve uma assessoria... – não sei – certamente equivocada nesse sentido de não assumir algum compromisso. Eu digo que ele tinha assessoria porque havia um nome no ar, entende, de alguém, ou que estava interessado nessa posição... não sei, isso aí teria que ser perguntado ao Guilardo. Mas o Guilardo a gente trata ele sempre com muito respeito porque... ele... um dia ele me mandou, tempos depois, nós estávamos aqui na presidência, ele mandou uma fotografia nossa e ele dizia assim: “Eu que sempre fui

democrata, não sei das quantas...” E é verdade! Porque ele era estigmatizado, porque ele era coronel do Exército, coronel-médico do Exército. E isto vindo do período de ditadura “Ah, vem diretamente da...” – Ele vem da Paraíba, né? – “...da Paraíba pra cá porque os militares impuseram...”. Possivelmente veio por influência, por esse caminho, né? Mas o que não desqualifica a pessoa. Quer dizer, ele... eu acho que a prática dele conosco foi sempre muito aberta conosco.

LS – É, ele sempre foi um cara muito legal, muito aberto.

AS – E com essas dificuldades com o Vinícius que a gente relatou lá atrás, quando o Vinícius fez mudanças e etc., etc., né? O Guilardo sempre manteve uma aliança conosco. Quando ele, Guilardo, foi presidente, ele chamou o diretor da Escola, o Ernani Braga pra assumir a vice-presidência de Recursos Humanos, de Ensino. Por isso que a gente achava que era uma consequência lógica também a escola estar nessa posição depois com a abertura. Mas pra te dizer que então houve essa questão e eu lembro de ter voltado aqui depois, conversado com Guilardo e ter dito pra ele que nós tínhamos um candidato. Quer dizer, se ele não tinha uma resposta nós tínhamos candidato e que nós íamos – com toda a lealdade – nós íamos buscar apoio político pra colocar o nosso candidato que era o Arouca, né? Era o Arouca que tinha acabado de voltar da Nicarágua, né, há pouco tempo tinha voltado da Nicarágua... tinha tido uma participação importante na Escola naquele período de PEPE/PESES, depois no Departamento de Planejamento, mas depois foi pra Nicarágua e seguiu. E nessa época a indicação era por partido político, era o PMDB no poder, né, Tancredo Neves, (*LS fala algo*) era (??)...

LS – (???) negócio de partido comunista...

AS – Mas com a morte do Tancredo não se sabia quem era... quem eram os ministros dele. E a famosa secretária do Tancredo Neves era a mulher que teria tudo anotado no caderninho do Tancredo. E ela, dona... Antônia, eu acho (??) e a gente descobriu – era o ‘zum, zum’ que andava – que a pessoa indicada teria sido Carlos Santana, um deputado pelo PMDB da Bahia. E aí então fizemos uma incursão a Brasília. Sei lá, seis ou sete, fomos a Brasília e levamos o nome do Arouca que tinha sido... nós tínhamos concordado com o nome do Arouca internamente e isso já estava sendo trabalhado externamente porque tinha que ter a concordância do PMDB do Rio de Janeiro. Essa... mas é uma história longa e de detalhes nisso aí.

AP – Eu acho que a gente pode dar uma sinalizada hoje e...

AS – É, isso que eu queria dizer, damos uma sinalizada e a gente (*AP fala algo*) Não, tudo bem... fazemos numa segunda etapa. Eu acho que o mais interessante ainda, a gente dando continuidade, é essa expectativa que a gente foi montando essa idéia, entende, (*AP fala algo*) de Fundação... tá acabando?

AP – (???) tem só três fitas.

B – Não, tem 20 minutos.

AS – Ah, então tá bom, tem 25 minutos. Não, é só pra te dizer isso, quer dizer, nós quando chegamos à presidência da Fundação Oswaldo Cruz, nós não chegamos, entende, de alegres nessa história. Nós tínhamos um projeto, nós pensávamos num projeto, né? A gente tinha esses encontros, tinha essas tertúlias, né, pra tomada do castelo. Essa era a idéia, repito, na vice-presidência de Vinícius e depois quando nessa outra história que é mais longa, mais detalhe, quando o Arouca passou a ser o nosso candidato.

LS – Aí tem uma coisa também que eu sempre achei muito positiva de Arouca. É que Arouca nunca pedia a você aquilo que você não podia dar ou que ele... ele pedia a cada um aquilo que era da natureza. Eu acho que isso era o bom e por isso que eu pelo menos e acho que o Arlindo também, ficamos aqui vice-presidente uns seis anos, né?

AS – Cinco anos.

LS – Cinco anos. Quer dizer, ir a Brasília, tratar com deputado e coisa, ele nunca ia me pedir porque eu ia fazer isso mal, eu odeio, e não vou! Não vou. Então ia Arlindo. O Morel, o outro era o Morel também. Então pra mim me cabia o Politécnico, Casa de Oswaldo Cruz, que eu estava... mexi muito nisso... porque era a natureza de cada um. Eu acho que isso foi muito bom, não é isso, Arlindo? Você concorda com isso?

AS – É. Certamente isso era uma característica... Não, certamente era uma característica dele.

LS – Era uma característica. Quer dizer, ele não pedia coisas que eu não gostasse de fazer. Ele sabia. Quando eu não gostava de fazer isso ele não me pedia. Eu ia fazer mal e coisa. E com isso havia um clima muito agradável. O tempo que a gente passou aqui foi um tempo muito agradável, muito feliz, né? Cada um...

AS – Muito aberto e de criatividade muito grande.

LS – Grande atividade e de todas essas coisas novas que o Arlindo lembrou de... Politécnico, Casa de Oswaldo Cruz... Era lá o Gadelha numa mesa dentro da sala, aquela sala que hoje está o Gadelha, lá embaixo no primeiro andar.

AS – É, exatamente. (??) a sala original, é.

LS – E... e politécnico a mesma coisa. Politécnico funcionava aqui provisoriamente, aqui...

AS – Pavilhão 26.

LS – ...no Pavilhão 26, tá caindo aos pedaços, cheio de ratos! O primeiro programa era expulsar os morcegos e tal. (*risos*) E também tinha uma idéia, quer dizer, tem que começar a funcionar, não adianta fazer feito eu hoje vejo vocês fazerem, que ficam discutindo, discutindo, fazendo projeto (*risos*) e bota no papel...! Vamos fazer o... pergunta: “Onde é que vai ser? Onde é que vai ser” “Vai ser aqui!” Então, pronto. “Quem é que é? Tem duas pessoas? Senta uma aqui, outra aqui!” E começava a coisa. Por isso eu disse...

AP – Projeto, avaliação...?

LS – Não, antes! Porque ele tinha que aproveitar (*falam ao mesmo tempo*)...

AS – Avaliar. A gente sabia que ia dar certo (??)

LS – Porque você tinha que aproveitar a hora de fazer, porque se você esperasse não ia sair. A única coisa que esperou, que esperou, que esperou, era o centro de Auto-estudos, que não saiu até hoje!

AS – É, não saiu, a gente não conseguiu.

LS – Não saiu. Porque fica discutindo, fica discutindo... A gente não! “Vamos fazer a Casa de Oswaldo Cruz!” “Vamos!” (???) “Aí tem que botar o (*Rostan?*)!” O Rostan ocupava aquela casa. Você lembra do Rostan? Rostan era um bom sujeito, eu gostava do Rostan, era menino. Aí eu fui lá: “Dr. Rostan e tal...” fui falar com (?), pronto, tirou o Rostan, limpou, aquilo lá era sujo...

AS – É. A cavalariça era depósito de inservíveis, de coisas, de ferros... (*falam ao mesmo tempo*)

LS – ...cavalariça... E eu fazendo o (*réu confesso???*) discussões teóricas e princípios e tal, porque a gente não sabia se amanhã ou depois ia ter chance. Se ia fazer, ia fazer agora!

AS – É, e o... Pois é, a biblioteca, a parte da biblioteca Oswaldo Cruz hoje tem abençoado e benzida, jazia, entende, num sótão ali na cavalariça cheia de terra e de poeira. A gente foi lá e tirou... ou seja, a gente andava também por aqui. A coleção... aquela... (*falam ao mesmo tempo*)

LS – Eu tinha... depois eu dei à Lisabel, eu tinha... eu me lembro, uma das coisas que eu tinha era um bilhete do Chagas ao Travassos, chefe do Departamento de Helminologia aqui do IOC, chefe de departamento. “Travassos, não sei quê...” Isso aí está jogado aqui no chão.

AS – É, lá em cima. Era assim.

LS – Fui guardando em casa umas coisas e...

AS – A coleção de Anatomia Patológica estava sendo comida pelos ratos aqui no Pavilhão onde é hoje... aqui, a Bacteriologia, acho que embaixo, né? Estava lá sendo jogada, ela era uma cena de pavor: aqueles vidros grandes quebrados sem formol, aquelas peças anatômicas todas arrebentadas... foi se recuperando aquilo... A coleção de lâminas do início do século, foi se recuperando aquilo...

LS – Que era da febre amarela...

AS – ...da febre amarela... Quer dizer, houve uma série de... porque a gente andava pelo campus, entende?! A gente andava por aí. A gente sabia das coisas. A gente tinha... Então (??) agora você vê, vai botando na cabeça sem falsa pretensão, você tem assim: “Oswaldo Cruz, esse processo, né, esse mesmo processo que é de novo, quer dizer, o velho (??) é que fala sobre isso. Quer dizer, quando chega e institucionaliza, as regras, as normas, etc., etc., e o carismático. Então você tem esse carismático lá na Oswaldo Cruz, depois você tem a institucionalização, depois você tem decadência... (ri) aí depois você vai ter essa, por exemplo, na Escola de Saúde Pública você tem o Blois que é nitidamente um carismático com essas características, né?”

LS – Não, e aqui também. Você tem o Arouca...

AS – Depois aqui você vai ter o Vinícius e depois quando chega o Arouca é a mesma coisa!

LS – Aqui o Arouca aumentava salário, Arouca fazia, tinha um poder...

AS – A gente fazia isso.

LS – ...que hoje não tem. Não é verdade?

AS – A gente tinha força nisso, a gente tinha força.

LS – Tinha força com esse ministro, como é o...?

AS – Com o Santana?

LS – Carlos Santana.

AS – Com o Santana a gente tinha muita força.

LS – Tinha muita força, tinha muita força.

AS – É. E fora do Santana a gente tinha bastante negociação. Quer dizer...

LS – Por isso é que eu digo sempre quando “Ah, não faz eleição aqui dentro, eleição é formidável!” Depende, porque às vezes se o cara que foi eleito não tiver acesso ao ministro, não adianta nada. Não é verdade?

AS – É. Mas eu acho, quer dizer, esses... pra mim esses momentos eles são bem claros.

LS – Isso é um momento rico. A gente viveu isso aqui várias vezes.

AS – Você aproveita ou não aproveita. É isso. Eu acho (AP fala algo). É, você tem circunstância... (falam ao mesmo tempo) quando a circunstância interna, ela acopla com a circunstância externa, né? Quer dizer, você tinha um grupo que trabalhava... (AP fala algo). É, e você...

AP – (??) tem o personagem, tem o carisma... que tem personalidade, tem relacionamentos...

AS – É, porque...

LS – Escola de Saúde Pública se não junta todos esses fatores e o Blois e tal, estava até hoje. Cada um dava a sua aula e...

AS – Parava por aí. Quer dizer, se você não tem um grupo de São José dos Campos, entende, Estudo Tecnológico da Aeronáutica (???), quando chega o Geisel e diz: “Vamos botar esse negócio pra frente!” Então: ‘pum’, bota pra frente. Eu tenho a Embraer: ‘pum’, vai. Aí tem um outro grupo de São Paulo trabalhando sobre fibra ótica, meia-dúzia de caras lá. Aí a gente diz: “Bom, bota esse negócio pra frente.” Aí o Brasil: ‘pum’. Sabe? Você tem a Petrobrás: “Ah aqui, costa... alta profundidade...”

LS – Você quer ver...?

AS – “...vamos botar lá...” entende? Aí você alia com a circunstância externa (??). *(fala ao mesmo tempo)*

LS – (???) porque tinha o Galvão. Você lembra...?

AS – Aqui no nosso caso, ‘putz’?!

LS – Antes de ter o diagnóstico de Aids aqui o Galvão estava começando a estudar isso. Aquele Galvão que está na Bahia, não sei se você conhece.

AP – Não.

LS – É um patologista.

AS – Dr. Galvão.

LS – E aí...

AS – Bernardo Galvão, é.

LS – Bernardo Galvão. E aí foi só jogar: “Toma, Galvão, toma...!” jogar dinheiro e coisa. E quando estourou Aids aqui, cresceu, ficou por conta do que... tinha alguma coisa, né?

AS – E porque... a família Pereira, o (Gelli?) e a (?) tinham trazido de contrabando dos Estados Unidos, não é isso?

AS – Isso eu não me lembro.

AS – Um kit. Ué, foi! Eles trouxeram pra cá, entregaram pra o Galvão, o Galvão desenvolveu e identificou pela primeira vez no Brasil o vírus da Aids. O que nos deu uma enorme de uma sustentação política, entende? Porque nessa área, na pesquisa, a gente não estava lá de muito boas pernas. Quer dizer, nos últimos anos já começava alguma coisa, mas pouco resultado. Então o grande resultado da nossa administração (*ri*) foi o Galvão, São Galvão... Galvão foi assim, do ponto de vista científico, foi quem nos deu. Depois outro personagem que foi importante também, entre tantos outros – pelo amor de Deus, não vou matar ninguém – mas o Hermann Schatzmayr certamente, né, quando depois... até na negociação no período do Alcenir Guerra com o ministro e o Collor como presidente, essa negociação se dá, dada à visibilidade que tinha o Galvão na época, não é, com...

LS – (??) depois, né?

AS – Não, isso já é depois.

LS – ...vai ser presidente.

AS – É. Aí o Hermann vai ser presidente, é a raiz dessa visibilidade que ele tem. Aí já é do teu tempo, não é? (*falam ao mesmo tempo*)

LS – O Hermann por exemplo...

AP – Já, claro! Eu peguei esse momento... da eleição do Collor...

AS – É, o Arouca vai... é.

AP – ...e a lista tríplice que o presidente não aceitou.

AS – Isso. Que não aceitou naquela época.

AP – Isso.

AS – Akira, eu e Morel.

AP – Isso.

LS – E eu acabei sendo presidente.

AS – E você acabou sendo presidente e por determinação... – não, acaso não! – por determinação interna. Porque não há nomeação, né? Não há termo de nomeação, mas os teus atos são todos reconhecidos e válidos e permanentes.

LS – Mas eu não entendi muito bem qual seria e a coisa correu bem.

AS – É, correu bem...

AP – Esse período todo a gente vai ter que esperar. A fita está acabando, eu estou aqui lamentando (*risos*) profundamente o andamento da carruagem aqui...

LS – (??) um grande cara, eu gosto muito dele...

AS – É, ele veio aqui quando ele..., mas aí é muita coisa, aí é muito longo. (*LS fala algo*)

LS – (???) olhava no olho e dizia “assim, assim, assim”. E eu me entendia com ele... então acabei ficando aí presidente da Fundação porque o Collor não assinava a lista. Aí eu fiquei um tempo, depois foi o Hermann.

AS – Depois nós negociamos, o Hermann foi então presidente...

AP – Uma alternativa à lista.

AS – Foi. Era o nome de maior visibilidade naquela época, era o Hermann.

LS – Era um bom nome!

AS – De prestígio científico, né? Então isso dava uma garantia pra nós da... da... (*prédio?*), né? E foi assim.

LS – Que vinha lá da Escola de Saúde Pública.

AS – Que vinha da Escola de Saúde Pública.

LS – (??) porque quando eu fui montar o Departamento de Ciências Biológicas, o Hermann era do IOC. Aí o Hermann me procurou, disse: “Eu lá não tenho nada! Não tenho uma salinha, nem microscópio, não tenho...” “Ué, vem pra cá!” Aí montamos um Departamento de Virologia lá na Escola. Era o melhor Departamento de Virologia que tinha no Rio de Janeiro.

AS – Foi. E ele assumiu exatamente nessa circunstância, por ter conseguido ser, quer dizer, ter uma visibilidade, né, nesse período em que estava uma situação bastante complicada.

AP – São Sebastião e o padrinho Hermann então, os dois santos aí.

AS – Qual é o São Sebastião? Ah, sim! Isso, é.

AP – O senhor já fez uma menção do São Sebastião aqui. O senhor está falando esse que está na Bahia.

AS – Ah, não! Santana!

AP – Não, mas esse é o deputado. O senhor falou do pesquisador que fez a descoberta (??)...

AS – Não, não! Galvão.

AP – Galvão!

AS – Não, São Galvão...

AP – Desculpe.

LS – Bernardo Galvão.

AP – Bernardo Galvão, desculpe.

AS – Não, o Galvão foi exatamente quem nos deu, entende, muita força, até pra as negociações fora. Quem fazia as negociações salariais aqui da Fundação era eu em Brasília e junto aqui, já com a associação dos funcionários, eu me lembro que quando a gente ia lá pra Brasília a primeira coisa que nós invocávamos era ter isolado o vírus da Aids pela primeira vez no Brasil. E aí nós saímos do 24º lugar no *ranking* salarial das empresas estatais e viemos parar no 3º lugar, só ficamos atrás da Eletrobrás e Petrobrás, que tinham 14 ou 15 salários. Então a gente conseguiu uma diferença salarial dessa ordem.

LS – É, nessa época vai misturar a história da Escola com a Fundação, né? Aí é Fundação.

AS – É, é, é. Já dentro desse projeto maior. Aí é que a coisa... e o que eu estava dizendo: lá atrás a gente conversava sobre isso, dizendo que você tinha duas alternativas: ou essa... essa situação casual, né, de IOC com hoje Biomanguihos, com INERu, com Escola, etc...

LS – Vai juntando...

AS – Pois é, teria sido aproveitada ou não?! No nosso caso foi aproveitada. E nós aproveitamos isso pra incluir novas unidades. E aí (*falam ao mesmo tempo*) Farmacologia, Farmacodinâmica, Genética e aí foi por aí afora.

LS – (???) genética... tudo isso...

AS – Dar uma virada no INCQS, dar uma dinamizada no INCQS, que tinha vindo pra cá o Guilardo...

LS – Sérgio Ferreira, né?

AS – Com Sérgio Ferreira...

LS – E o... aquele nosso amigo... (*risos*)

AS – Isso.

AP – Escapou.

LS – Carvalheiro!

AS – Carvalheiro!

AP – Carvalheiro.

AS – José da Rocha Carvalheiro. Que está aí de novo (?) no INCQS. Não, foi verdade, eu acho que por aí a gente conseguiu. Mas essa é uma outra história.

AP – Então é isso. Eu lamento, eu... a nossa falha com relação à fita...

AS – Não, nós estamos...

AP – Mas eu acho que a gente adiantou bem. Fizemos praticamente três horas de entrevista.

LS – Você quer agora o final, quer dizer, o nosso...

AP – Isso. O período de vocês.

AS – É, esse período agora que precisa... *(falam ao mesmo tempo)*

AP – Vamos lá. Vamos puxar a agenda. Vamos interromper então por enquanto a gravação, agradecendo... *(interrupção da fita)*

* Esta fita não foi gravada integralmente (aproximadamente 55 minutos)

Data: 18/11/2003

Fita 4 - Lado A

AP – Hoje é 18... são 18 dias de novembro de 2003. Estamos aqui de novo, na sala do dr. Arlindo no castelo, na presidência do Fiocruz pra falar um pouco sobre a história da Escola Nacional de Saúde Pública, nesse nosso segundo encontro, dessa vez pegando a Época Arouca. Como vocês quiserem chamar aí: Era Arouca, Época Arouca, Contexto Arouca... que seria segundo o depoimento da outra vez, um último momento. Porque passou a ENSP e a Fiocruz, né? Eu acho que um pouco a Escola, a história da Escola já é um pouco a história da Fiocruz, né?

LS – É nesse momento a Fiocruz, né? Quer dizer, está aqui na presidência, na vice-presidência e aí são as coisas que vão ser desenvolvidas nesse tempo. Aí nessa época é a criação da Casa de Oswaldo Cruz, a Escola Politécnica e uma série de outras coisas que foram feitas no movimento político que Arlindo sempre estava à frente, né, e... é a fase de apogeu. É a melhor fase, né, Arlindo? Da Fiocruz.

AS – Isso é verdade. (???) (*fala abaixo*) (*ri*) principalmente pra nós. Pode ser que pra os outros não fosse.

LS – Pelo menos pra nós, pra os outros não foi. Pra nós era. É, Oswaldo e depois nós. (*AS fala algo*) Depois de termos sido os grandes diretores da Escola de Saúde Pública, viemos pra Fundação.

AS – É. É o que eu acho que a gente estava falando da última vez – já nem me lembro mais – mas era um pouco assim sobre... ter trazido, em última análise ter recuperado a dimensão do sanitarista do Oswaldo Cruz. Porque o Oswaldo Cruz ele se notabiliza, volta e meia: “é o grande pesquisador e etc., etc.” Tudo bem. Vem pelo campo da pesquisa, mas ele tem dois outros atributos que são extremamente fortes, né? Quer dizer, ele é um sanitarista, é o homem da Saúde Pública, o homem da intervenção e ele é o homem gestor na área da pesquisa que é uma coisa raríssima, né? Pra bem dizer, inexistente. Então ele três, tem três posturas...

LS – É porque essa coisa está muito integrada: Saúde Pública com a pesquisa biomédica. Hoje chamada Biomédica, está muito integrado. Tanto que ele, quando sai o trabalho da vacina contra a peste, já sai com modificações, já sai. Ele não copia o modelo da vacina contra a peste. Ele já introduz modificações e tal. As coisas se juntam muito nessa época. Tanto que você num certo momento – datas depois você vê – você pra fazer curso de aplicação, curso de Saúde Pública, você primeiro tinha que ter o curso do Instituto. Você só fazia, só se matriculava no curso de Saúde Pública se você tivesse o curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz, que é o curso criado pelo Oswaldo em 1900 e pouco, né?

AP – E permaneceu assim durante quanto tempo?

LS – Durante um tempo. Depois passa a ser não todas as matérias do curso de Aplicação. Isso quem me contou foi Oswaldo Costa, mas algumas matérias do curso de Aplicação para depois você ir fazer o curso de Saúde Pública. E depois desaparece isso, né?

AS – Eu acho que é isso, entende, porque isso é razoavelmente compreensível e quando a gente veio dar com os costados na presidência em 85, não é, a gente tivesse essa idéia, essa compreensão. Porque a gente tinha um trabalho de recuperação histórica, quer dizer, se a Casa de Oswaldo Cruz começa depois, no entanto a gente já tinha isso. PEPE e PESES fizeram pesquisas aprofundadas sobre campanhas de saúde no Brasil, sobre a história da saúde no Brasil... Então essa compreensão a gente tinha. E aí é interessante porque certamente nós tínhamos isso mais do qualquer outra unidade dentro da Fundação, por mais próxima que estivesse até das origens, entende, do Oswaldo Cruz, etc., etc. A... eu acho que essa é a contribuição que a gente faz. Tanto que nós nunca nos arvoramos, digamos assim inovadores ou descobridores de alguma coisa. A gente sempre dizia e sempre diz que na verdade nós estamos fazendo jus a recuperar aquilo que o Oswaldo Cruz começou no início do século. A gente sempre tinha isso. Aí quando a gente começou a pensar por exemplo, no hoje departamento de Comunicação e Saúde do (*SIC?*), núcleo de vídeo, né? Por que é que a gente entre outras coisas vai criar um núcleo de vídeo? A gente cria um núcleo de vídeo porque a linguagem moderna é aquilo que o Oswaldo Cruz tinha! Oswaldo Cruz tinha o J. Pinto, que era um fotógrafo ao lado dele todo dia! 24 horas por dia. Ele dormia, o cara dormia, ele acordava, acordava. Então todas as coisas do Oswaldo Cruz – claro que eu estou exagerando, usando uma metáfora – eram acompanhadas...

LS – Eram documentadas...

AS – Claro! Ele era documentado...

LS – (??) tirava fotografia de balão (??)...

AS – Aqui em cima do castelo.

LS – ...e documentou toda a obra do castelo. (*falam ao mesmo tempo*)

AS – É toda documentada pelo J. Pinto e algumas de balão. Então quando nós criamos o núcleo de vídeo, o que nós estamos fazendo é atualizando a tecnologia daquilo que se fazia no início do século. Não estamos fazendo nenhuma descoberta maior nessa história, entende? Quer dizer, quando a gente foi fazendo isso, a própria Casa de Oswaldo Cruz, ele tinha um respeito pela memória, não é? Tinha memória!

LS – É. Tinha memória. Tinha memória do trabalho do Aragão que conta a história de Manguinhos, que é um trabalho de história, né? Um clássico publicado nas memórias em 40 ou qualquer coisa... 40. 40 eu acho.

AP – É, foi pesquisado agora nos 100 anos, né?

LS – Que foi utilizado nos 100 anos, nós incluímos como parte da condição com o Coura e o Lobato. E então a gente incluiu esse artigo naquele volume dos 100 anos. Conta a história do começo, conta a história...

AS – Quando você entra numa área de produção e tem gente que vira o nariz, entende, pra área de produção porque “é um centro de não sei quê... e tá, tá, tá...” então isso está lá nos primórdios... é obrigatório...

LS – E essa atitude é da decadência. O meu diagnóstico é que é da decadência. Os caras perderam a coisa e eu me lembro quando, em 50 e poucos eu vim estudar aqui, 60, o... eu me lembro que o pessoal que trabalhava na produção de vacina, inclusive o Oswaldinho Cruz, que era filho do Oswaldo, era olhado assim: como um trabalho secundário, um trabalho... a produção era a coisa. E a Saúde Pública foi se separando, foi se separando da... Aí ficou aquele núcleo de pesquisa com pouco recurso, com pouca coisa, embora – eu sempre digo isso – tenha pessoas muito significativas como era o Hermann Lent, o (*Hugo?*) Souza Lopes... Mas a Instituição como um todo é decadente.

AS – É decadente. E a nossa idéia foi um pouco essa. Quer dizer, nenhuma inventiva, recuperar, se instalar... A gente sempre brincava: “Instalar no Oswaldo Cruz, instalar no Oswaldo Cruz! Vai lá que você acha, você faz...!” A gente fez isso, foi ajuste, treinamento de pessoal de nível técnico, médio, não é? A gente disse assim: “Ah, é o Politécnico...!” Tanto que o Luis Fernando, ele sabe, o nome da escola é Escola Joaquim Venâncio (?).

LS – O Venâncio ensinava os outros...

AS – O Venâncio ensinava os outros aqui dentro! Você tinha um (*sensu?*)... Luis, você conheceu?

LS – Não. Não conheci.

AS – Não, eu não conheci não.

AP – Qual é a história que se conta do Venâncio?

LS – Venâncio? Era um cara que vem da fazenda do Carlos Chagas... porque hoje eles falam em nepotismo, mas essas ligações eram muito fortes nessa época. Ele tinha sido companheiro do Chagas menino, né, na fazenda.

AP – Amigos de infância.

LS – Hein?! Empregado da fazenda! Não! Era empregado da fazenda, da mãe do velho Carlos Chagas, avó desse Carlos Chagas. E ele vem pra cá. E vem pra cá e melhor do que tudo, as épocas são diferentes, vocês têm que fazer um esforço pra entender. Porque o Venâncio morava aqui na casa, criava umas vacas, dele Venâncio, que eram criadas aqui dentro. E que aí ele traz o Venancinho, que esse eu conheci muito, um grande amigo, o Venancinho que era sobrinho dele pra cuidar das vacas dele aqui dentro e tal. E depois... (*ri*) Era assim! Os

caras dormiam aí... Eu contei essa história – não estou me lembrando de tudo – mas tem um que vem pra tratar leishmaniose. Tratar leishmaniose e depois acaba funcionário, se aposenta funcionário! Que a leishmaniose não deixava ele o dia inteiro na cama. Então ele ia pra o laboratório, aprendeu uns troços e se tornou um excelente técnico. Não tinha serviço de pessoal nesse conceito de hoje, fazendo... o que tem era parente. Tinha muito negócio de parente! Era assim.

AS – É, e tinha... o Venâncio tem boas histórias, né, Luis, das contribuições dele, essa coisa de...

LS – Venâncio era um tipo muito interessante, curioso...

AS – (??) falar um pouco da história que você sabe...

LS – É, mas o mais engraçado é o dia em que se reuniram umas sociólogas amigas do Arlindo (*risos*) discutindo com as psicólogas, aquele pessoal da psicologia, psicanálise... Por que, eles tentavam interpretar o seguinte, por que o primeiro estado – isso é verdade. Agora eu posso contar – em que a mulher votou foi no Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte foi o primeiro estado, a mulher votou. E fizeram, naturalmente, teorias complicadíssimas e tal, tem os amigos historiadores também participaram e tal, fizeram vários seminários e tal. Aí o Venâncio ia passando, aí disse: “Ah, ... – deu uma gargalhada – não é nada disso!” O governador do Rio Grande do Norte e tem o nome desse cara, Lobato conta essa história dando o nome, eu esqueci agora. O coisa gostava muito da Berta (*risos*) e dizia... aí a Berta disse: “Não, tudo bem, mas... o voto da mulher.” “Tá bom, negócio fechado.”

AS – Negócio fechado era (??)

LS – É. Ela era muito bonita. Eu conheci ela já muito idosa, era uma senhora feia, né, era... mas quem conheceu ela jovem disse que ela era muito bonita. Foi primeira deputada...

AP – Se a gente pudesse recuperar...

AS – Voltando...

AP – Não, eu digo, o contexto da eleição do Arouca, né, que a gente começou... (*risos*)

LS – Você tem que aprender história, tá ouvindo?! Eu ouço essa coisa, esse mundo da história é muito engraçado. Eu vou te ensinar. Quando eu... tem umas coisas que eu fiz e que esquecem, ninguém me aplaude por isso, tem outras que eu não fiz absolutamente nada e sou aplaudido. Um dia eu fui receber uma medalha – eu acho, não sei se já contei isso – por 30 anos da fundação da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. Recebi uma medalha, veio uma menina linda, assim com as pernas maravilhosas, então ela disse: “Professor, o senhor é um homem maravilhoso! O senhor fundou a Sociedade de Medicina Tropical há 30 anos atrás e tal! Está aqui a sua placa, homenagem, nós reconhecemos tudo isso!” Você sabe como é que foi essa história? A história foi simplesmente o seguinte: meu mestre, José Rodrigues da Silva, chegou um dia pra mim e disse: “Você amanhã vai pra São Paulo.” A Mim, pra o

Coura, a Léa, não sei mais quem... acho que pra o Argento. “Mas professor – muito timidamente – eu vou me casar, não posso ir.” Ele disse: “Isso é besteira, pra que é que vai casar? Ainda está muito novo pra casar!” Aí o Argento não foi. Então não recebeu a medalha, eu recebi...

AS – Ah, o Argento não recebeu...?

LS – Não, porque... 30 anos. Então diz (??), aí nós fomos. Não sabia o que é que ia fazer nem por quê. Ele disse: “Vocês vão de trem porque eu já estou muito velho, eu vou de avião.” Aí ele foi de avião, porque ele não costumava fazer isso não, ele costumava ir com a gente. Mas já estava doente, já estava... Aí nós pegamos o trem, quando saltamos do trem tinha uns caras esperando com ônibus, com Rubem Campos e o... (*Amata?*) ... aquela gente de São Paulo.... Luis Rey eu acho que estava também. Aí pegamos um ônibus, também não sabíamos pra aonde é que ia. Fomos pra Ribeirão Preto. Chegou em Ribeirão Preto, o velho trouxe um livro e disse: “Assina aqui!” Eu assinei aqui. Era a fundação (*risos*) da Sociedade de Medicina Tropical! Eu absolutamente...! No entanto outras coisas que eu fiz que se esqueceram e coisa. Eu fui, eu fiz a cadeira de Parasitologia, eu fui o primeiro professor em Volta Redonda, eles descreveram nos 10 anos ou 20 anos, nem tem o meu nome pra... lá! Eu fui o primeiro professor... Hein?

AS – Foi, foi... foi o primeiro professor lá.

LS – Fui professor lá. Enfim, e milhões de exemplos. Então, esquece. Uma vez disseram, ouvi no corredor da Escola, dizer assim: “O grupo magnífico! As bases se juntaram e forçaram e criaram o Departamento de Ciências Sociais na Escola de Saúde Pública!” Não foi absolutamente nada disso! O Departamento de Ciências Sociais da Escola de Saúde Pública foi criado por um déspota esclarecido como o Arlindo já te contou 10 vezes. E essa é uma outra história! O Arouca foi eleito, não o Arouca não foi eleito!... O Arouca foi escolhido!

AP – Escolhido. Porque de qualquer maneira...

LS – Escolhido...!

AP – ...há uma história em torno da escolha, enfim...?

LS – Da escolha.

AP – Quando ele assume a presidência da Fiocruz.

LS – Arlindo sabe contar isso melhor. O... então não foi, isso não tira nenhum mérito do Arouca não. Arouca é nosso irmão!

AS – É.

LS – Mais do que qualquer coisa é nosso irmão.

AS – Ele estava vindo de lá. Precisa o... precisa entender uma coisa...

LS – Não houve eleição.

AS – Ele veio pra o PEPE/PESES, aí depois você vai recorrer aos alfarrábios e você vai ver exatamente a...

LS – Aí eu acho que entra... o Arlindo acha que não é bem assim, mas eu acho que entra também o Partidão!

AS – De quê? O Partidão? Não, certamente entra! Eu não... entra, entra o Partidão.

LS – É, entra... o Arlindo vai contar.

AS – Mas era PMDB!

LS – Mas, enfim, distribuíram Tancredo. Então os grandes partidos fizeram ministros, o Partido Comunista era pequeno! Então o Arouca não fez ministro e então o Arouca foi presidente da Fundação. E... eu acho que é isso.

AS – É, o nome dele vem, mas...

LS – Aí também me disseram as más-línguas depois que Arouca era muito irmão. Por isso é que eu fiquei esse tempo todo, Arlindo também. Quando foi no dia da eleição de Tancredo eu encontrei com o Arouca – você sabe dessa história, não é? – aquele tumulto na cidade e tal... Aí ele disse: “Arouca, estou muito triste! Muito triste porque tenho uma namorada que eu estou apaixonado por ela e ela foi pra Santa Catarina atrás de emprego, coitada!” Aí ele disse: “Eu contrato ela!” “Mas como?” “Ah, eu tenho verba!” Dessas bolsas, dessas...

AS – É, do projeto dele.

LS – Do projeto dele. Aí disse: “Não, mas ela não trabalha nessa área.” Ele: “Não tem importância, você é meu irmão.” As coisas tinham muito essa...

AS – E ele não era presidente ainda nessa época.

LS – Não, não tem nada com a presidência! Isso é outra coisa. Isso é lá na Escola.

AS – Não, é evidente que a coisa do Partido, claro que influencia nisso aí, né, quer dizer, em última análise. Porque o...

LS – Agora, tem essas outras coisas.

AS – É, porque ele não era uma figura de circulação ampla. Ele tinha se afastado. Ele esteve por aqui, depois ele fez o concurso como a gente já falou na outra, outro encontro, não é, e

depois ele acabou indo pra Nicarágua. Ele foi pra Nicarágua! Ele ficou... Então tinha essa coisa, evidentemente, de que o partido é importante, né? Manter a preservação da memória, da figura, etc., na época, entende, isso tudo. Mas a decisão aqui, a decisão era do PMDB! Quem decidia era o PMDB do Rio de Janeiro.

LS – Era... a vivência nossa era muito afetiva, né? A vivência entre nós, Arouca, Arlindo... era muito afetiva, muito... Tanto que chegou aos meus ouvidos – eu nunca perguntei isso ao Arouca, não sei se é verdade – que a minha escolha pra vice-presidente foi preciso o Arouca bancar porque no Partido não... o Partido não era dele. (*AP fala algo*). É, não é que... não, não...

AP – Não era muito bem visto o Partido Comunista...

LS – Não era bem visto. Não, não era deles! Não era deles!

AS – Mas não era também partido. Eu... eu... o partido que tem...

LS – (??) eu não sei se é verdade ou não. Mas eu não era do partido, não era...

AS – Não, eu também não era do partido.

LS – Arlindo também não era, era... Eu disse mais de uma vez: “Eu vim pra cá pra ser professor de Parasitologia.” A minha... por isso que eu tenho essas ligações com o IOC.

AS – Mas é que... deixa eu dizer uma coisa aqui. O... mas o... tá certo que o partido vale, é evidente, os historiadores vão atrás dessas coisas e vão achar e evidentemente que isso pesa também. Mas que tem que entender o seguinte contexto: na época eu era o diretor da escola, o Ernani Braga tinha morrido, eu assumi a direção da escola, o Luis Fernando era vice-diretor, né? Pelas ligações do Luis Fernando com o IOC e com os ex do Departamento de Ciências Biológicas que estavam dentro do IOC eram áreas dinâmicas, a gente já se referiu a isso em outra oportunidade, não é? O Luis Fernando é uma pessoa que tinha uma ascendência muito grande nessa área da pesquisa, respeito e ascendência, não é? Na área da Escola de Saúde Pública eu acabava de ser, ser referendado... não foi, não foi eleição formal com cédula, entende? Mas quando eu fui convidado pra assumir a direção da Escola Nacional de Saúde Pública quando o Ernani Braga morreu, o presidente daqui, o Guilardo, chamou e disse o seguinte: “Arlindo, tem muita gente querendo a direção da Escola, ou a gente assume rápido isso ou então nós vamos perder. Eu não vou agüentar a pressão de Brasília.” Ele foi muito claro comigo, o Guilardo, presidente da Fundação. E eu disse a ele: “Guilardo, como é que faz?...”

LS – Ele era um sujeito muito gentil.

AS – Muito! E ele me diz o seguinte: “Então você aceita?” Eu era vice-diretor. Eu disse: “Guilardo, aceito com uma condição, se isso for referendado pela comunidade.” Ele disse: “Então vai rápido, resolve e me traz o resultado.” Eu fui e nós fizemos uma assembléia na Escola, juntamos todo mundo: funcionários, professores, alunos, quem quisesse estava lá.

LS – A gente foi aplaudido...

AS – E eu apresentei essa situação e disse pra eles: “Eu estou disposto, agora, não vou sem o referendo de vocês.” Aí então houve uma manifestação, houve duas abstenções, né? Todo mundo foi a favor com duas abstenções. Eu lembro. As duas abstenções disseram o seguinte, se manifestaram dizendo que não era em relação ao nome, mas em relação ao processo. Queriam ter feito um processo eleitoral com convocações de eleições! O que a gente argumentava era o argumento do Guilardo: se não fosse de imediato, ele não ia agüentar as pressões de Brasília e ele ia botar alguém na direção da Escola, quer dizer, ou iam botar alguém na direção da escola. Então é só pra te dar mais ou menos uma idéia do contexto. Então a visibilidade... e o Luis Fernando vice, eu tinha sido vice do Luis e agora o Luis Fernando era junto comigo. Então nesse momento as duas pessoas que tinham maior, digamos assim, circulação e trânsito político dentro da Fundação era o Luis Fernando e eu! Nós éramos as pessoas de mais trânsito, né? E então, essa questão da eleição, quando o Luis Fernando diz assim: “Não sei por quê.” Não sabe por quê! Quer dizer, o Luis Fernando é indicado porque quando nós vamos com o Arouca pra fazer a campanha em Farmanguinhos, o Arouca não tinha a mínima idéia do que fosse Farmanguinhos. Quando a gente desceu a escada da Escola, saímos na porta e viramos à direita pra ir em direção a Farmanguinhos, ele perguntou pra nós “O que é que é que se faz em Farmanguinhos?” Ué, a gente teve de dizer pra ele “É uma fábrica de medicamentos, sulfato ferroso, o diabo a quatro, etc.” E ele foi pra lá, genial como sempre foi, fez um belo de um discurso e assim foi...

LS – Espetacular...

AS – Biomanguinhos a mesma coisa! (?) ele caçava no ar, toda.

LS – (??) no ar.

AS – No ar! Em dois tempos. E aquilo já fazia um enorme de um discurso e vai em frente.

LS – Um enorme de um discurso...

AS – Então quem é que tinha entrado em Biomanguinhos? Quem tinha entrado era o Luis Fernando porque Akira é que estava no comando e Akira tinha sido do departamento do Luis Fernando. Então quer dizer, quem é que estava? Luis Fernando era do Conselho Superior, também da Fundação Oswaldo Cruz, onde transitava, entende, com essas grandes figuras e com diretores aqui de dentro. Então a... não é hora de modéstias e nem de (*rebarbatismos?*) em cima, mas as duas pessoas que tinham mais, entende, entrada e articulação política aqui era o Luis Fernando e eu. (*LS fala algo*) Mas nós não tínhamos era vinculação partidária, entendeu? Essa era a história, nós dois não tínhamos vinculação partidária. Então quando, depois da escolha do Arouca – e essa é uma outra história, longa, mas a gente conta um dia, né? – aí então era óbvio que duas pessoas estariam disso, né, Luis e eu. E a outra pessoa nós escolhemos! A outra pessoa chamada Carlos Morel foi uma escolha nossa! Porque também não pertencia ao partido. Eu lembro perfeitamente o Arouca perguntando quem era! E eu vim no centro de estudos do IOC, lá no Pavilhão de cursos, tinha uma reunião de centro de

estudos, o Morel estava lá, eu chamei o Morel do lado de fora e perguntei pra ele se ele não topava ser vice-presidente da Fundação. A relação do Arouca com ele era muito pouca, era muito pequena. Mas ele tinha uma liderança de esquerda, digamos assim, não é, e era no IOC. Ele tinha sido inclusive presidente da Associação dos Docentes da Fundação Oswaldo Cruz. Aquilo que a gente já contou, o Luis Fernando fez menção da outra vez, que nós fizemos antes da reintegração dos cassados, nós fizemos uma homenagem aos cassados em plena ditadura!

LS – Era essa associação...

AS – E o presidente dessa associação na época era o Morel, entendeu?

LS – Era eu.

AS – Era você? Então o que é que o Morel era, era vice?

LS – Morel fez um discurso...

AS – É, Morel fez um discurso! Perdão, perdão... então você era o presidente disso.

LS – O presidente era eu.

AS – O presidente era você, o Morel fez um discurso de saudação a eles.

LS – Saudação... Tá publicado isso.

AS – Então na hora, na hora da escolha, a escolha foi assim. Quer dizer, não é a escolha foi assim, a escolha... isso tem outras... Mas é muito longo e é uma história muito... Eu preferia ainda muito mais hoje explorar o Luis Fernando porque senão eu vou ficar (*ri*)...

AP – Nessa escolha do Arouca, a articulação era sempre através do Morel então.

AS – É, mas não havia eleições!

AP – Não, porque de qualquer maneira tinha de fazer algum livro de...

AS – Era o Luis Fernando.

AP – ...de composição, né?

AS – Era o Luis Fernando e o Morel.

LS – Na hora era. É isso que eu estou dizendo a você: você pra entender (*ri*) essas coisas diferentes de outra época, vai precisar fazer um esforço senão... não tinha eleição. Não tinha eleição. Aqui...

AS – Mas tinha indicação.

LS – Era o ministro que nomeava.

AS – Sim, mas quando... quando (?) o Arouca...

LS – Se você voltar pra trás... Não, eu estou voltando, estou dizendo qual era a tradição aqui: o ministro entrava e nomeava! Amílcar Vianna Martins foi diretor aqui. Amílcar Viana Martins era um sujeito notável, agora naquele livro do (*Zigman?*), que aliás tem um retrato meu que eu estou ótimo, né, aquele... você viu? Era menino. O Amílcar Vianna é um sujeito que tem retrato do Amílcar Vianna, o Zigman fala de Amílcar Vianna Martins... não é esse não, é um que tem Zigman na capa. Mas ele foi... presidente, diretor, porque era amigo do Juscelino! Então... era uma outra época!

AS – Pois é, mas já na nossa (??) (*falam ao mesmo tempo*)?

LS – Não, agora quando chegou aqui já começou a mudar, (*AS fala algo*) os tempos mudaram as coisas mudaram. Essa história por exemplo, de que tinha uma casa aqui pra o presidente, que se fala como coisa escandalosa, etc., da ditadura... primeiro que não foi a ditadura porque quem fez foi o Amílcar quando o Amílcar era diretor. Ele era de Belo Horizonte, era professor da Escola de Medicina lá e era diretor. Vinha de lá pra cá, fez. E de lá pra cá todos os diretores do serviço – como é? – do instituto de Surdo-Mudo, do Cego, de não sei quê... do Jardim Botânico... Todo diretor tinha uma casa pra morar, era da época! Não era nenhum escândalo. Hoje isso é... mordomia, é... Mas naquela época não era. O sujeito ganhava uma casa pra morar. Jardim botânico tem lá a casa pra morar. (*AS fala algo*) E por aí afora.

AS – (???) Todos os ministros tinham a sua residência no Rio de Janeiro. Então o da Saúde era aqui. E quando foi criado o Ministério da Previdência, o ministro da Previdência também teve uma casa aqui. Ali onde é a casa amarela hoje...

AP – A casa do ministro da Saúde é aqui na Fiocruz?

AS – A casa hoje...

LS – O ministro tem uma casa aqui.

AS – O espaço Carlos Chagas hoje, que vocês conhecem como espaço de reuniões e etc., etc., etc., aquilo ali era uma bela de uma residência com 4 ou 5 suítes, entende, com campo de futebol privado ali do lado, um campo de vôlei do outro lado com churrasqueira... (*LS fala algo*) É! Era a casa do presidente da Fundação Oswaldo Cruz, aquela coisa.

LS – E tinha um pedaço pra o ministro.

AS – É, aquilo ali tinha sido originariamente... quando o Ministério foi pra Brasília, o Ministério todo, lá na década de 61, não é, então cada um ficava com a sua casa no Rio de Janeiro e com a sua casa lá. Então isso era normal. Quando foi criada a Previdência, ele pegou

um pedacinho da casa amarela. Acabou de ser reformada a casa amarela. Aquela parte que dá pra chamada “residência oficial”, pra o espaço Carlos Chagas, aquele portão que tem aquelas escadarias ali, aqueles degraus redondões assim, aquilo ali era a entrada da casa do ministro da Previdência. E o ministro da Saúde é a casa, residência oficial dele. Quando então o presidente da Fiocruz assumiu aquela casa. Assumiu aquela casa e ficou por ali. O Guilardo morava ali. Ele com a família dele. Onde hoje é o Canal Saúde era a casa do motorista do Guilardo. Do Guilardo não, quer dizer, do presidente da Fundação Oswaldo Cruz. Tinha sido do Vinícius também, etc. Onde é ali, onde é hoje no horto, ao lado do horto que tem ali um espaço de guarda de material, etc., era a lavanderia da casa do presidente da Fundação Oswaldo Cruz! Era só um lugar de lavagem de lençóis. A gente passava por lá estava cheio de lençol, fronha, coisa, roupa... tinha uma infra-estrutura, entende, poderosa, pra abrigar... (*LS fala algo*). Foi ...

LS – O Arouca que transformou lá, democratizou... Aí vem, aí mudam os ventos, muda a época, aí vem essa... (*risos*) essas coisas. Tirou nossos automóveis...

AS – Tirou nossos automóveis...

LS – ...porque nós, num primeiro momento, tínhamos automóvel... cada vice-presidente tinha um automóvel. Era bom à beça! Tinha automóvel com chofer. Automóvel é um negócio pra você ter com chofer. Porque ia na cidade, tinha que procurar estacionamento, não tinha nada. “Me deixa aqui, me apanha em tal lugar às tantas horas...” E aí o Arouca tirou tudo isso da gente.

AS – Foi, foi!

LS – Perdemos.

AS – Ficou só o dele.

LS – Ficou só o dele. (*risos*)

AS – O dele ficou.

LS – Mas a gente usava...

AS – Não, mas aquilo era uma norma. Tinha aquelas famosas normas de moralização em Saúde Pública...

LS – E aí veio esse negócio aí... (*AS fala algo*) é outra época. Aí é outra época.

AS – Então era só o presidente que tinha direito a isso.

LS – Passou a ser mordomia vice-presidente ter automóvel...

AS – É porque todos tinham. Quando nós chegamos era assim. Sem dúvida você tinha um “tendal” como se diria lá na minha terra, de automóveis pretos, uns Chevrolets bonitos, grandões, estacionados aqui na frente. Era o presidente, eram os três vice-presidentes e mais chefe de gabinete. Eram cinco opalas pretos aqui com chofer à disposição da... não é isso? Da presidência! Era seu, era assim (?!)! nós a ir nesses gestos do companheiro que havia chegado (*ri*) da Nicarágua... (*falam ao mesmo tempo*) mordomia.

LS – Se você quer alguma coisa e quer... É que era agradável, era divertido. Hoje também as pessoas fazem as coisas sofrendo. Sofrem, né?! A gente não sofria não, a gente se divertia! Às vezes se chateava um pouco, uma coisa ou outra sempre tem. Mas basicamente era divertido, era agradável, era lúdico. Era lúdico então.

AS – É, acho que certamente isso, certamente isso.

LS – Era lúdico.

AS – E aí voltando à história de novo. Quer dizer...

LS – Todo mundo se dava bem, todo mundo se dava bem...

AS – E a gente sempre teve um respaldo da Oswaldo Cruz. Quer dizer, a gente podia de uma certa maneira, aquilo que a gente estava falando: a capacidade que a Fundação tem como instituição, de absorver projetos novos, etc., etc., que eu acho que foi uma recuperação nossa, entende, de um espírito que vinha lá de trás! (*interrupção da fita*)

Fita 4 - Lado B

AS – ...quando a gente criava ou saía pra algum tipo de criação, a gente tinha respaldo pra isso, entende? Quer dizer, e ademais, o contexto do país era um contexto de criatividade, era um contexto de criação, né? Porque em 1985, 1986, tentava-se fazer um novo Brasil, uma nova sociedade, tentava-se a ingestão de um novo pacto social, a Constituinte de 1988. Então isso tudo dizia o seguinte, quer dizer, “Vamos inventar um novo país?” “Vamos!” “Então na Fundação Oswaldo Cruz vamos inventar?” “Vamos!” Então a gente saía a inventar.

LS – A gente criou coisas novas. Em outros períodos talvez você não tivesse chance de criar Casa de Oswaldo Cruz, de criar Politécnico, Departamento de Farmacologia e... (*falam ao mesmo tempo*)

AS – (???) uma porção de pessoas de São Paulo pra montar...

LS – Veio gente de São Paulo. O (*Krieger?*)

AS – Krieger.

LS – Veio o Krieger de São Paulo pra montar o departamento...

AS – Veio! Veio o Luis Rey do Instituto (??)...

LS – Luis Rey veio... *(falam ao mesmo tempo)*

AS – (???) quer dizer, foi fazendo! Entende? Quer dizer, podia fazer isso. *(O CEST?)* o Centro de saúde...

LS – O Centro de Saúde do Trabalhador... muita coisa nova. *(AS fala algo)* É. É um momento muito rico, muito...

AS – De muita criatividade, a gente podia...

LS – ...aberto, momento aberto.

AS – ...e com resultados da Instituição. Ela tinha resultados, ela mostrava resultados. À medida em que ela ia mostrando os resultados, a gente tinha um poder de barganha político maior. E nunca esquecendo nossos bons santos... Santana. (?) Santana, né?

LS – Santana era o ministro...

AS – Era o ministro da Saúde, que era o...

LS – Não atrapalhava.

AS – Não, o Santana a gente sempre brincou dizendo o seguinte: “É o melhor ministro da Fundação Oswaldo Cruz que o Brasil já teve.” *(ri)* Até àquela época a gente dizia. “O melhor ministro da Fundação Oswaldo Cruz que o Brasil já teve.” Realmente ele tinha um respeito muito grande, né? Não tinha afinidade política porque ele era de centro direita, digamos assim, era do famoso centrão, né? Que durante a assembléia (??) era a ala mais tradicional do PMDB, etc., etc. Chamado “Centrão”. Mas o Santana foi a pessoa fundamental nessa história, tanto pra nossa sustentação quanto pra o que está na Constituição Brasileira hoje, não é? Porque evidentemente aquilo é enfim toda uma outra história, né, que aqui a gente vai contar, mas só pra dizer que nas barganhas internas no Centrão, o Santana jogava o prestígio inteiro no texto da saúde. Assim: “Vocês aprovam isso aqui que eu estou com vocês, com a minha força de liderança nas outras áreas.” Era o pacto do Santana. E ele não abria mão disso. E os comunistas dele não... ninguém mexesse, ninguém enchesse o saco dos comunistas dele porque era por ali que ele ia. Funcionou no partido, mas evidentemente ficou muito simbolizado isso pela presença do Arouca e pelo Partido Comunista e mais tarde o Arouca foi candidato a vice-presidente da República, né? Então foi quando ele saiu da presidência da Fundação e entrou o Akira, né, que também é uma outra história longa que não é aqui que a gente vai contar, mas... foi até aí que o Arouca ficou. Porque logo depois ele foi convidado a ser *(ri)* secretário de Saúde do Estado do Rio de Janeiro, né? E acumulou. A coisa era tão maluca, era tão louca, que ele acumulou a secretaria de Saúde com a presidência da Fundação. E por uma decisão interna nossa!... *(falam ao mesmo tempo)*

LS – (???) Oswaldo Cruz também acumulou...

AS – Também como Oswaldo Cruz acumulou!

LS – ...acumulou a direção do Instituto com a direção da Saúde Pública, não é?

AS – Nós fizemos uma reunião na presidência – a gente estava lembrando disso um dia desses – fizemos uma reunião na presidência pra decidir isso. Arouca trouxe a notícia que tinha sido convidado pelo governador, né? Então, tá bom. Era o Moreira, né?

LS – Moreira.

AS – Moreira Franco. E... tinha sido meu colega de faculdade, eu lembro, o Moreira. Aí... e me expulsou de AP. (*ri*) AP que o Moreira Franco era a (*minha chinesa?*) da Ação Popular. (??) Aí convidou o Arouca, fizemos uma reunião de presidência, né, pra discutir. Foi assim: por unanimidade... o Arouca não falava porque ele era parte envolvida mais diretamente, nós fomos todos contrários a que o Arouca fosse, não é isso, pra Secretaria. Ele foi o único, (*ri*) acabou ganhando aquela discussão toda, toda a argumentação nossa ele: “Bom, mas eu vou!” “Então tá bom, então vai!” “Então vai sair ou não vai sair?” Aí nós fizemos um balanço, uma avaliação e resolvemos que não ia sair. Havia um investimento muito grande que nós fazíamos todos no Arouca. (*falam ao mesmo tempo*)

LS – (???) havia uma tranquilidade. Ele era tranquilo de ir pra secretaria que a gente aqui, ninguém estava querendo passar a perna nele nem... A gente mantinha ele, mantinha aqui.

AS – Então ele conseguia sempre... montou um pátio da equipe do Akira, com o (*Antônio Ivo?*) que foi pra lá pra, chefe de gabinete, etc., etc. Ele montou a equipe dele lá, acho que o Mário (*Hamilton?*), creio eu, né? E nós outros aqui ficamos tocando. E uma vez por semana ele aparecia, a gente fazia a reunião... ele dizia assim, sempre falou o seguinte: “Eu sou bem mandado. Você diz o que é que eu faço, né?” Quer dizer: “As suas tarefas da semana são: um, dois, três. Fala com não sei que, faz aqui e faz lá...” pronto, ele ia e fazia a parte que lhe cabia no latifúndio. O restante a gente ia tocando, não é? E assim nós fomos tocando isso nessa questão ele lá e cá. (*falam ao mesmo tempo*)

LS – (??) era um clima bom, afetivo, de amizade, aonde se trabalhava com prazer... aonde se divertia, aonde se criou uma porção de coisas novas que estavam se acordo com o momento do país e que permitia possibilidades de contratar gente, trazer. Esse pessoal todo veio de São Paulo. Como é? Carvalheiro, Sérgio Ferreira, kriegler... Não tinha jeito, não tinha que ficar esperando abrir concurso! Nem tinha concurso!

AS – É, não tinha concurso. É, os próprios cassados foi assim.

LS – Cassados também!

AS – Foi no peito, na marra porque a lei não permitia, não autorizava isso. E quando eles vieram pra cá... aí até no discurso eu acho que no dia da... dos cassados, o Arouca fez questão e a gente conversou...

AP – Na vez passada a gente vinha falando aqui sobre a Escola, né? Acaba que nessa hora em que o Arouca assume o poder, que é nomeado, eleito, escolhido... pois é.

LS – (??) a Escola está integrada dentro desse, da Fundação.

AP – A gente pegou, está falando um pouco mais de como é que ficou a Fiocruz na época Arouca, na gestão Arouca e as novidades da Fiocruz. Mas a gente perdeu um pouco o fio da Escola, eu acho, não?

LS – Mas a Escola está dentro dessa...

AS – O que eu estava tentando dizer pra você é que na Escola em que você tinha a recuperação da memória, na Escola que você tinha determinado tipo de prática, as pessoas da Escola que tinham integração com outras unidades da Fundação Oswaldo Cruz e... não é assim como você tem hoje. Quer dizer, quem era do IOC, estava no IOC, não saía do IOC. Quem era de Biomanguinhos, estava em Biomanguinhos; quem era em FAR estava em FAR; INCQS era INCQS... eram completamente fechados. Quem transitava nisso era o pessoal da Escola, nós outros da Escola. Por quê? Porque a gente fazia curso junto com Biomanguinhos pra negócio de treinamento do Programa Ampliado de Imunizações, pra o PNI. A gente fazia programas com eles sobre cadeias de frio, manutenção de vacinas na América latina, a gente fazia trabalhos com eles no campo da epidemiologia, na Escola, com eles... a melhoria da vacina da pólio, né, que foi feita com a colaboração do pessoal da Escola. O pessoal da Escola veio logo depois, foi assumindo, inclusive Farmanguinhos, etc. Então era a instituição, a unidade da Fundação Oswaldo Cruz naquela altura do partido, que tinha relações com as demais unidades. Eu estou dizendo isso aqui, é uma coisa absolutamente artificial e casual, né, o fato de estarem geograficamente colocados no mesmo lugar ou pertencer ao mesmo ministério. Essa é a origem da Fundação Oswaldo Cruz. Tem amálgama dessa história é a Escola. *(LS fala algo)* E quando nós chegamos na presidência... e que reproduz a origem *(falam ao mesmo tempo)* a presidência, esse amálgama, nós trazemos pra presidência. Então...

LS – Reproduz o Oswaldo...

AS – ...a gente é conhecido, a gente tem esse trânsito, né, e consegue transitar por aí, não é? Já há outras articulações, é claro! Os próprios partidos que você quiser estão aí também, eles estão trabalhando, isso aí existe.

LS – Há uma série de coisas casuais que reproduz o início da história, reproduz o Oswaldo.

AS – O resto da Escola propriamente dita, aí você vai ter que ouvir outras pessoas, você vai ter que ouvir o Paulo Buss que é, digamos assim, um ator privilegiado desse segundo momento. *(LS fala algo)* Ele vai ser e o Paulo vai ser o vice.

LS – Vai ser o vice por dois mandatos...

AS – Dois, é.

LS – ...depois o Paulo mais dois como diretor...

AS – É, isso...

LS – ...então o Paulo fica muito tempo. Nesse tempo o Paulo está lá. A gente está aqui, o Paulo está lá. Então...

AS – Mas de qualquer maneira...

LS – ... aí você conversa com o Paulo, talvez você possa acrescentar alguma coisa.

AP – O Paulo entrou quando na Escola?

AS – Ele entrou como treinamento avançado em serviço, ele... depois da residência que ele fez no Hospital dos Servidores que aí ele veio pra cá... 70 e qualquer coisa, 70 e poucos. Mas é isso, depois vocês vão ter que fazer a entrevista com o Paulo direito.

LS – É, porque se você quer... o Paulo é que estava lá, Paulo e Frederico. Mas o Frederico está ruim da cabeça...

AS – É... Paulo é que é o ator principal...

LS – Frederico já não está...

AS – Paulo e outros, mas eu estou dizendo assim como pessoa e como... era privilegiado pra falar, tem de ser o Paulo, Paulo Buss. Né? O Eduardo nessa altura já estava fora, estava em outra linha. E foi também personagem importante. Quer dizer, lá na fase anterior que a gente estava falando aqui da escola. PEPE e PESES. Agora, quero dizer o seguinte, que a Escola se ressentiu. A Escola se ressentiu. Quer dizer, você nunca pode pensar numa unidade, não é isso, que (*PEPE/PESES?*) no sentido de que saem de lá lideranças extremamente expressivas, né? Quer dizer, era eu e o Luis Fernando na direção. Ao mesmo tempo o Luis Fernando com o Departamento de Ciências Biológicas, né? Arouca, Departamento de Administração e Planejamento. Mário Hamilton, Administração e Planejamento, né? A... E aí vem vindo mais um bolo de gente. Administração e Planejamento então deu quadros muito grandes pra administração! Marília... Maria (*Hélide?*)... sei lá quantas outras pessoas vieram da escola pra cá, não é? Então o que eu quero dizer é que a escola se ressentiu, durante um determinado momento a Escola teve um baque, quer dizer, digamos assim, o grupo de liderança, sabe, que fazia essa prática política da escola amálgama dentro da Fundação, a Fundação voltada pra fora, participando de conferências nacionais de Saúde – porque a 8ª não é a primeira conferência que a Fundação participa – estou dizendo só a que foi feita, a 4ª, a Escola de Saúde Pública... (*LS fala algo*) Foi na Escola de Saúde Pública sobre recursos humanos...!

Mas já na 7ª a Escola teve uma participação importante. Eu estive na 7ª, estive na 6ª ... Assisti por acaso a 4ª, eu estava entrando na Escola, mas estava lá... a 5ª eu não sei aonde é que foi, né? Mas só pra te dizer, quer dizer, a Escola tinha esse tipo de participação e de um momento para o outro, essa liderança é transferida para a Fundação Oswaldo Cruz. Então isso dá um baque grande. E aí eu acho que é todo trabalho, todo esforço de uma nova geração, por esse lado extremamente fértil o que acontece na Escola, sabe? Deu uma limpada assim, sabe, mais ou menos na velharia e nas lideranças já instituídas, dando espaço pra outras lideranças aparecerem e se firmarem. Mas isso não é sem custo, né, isso tem um custo pra Escola e ela retoma ou ela vai pra um outro caminho, mesmo porque os tempos são outros, são diferentes, há necessidade de fortalecimento da questão acadêmica, não é isso? Então os professores são mandados pra fazerem seus cursos de mestrado, doutorado... num primeiro momento se investe muito... Isso já vinha. Diga-se de passagem que isso não é invenção depois. O Ernani Braga insistia que a Escola deveria ter seus professores com cursos de pós-graduação, como era já da legislação de então. Nos anos de 84... 82, 84; ele insistia muito nisso, na questão da formação. E se investia muito na formação dos professores nessa época. Que fosse fazer o seu mestrado, fosse fazer seu doutorado. Mas era o momento subsequente, quando a gente já está aqui e que o Paulo e o Frederico estão lá, é que a Escola tem um 'boom', né, na formação de seus quadros de mestres e de doutores, né? Quer dizer, de desenvolvimento da pesquisa e assim por diante... parte expressiva como consequência daqueles dois projetos PEPE e PESES que a gente já conversou, digamos, fortalecendo a dimensão acadêmica, a dimensão da pesquisa na Escola de Saúde Pública na década de 70, meados de 70. Então você tem isso. Então a escola nos dá muito suporte, né, luz (??) pra quem está na direção da Fundação, na presidência da Fundação, né, no quadro eletivo, a Escola continua sendo quem está dando sustentação disso. Então... agora, as coisas são muito centralizadas na presidência da Fiocruz e na presidência da Fiocruz, na figura do presidente. E aí é honra e mérito do presidente. Além de trabalhos muito claros e muito claramente definidos por nós, na dimensão que nós achávamos e lutamos e conseguimos, que nós tínhamos que ter uma representação política direta muito forte na área da Saúde. Você não tinha uma representação da área da Saúde, por exemplo, no Congresso Nacional. E a imagem do Arouca, né, mérito da atuação extraordinária da capacidade dele, né, política de condução e de pegar, como o Luis Fernando disse, as coisas no ar e transformar em matéria política, né? E de uma assessoria de comunicação de imprensa absolutamente exemplar. Chama-se Cristina Tavares. Eu sempre disse ao Arouca "metade do mandato é teu, a outra metade é da Cristina." Porque quem fazia essa imagem externa do Arouca, quem sempre fez e fez com extrema competência, e você não faz em cima de mentira, você faz em cima do que é real, você capitaliza a coisa verdadeira, mas quem fez essa capitalização foi a Cristina. A Cristina Tavares é quem tinha... eu sempre brinquei "ela tem direito à metade do seu mandato." Porque você faz, mas quem diz aquelas coisas que você está fazendo é a Cris! Então, essa... isso tem que ser entendido também. Quer dizer, nesse período há uma concentração forte de esforços, entende, em cima da figura do Arouca. Então ele é de origem carismático, é de origem absolutamente excepcional, como inteligência, capacidade, estudo e trabalhou, estudou, leu tudo que tinha que ler, etc., etc., não é? Mas houve uma concentração política muito grande em cima dele. Uma concentração muito, muito, muito forte. E nós tínhamos a intenção de que ele – e ele tinha sido escolhido pela capacidade dele, evidente – pra ser o nosso deputado. E foi o nosso deputado. Nós queríamos dois, na verdade, nós queríamos ele e o (Ézio?), né, do Instituto de Medicina Social da UERJ. Os dois, a gente tentou. Aí eles entraram numa mesma disputa,

né, disputando o mesmo espaço, o Arouca venceu, teve um maior número de votos e o Ézio acabou que não se elegeu nem naquela nem em outra oportunidade. Talvez o espaço fosse só pra um, pelo menos foi assim que se mostrou, não é? Mas houve um investimento grande no Arouca. É só pra te dizer que isso que o Luis Fernando está insistindo, né, sobre a coisa afetiva, sobre o companheirismo, etc., etc., era o que prevalecia. Se a gente não tinha luta por espaço, ao contrário, escolhemos um, vai ele! Quem vai comandar o processo do Politécnico é o Luis Fernando e ninguém mais vai se meter nesse troço, acabou, ponto final! Não é? Quer dizer, quem vai fazer negociação salarial em Brasília sou eu, não é, então, ninguém mais se mete!

LS – E conseguia bons aumentos (??) (*falam ao mesmo tempo*)...

AS – Vários aumentos, maravilhosos...!

LS – Ele ia lá e voltava: “mais tanto, mais tanto...!” (*risos*)

AS – É claro que a gente negociava. E usava o quê? Usava o prestígio da (??).

LS – Incorporava as gratificações (??) (*falam ao mesmo tempo*)...

AS – (???) (*ri*) a incorporação das gratificações de função, essas coisas todas. Eu vinha, por exemplo, nós saímos do 24º lugar entre as estatais e fomos pra 3º. Só atrás da Petrobrás, Eletrobrás, que estavam em (16, 17?), né? Nessa época fazia as negociações. Mas cada um tinha o seu espaço, não é? Mas quando a gente fazia a capitalização disso, a gente capitalizava em cima do Arouca, da figura do Arouca. Era a figura mais forte, né,... e além de tudo aquilo que diriam os nossos amigos franceses o “*fisic du role*”, né? Porque é engraçado, a eleição do Arouca e ele sempre disse e ele tem, aquela frase dele: “Eu sou mais conhecido e quero ser mais conhecido...”, né?...

LS – Como sanitarista.

AS – ...como sanitarista do que como deputado, como senador...” uma frase que pode até dar alguma má interpretação, mas só quem entende, digamos, o espírito e o afeto com a instituição é que pode entender melhor essa história, né? Mas é engraçado, a imagem do arouca com as pessoas é do cientista, né? Eu quero dizer o *fisic du role*... o físico dele com aquela barba, aquela coisa careca, coincide no imaginário com a idéia do cientista. Ele nunca esteve num laboratório!

LS – É porque o imaginário da... IOC, né, cientista do IOC. Esse imaginário é muito forte. (*falam ao mesmo tempo*)

AS – (???) Fiocruz é o cientista, né, é esse imaginário. Aquele castelo com um bando de cientista maluco. E o físico mais adequado a esse é do Arouca.

LS – ...essa imagem do IOC.

AS – Pois é muito forte. E quem tinha mais imagem, quer dizer, mais vinculado a essa imagem é o Arouca do que mais... mais do que ninguém. “Eu estou votando no Arouca porque ele é um cientista lá da Fundação Oswaldo Cruz...” Mas o Arouca não produziu, entende, do ponto de vista muito menos de pesquisa, até porque nem era do campo que o imaginário trabalha, no campo da Biologia, né? Basicamente é esse o campo. Não está se pensando em pesquisa na área de História, pesquisa em Ciências Sociais... não, isso não está no imaginário, não é? Mas o... a imagem, o *fisic* do Arouca era muito colado nisso. Então você tem várias coisas aí, no caso dele, né, conjugadas. Evidentemente que você não consegue fazer isso com um pedaço de pau que está boiando, né, nem com um burro que está pastando, então primeiro a pessoa tem que ter condições, capacidade e tudo mais, e isso é absolutamente inegável que ele teve sempre, né? Segundo, as circunstâncias e outras coisas que vão se acrescer.

LS – Zeferino Vaz foi o cara que fez a Escola de Medicina de Ribeirão Preto e fez Campinas. Isso é um discurso que hoje eu vejo muito pouco na tua geração. Esses caras da tua geração assumem uma direção, querem, se metem em tudo, dão opinião em tudo e querem programar tudo e faz reunião e todo mundo discute tudo...! E o Zeferino dizia um troço que eu acho, que eu concordo com o Zeferino e discordo da tua geração. O que ele dizia era o seguinte: “Você escolhe o cara e não atrapalha.” Esse é que é. E o Arouca tinha isso nato, né, de alma, isso de alma. Quer dizer, quando o Zeferino vai fazer, era uma espécie, ele dizia: “Pra Física, Campinas, né, Física, (*Dr. César Lates?*). Aí o dr. César Lates agora não atrapalha! Não vai discutir os programas. Ele era o reitor, não era o (?). Os programas de coisa. Quando fez Ribeirão Preto era a Escola de Medicina. Também! Levou pra lá o Moura Gonçalves, pra Bioquímica, levou pra lá o Mauro Barreto pra Parasitologia. Então está pronto: “Mauro, você vai... não atrapalha.” Eu acho que isso é muito importante, quando um diretor quer discutir tudo de cada um, de cada setor, acaba atrapalhando, acaba enchendo o saco. E o Arouca tinha isso espontaneamente. Quer dizer, ele escolhia as pessoas, depois ele não atrapalhava. Ao contrário, isso é... é também dessas mudanças.

AP – Não intervinha no que vocês faziam.

LS – Não, não!

AS – Ele sempre foi muito obediente.

LS – Não, trocava opinião... Mas nunca chegou pra mim e disse assim: “Você faz assim, levanta! Chega aqui às 7 horas da manhã ou chega aqui às 8 horas da manhã...!” Não tinha nada disso! Escolheu o Luis Fernando... “Não atrapalha o Luis Fernando”, o Arlindo, Morel a mesma coisa... E isso era bom, isso é bom. Eu também, toda vez que eu dirigia alguma coisa, eu usei esse sistema: escolhe o cara e não atrapalha.

AS – Isso aqui é muito forte, eu volto a repetir. Quer dizer, na Escola de Saúde Pública, quando a gente teve isso... outro dia a gente tentou recuperar um pouquinho por cima só, um pouco da história da Escola, né? – Quando nós éramos 18, né, os “18 do Forte”, os “18 de Manguinhos”, esse era o espírito que prevalecia, entende? Quer dizer, não tinha ninguém dando rasteira em ninguém, muito pelo contrário, você só tinha alguém protegendo você.

Você sabia que quando você entrava numa situação, você tinha 17 pra te dar salvaguarda. Alguns mais entusiasmados, mais positivamente e outros mais retraídos, não importa! Mas você não tinha ninguém, sabe, você não tinha que ir numa empreitada preocupado que fulano, entende, estava lá pra te dar um caldo, pra te passar a perna. Não tinha essa hipótese.

LS – Uma vez você estava, quando o Aureliano Chaves estava almoçando com a gente aqui e quando começaram a passar a perna nele, né, quando a coisa ficou... O Aureliano Chaves era um candidato a presidente da República e os caras passaram a perna nele!...

AS – Foi.

LS – E ele estava aqui almoçando com a gente, vendo aquele clima e coisa... foi e disse: “Puxa, como é bom isso aqui, né? Aqui não tem essa...” (AS fala algo) A gente estava almoçando, cada hora vinha um telefonema: “Olha, fulano traiu, beltrano traiu...” mais ou menos isso.

AS – É. Ele era candidato a presidente da República. Tinha feito um debate com os... tinha feito um debate com eles. Mas pra dizer, então, isso vem lá dos 18. Quando vem o PEPE e PESES, a gente incorpora, né, quer dizer, o grande mérito desse grupo é estar aberto a incorporar pessoas, inclusive pessoas muito melhor preparadas e mais capacitadas em área de atuação. Quer dizer, o pessoal que vem de Ciências Sociais é muito melhor preparado do que eu no campo das Ciências Sociais, né? E todo mundo foi assim, todo mundo abriu! Na área da epidemiologia, PEPE/PESES, veio, foi... então esse grupo se incorporou assim também, entende? Essa foi a incorporação. E daí pra frente é esse o espírito que a Escola vai dar, entende, pra fundação, quando a gente vem pra cá. Além de recuperar a memória, entende, você tem essa dimensão, você tem essa forma de agir, essa forma de agir política, não é? Tanto que a interferência dos partidos é muito pequena. Era mais naquela coisa assim de pequenos favores pra uns, pequenos favores pra outros, mas não coisas mais expressivas. As coisas mais expressivas, na minha opinião e na minha experiência, elas vão se dar mais tarde, é já nas eleições. Aí é que a coisa começa a complicar, é quando começam a entrar os interesses aí dos vários partidos. Aí você...

LS – Você quer saber mais alguma coisa?

AP – Eu quero.

LS – Então pergunte, faz favor. (AP fala algo) Não, você pergunta, eu... (risos)

AP – Não, porque eu ainda tenho uma série de curiosidades aí, que aí já recuperam as perguntas da vez passada. Por exemplo, a respeito do Ernani Braga. Dos ex-diretores da Escola, vocês têm alguma recordação, alguma história interessante, alguma coisa que caracterizasse a...?

LS – Nada muito importante.

AP – ...o período de ex-diretores da Escola, que vocês pudessem contar alguma história, que pudesse recordar alguma coisa que pudesse simbolizar o período de cada um dos ex-diretores que vocês conviveram?

AS – É, a gente falou muito do Blois, não foi?

AP – Isso. Quase que exclusivamente do Blois.

AS – É, mais, foi quase exclusivamente do Blois.

AP – Em termos de ex-diretor da Escola.

AS – Foi. Depois a gente teve... (*Rizzi?*) ... a gente teve Rizzi...

LS – Rizzi?!

AS – Pois é, mas passou muito... teve o...

LS – Mas o que você teve mais assim é o Ernani Braga.

AS – É. O Oswaldo... Oswaldo Costa que era diretor, era chefe do Departamento de Planejamento, foi diretor, foi presidente da Fundação Oswaldo Cruz... Oswaldinho era engraçado porque ele não deixou nenhum cargo. Ele era chefe de departamento, assumiu a direção da Escola, diretor da Escola, chefe de departamento, depois foi presidente da Fundação Oswaldo Cruz. Oswaldo Costa. Tinha sido da Organização Pan-americana da Saúde. (*LS fala algo*) É, ele era...

LS – (??) vivência de Organização Mundial da Saúde... muitos anos...

AS – É... aí era um outro grupo, era o grupo de administração, o grupo de gestores da Organização Mundial da Saúde, que veio trazido pelo Blois pra área de administração e planejamento. Era um grupo, era um núcleo duro da gestão da administração e planejamento, que era o, digamos, cerne da Saúde Pública, né? Da moderna então Saúde Pública, era a questão da administração. Administração e Planejamento.

LS – Oswaldo defendia essa postura, era administração.

AS – É, ele era administração, quer dizer...

LS – Saúde Pública e Administração.

AS – Administração. É a gestão. Então é isso que ele foi. Tanto que trouxe pra cá David (*Terrada?*). David Terrada era da Organização Pan-americana e dirigia o Núcleo de pesquisa na área de planejamento.

LS – Peruano.

AS – Era um peruano. Terrada. Foi até candidato depois à presidência da República no Peru. Foi da Organização Pan-americana, depois da organização Mundial da Saúde durante muitos anos. Mário (*Saegue?*), não é? Que ainda hoje é professor na Escola.

LS – Que deu o curso de...

AS – Deu o curso de Planejamento era com o Mário Saegue...

LS – (???) Chile, né?

AS – É, também... é isso, (SENDS?), OPS... depois vem o Oswaldo Campos que ele trouxe de São Paulo também, depois foi pra Organização Pan-americana de Saúde... Ou seja, toda a área de administração e planejamento, a Elza Paim, a Hemengarda Alvim... Aí você então pegou: Organização Pan-americana e Fundação SESP, tá, SESP. Juntou isso, misturou bem, isso é o que vem pra cá, tá? O Hélio, inclusive hoje encontrei o Hélio por aí...

LS – Hélio Uchôa?

AS – Hélio Uchôa. Está também entrevista sobre os cursos descentralizados. Que ele coordenou depois os cursos descentralizados (*LS fala algo*) com o (?). É, primeiro fui eu, depois foi ele. É, ele foi logo depois. Ele foi logo depois. Foi o Hélio Uchôa. E... então esse pessoal veio da fundação SESP e veio da organização Pan-americana. Então Oswaldo esse (?), ele foi, digamos... ele foi importante na institucionalização da escola...

LS – Não atrapalhava (*nenhuma área?*).

AS – Não, não...!

LS – Eu era de uma área diferente de Ciências Biológicas, Parasitologia e continuava a trabalhar, a fazer umas coisas, as coisas da gente com o Hermann e tal.

AS – ...começou a organizar regulamento de Ensino... regimento interno da Escola... Porque eram coisas que diziam respeito, por exemplo, o Conselho nosso foi organizado nessa época com ele. (*ri*) E era engraçado porque ele era chefe de departamento, diretor da Escola e presidente do Conselho da Escola, né, onde estavam os chefes de departamento. Eu me lembro perfeitamente que um dia ele leva pra uma reunião do Conselho...

LS – Ele sabia qual era (*risos*)

AS – É. Ele vai pra reunião do Conselho uma demanda do chefe do departamento de Planejamento. Então ele apresenta ao Conselho dizendo o seguinte: “recebo do chefe do departamento de planejamento, dr. Oswaldo Costa, uma demanda em relação a não sei quê, ‘x’, ‘y’, ‘z’. Já não me lembro mais o que é que era, né? E eu como diretor da Escola dei a minha opinião: “Sou contrário. E como presidente do Conselho estou submetendo ao Conselho (*ri*) a demanda do chefe de departamento com a negativa do diretor da Escola pra

apreciação dos conselheiros.” (???) O cara manda pra ele mesmo, sentado na outra cadeira, pra que encaminhe na terceira cadeira onde ele está. Mas ele fazia isso, certamente era uma demanda com a qual ele não concordava, mas que o departamentoo tinha forçado a levar pra o Conselho, né?

LS – E o... Ernani... (*interrupção da fita*)

Fita 5 - Lado A

AP – ...retomando a fita, falávamos do Oswaldo Costa, depois do Oswaldo Costa...

AS – É, o Luis está ressaltando o capítulo do Ernani Braga.

LS – Ernani Braga. Ernani Braga vinha de uma experiência de muito tempo em Genebra, né, na Organização Mundial de Saúde com o Candau, que eles vinham aqui com o negócio do SESP, né?...

AS – SESP foi a grande escola...

LS – A grande escola que também depois foi muito criticada também e coisa, mas que foi muito importante numa época. E aí o Ernani veio, foi importante... o Ernani veio duas vezes como diretor, não foi?

AS – E o Ernani... é, foi.

LS – Foi duas vezes. Depois foi vice-presidente também...

AS – É, ele tinha sido da ABEM, Associação Brasileira das Escolas Médicas, né?

LS – Tinha sido da ABEM.

AS – O ensino da Medicina no Brasil tem muito da contribuição do Ernani. Ernani junto com o José Ferreira...

LS – José Roberto Ferreira.

AS – José Roberto Ferreira, que hoje está aqui na Fundação, na Assessoria de Assuntos Internacionais aqui na presidência. O José Roberto trabalhou junto com ele. José Roberto está na origem da criação da Universidade de Brasília, com o Darcy Ribeiro, né? Era por lá que o Zé transitava na Nacional de Medicina. Depois ele vai pra Washington, o Zé Roberto, trabalhar. O Ernani vai pra Genebra. Hoje ainda conversava... eu estava almoçando com o Zé Roberto e com o Paulo hoje e o... Zé Roberto... – a gente estava falando sobre o Ernani – e o Zé Roberto dizia que o Ernani era, das pessoas que ele conheceu, era a pessoa de maior

número de relacionamentos e de contatos que ele já viu até hoje de pessoas que ele conhecia. Aquela...

LS – Tinha também um outro sujeito parecido com o Ernani Braga, que era o Carlos Chagas Filho. Era um cara que você estava conversando, dizia: “Ô, dr. Chagas... tem um sujeito que queria uma bolsa pra Inglaterra e tal...” aí ele disse: “Eu falo com o ministro.” Era um cara que pegava – o Ernani também – pegava o telefone, discava e falava com o ministro da Educação ou da Saúde, na Inglaterra ou em Washington ou na Rússia, no tempo em que a divisão era muito grande e eles tinham um trânsito... assim, fácil e coisa, e que resolvia o problema muito complicado pelo telefone. E o Ernani era isso também.

AS – É... (???) Ele tinha um relacionamento em tudo quanto era lugar possível.

LS – Ele tinha.

AS – Pessoa extremamente doce. Ele era de... Mato Grosso, né, mas criado no Rio Grande...

LS – Não, ele era gaúcho!

AS – Era gaúcho de Rio Grande, família de Mato Grosso... e extremamente afável, né? Tocador de órgão. A gente ia pra casa dele, ele tinha um órgão lá, ...

LS – Primo do Braguinha...

AS – ...primo do Braguinha, (??) ele vinha das boas boemias no Rio de Janeiro. Tinha jogado basquete no Botafogo, creio eu, quando a princesa Isabel não existia ainda, ele contava essas histórias. Nadava na Lagoa Rodrigo de Freitas toda tarde. A avó dele, era a d. Maria Angélica, que é aquela rua no Jardim Botânico, transversal da Jardim Botânico. Eu morei... morei, a minha casa, era uma casa que eu morava na Jardim Botânico, dava muro com a casa onde o Ernani tinha morado, que era da d. Maria Angélica. E... e era engraçado porque ele tinha um hábito, qualquer coisa, ele estava conversando com você, levantava e ia pra soleira da porta, né, pra o marco da porta e ia esfregando as costas, assim, coçando as costas. (ri) E a gente brincava com ele porque isso é uma atitude que você vê em cavalo, né, cavalo é que tem esse hábito de chegar e vai se coçando. A gente dizia: “Ô, Ernani, o que é isso aí?!” Você estava conversando com ele, com o Ernani e era... “Pois é, eu ontem ainda vi, tem um artigo... per aí...” aí ele levantava, tinha uma pasta, abria – o Paulo Buss faz exatamente igual – abria a pasta, começava a mexer naquelas coisas todas, ia no armário, tirava, etc., não achava, dizia assim: “Mas olha aqui o que é que eu achei!” pronto, já esquecia o que é que ele estava fazendo. (ri) Ou seja, ele sempre tinha uma referência em cima de alguma coisa e se não achava aquilo, ele mudava e já ia pra uma outra coisa e ia em frente.

LS – E trouxe pra Escola o pensamento da Organização Mundial da Saúde e das idéias, e das coisas...

AS – Tinha um respaldo muito grande.

LS – E um respaldo muito grande. *(falam ao mesmo tempo)*

AS – (??). Quer dizer, quando se falava em ensino, quais eram as propostas que a gente tinha e do ponto de vista político, a gente contou aquela história do curso descentralizado de Pernambuco, que quiseram fechar o curso e acusar de texto subversivo e não sei das quantas, o Ernani trouxe pra ele, puxou pra ele. E além do mais a coisa ficou resolvida, né? O Ernani tinha essa capacidade grande de não só uma enorme influência política, depois foi diretor da escola e vice-presidente...

LS – E relações internacionais, assim de pegar o telefone...

AS – É, é...

LS – Era ele e o Carlos Chagas. Carlos Chagas era assim também. Você se lembra (??) “Eu jantei ontem, eu estava em Paris, jantei com o Max qualquer coisa...” foi Prêmio Nobel de Física no ao passado e tal... então tinha essa...

AS – E foi presidente da Pontifícia Academia...

LS – Foi presidente da Pontifícia Academia...

AS – Era o que *(dizia pra o Papa?)* os resultados lá. *(ri)* Das conversas, está muito difícil... Tinha a postura do...

LS – Do... do... do pano, como era? Do pano, da dotação do pano!

AS – Ah, sim, sim, sim...! Santo Sudário!

LS – Santo Sudário.

AS – Santo Sudário, é. Foi ele que...

LS – Chegou à conclusão que o Sudário era recente.

AS – Era recente. *(ri)*

LS – E era tão hábil que botou os comunistas na Pontifícia Universidade. E o Papa engoliu, topou... e ele disse: “Não, tem que ter, é um grande cientista, tem que estar aqui!” Que era isso que eu contei pra você. Ele fazia isso aqui na Biofísica. A Biofísica tinha comunista, você tinha Direita, tinha tudo! Não interessa, interessa você ter um bom pesquisador! Eu contei isso pra você, diferente de hoje que se faz.

AS – Mas o Ernani tinha isso...

LS – E o Ernani era isso também.

AS – ...uma memória absolutamente prodigiosa, fantástica... se você conhece a piada do tal fulano, aquele que apareceu lá no meio do Papa, não tem isso? *(LS fala algo)* É! Num dia está o Papa numa daquelas audiências na... em São Pedro lá...

LS – (????) na Escola de Medicina.

AS – Mas é! Mas o Ernani era isso! Aí tem um fulano dizendo (??) assim...

LS – É aquele cara do lado do (??) *(falam ao mesmo tempo)*

AS – É. (???) “Quem é aquele cara lá do lado? Quem é aquele de branco lá que está do lado do Ernani Braga?” É, é isso mais ou menos. Ninguém deixaria de conhecer o Ernani, né? Podia ter dúvida sobre o Papa, mas o Ernani não. *(ri)* E acho que, quer dizer, acho não, essas são as contribuições do Ernani. Quer dizer, então na sistematização do ensino. Ele tinha essa experiência da Associação Brasileira de Escolas Médicas muito forte. Quer dizer, muito participante do processo da reforma curricular no Brasil junto com, quer dizer, a ABEM teve um papel importante nisso. Esse pessoal andava pelo país inteiro e tal, articulava. (?) na criação de faculdades de Medicina pela África e não sei mais pela onde o Ernani estava nisso, na época (??) *(falam ao mesmo tempo)*

LS – ...Organização Latino-Americana (??)...

AS – (??) Saúde Pública também, a OESP. Então era...

LS – Eu era secretário, Ernani era o presidente.

AS – É, era o presidente.

AP – (????) na Escola de Saúde Pública?

AS – Não, não, não... é o do... o Luis não, o Luis é Medicina Tropical.

LS – Não é essa história que eu contei, da Medicina Tropical?

AP – Não, mas eu tô falando, na... na escola, essa o senhor não lembra nada não?

LS – Não, já passou muito tempo. E o... *(risos)* acho que não. Mas o Ernani era porque o Ernani era eleito. Ele era sempre eleito, reeleito e eu era escolhido por ele. Por isso que eu fiquei na AESP naquela época...

AS – Associação das Escolas de Saúde Pública.

LS – É, Saúde Pública.

AS – Então ele tem essa grande contribuição, né? Ele tem leucemia... *(falam ao mesmo tempo)*

LS – (??) fazia reuniões na casa dele.

AS – A gente fazia reuniões na casa dele.

LS – Mas ele não fazia reunião aqui.

AS – É, a gente fazia reuniões do Conselho na casa dele. Nos reuníamos todos lá, uma vez por semana era a vice-diretoria junto com ele, despachava, levava os processos, a gente conversava sobre a coisa... ele tocava um órgão lá, ficava sempre tocando aquele órgão todo... cantava muito bem tangos e milongas, era de uma memória excepcional, né, e adorando tangos. Ele ficava tocando, olhando pra gente e rindo. Sempre (?) feliz da vida, né? E com uma calma, tranqüilidade, sabia que, sabe, no dia seguinte ia acontecer então, (ri) não precisava se afobar demais com as coisas, não é? E... características assim de... durante as reuniões ficava desenhando, né, fazia desenhos intrincadíssimos, complicadíssimos... linha por... sabe, que não cruza por cima de uma outra, mas vai ficando por dentro e vai fazendo... Eram umas coisas intrincadas que o Ernani gostava de fazer, né? E muito expressivo.

AP – E o outro... outro... o senhor queria falar sobre mais algum outro ex-diretor além do Oswaldo...?

LS – Ah, não... acho que...

AP – Porque a impressão que eu tenho pelo que vocês estão falando é que tanto o Oswaldo quanto o Ernani levaram a Escola pra o mundo, ou o mundo veio pra Escola, né? A idéia de que são pessoas internacionais, são pessoas de OPAS, OMS...

AS – É, Oswaldo sim, Oswaldo tinha sim boas relações externas e o Ernani muito. Então essa coisa de articulação nossa... por exemplo, o PAI, o Programa Ampliado de Imunização da Escolas está nessa época aí do Ernani em 82, né? A escola vai pra uma reunião em Washington, e eu é que fui representando pra ver como é que a Escola de Saúde Pública podia se envolver com programas nacionais de imunização em todos os países da América Latina. Ciro Quadros que tinha sido... que tinha sido diretor... tinha sido não, que era naquela época, tinha sido aluno da escola em 68...

LS – Cadê ele, hein? Está lá?

AS – Em Washington, se aposentou da OMS, OPS. É assessor hoje do (CDC?) em Atlanta. Ciro de Quadros. Também brasileiro. Ciro é aquele que nós falamos lá atrás sobre os brasileiros que foram pra Organização Mundial...

LS – Foi aluno da Escola no começo...

AS – Isso. Pra o combate da varíola no mundo: Bangladesh, Índia, Paquistão, esse negócio todo. Ciro de Quadros, Eduardo Costa, Milton (Arns?), Cláudia Amaral... esses que foram, se perderam pelo mundo. E que tinham sido influenciados basicamente pelo Ernani Braga.

Quando o Ernani passou em Porto Alegre, era gaúcho, passou em Porto Alegre, foi fazer dar conferência na Escola de Medicina quando os três estavam se formando: o Milton, o Eduardo e o Ciro. É, e aí depois ficaram empolgados com a questão da Saúde Pública, foi a primeira vez que ouviram falar daquilo, e aí o Ernani disse pra eles: “Tudo bem, mas antes vocês vão fazer uma experiência, vocês vão pra a Amazônia.” E mandou-os pra fundação SESP, já era Fundação SESP naquela época. Eles foram pra a Amazônia durante um ano. 67, creio eu. Depois eles vieram trabalhar na Escola de Saúde Pública. Então são egressos da Escola, que a gente já falou no outro, na outra oportunidade sobre eles, né? Então... por que é que eu estou falando dessa história, porque o Ernani era diretor, o Ciro era o diretor do Programa Ampliado de Imunizações em Washington, né, pra as Américas, e convida a Escola de Saúde Pública pra participar com outras escolas de Saúde Pública, era um esforço de colaboração com o PAI, Programa Ampliado de Imunizações. Aí eu vou, o Ernani me manda, eu vou pra lá e de lá saio e esse Programa que depois foi extremamente (?) na Escola, de suporte pra organização Pan-americana, Organização Mundial. Nossos primeiros contatos com a África vêm por aí, não é? Depois em (?) colaboração com África, com países latino-americanos... e assim por diante, a gente vai desenvolvendo nessa área do coisa. Nessa articulação dele com a Fundação Kellogg, Ernani e Mário Chaves, que foi também um professor da escola de Saúde Pública extremamente importante na área de Planejamento. O Mário tem um livro que ficou assim... era *best-seller* na época em Planejamento, né? Chamava-se “Planejamento... Sistemas de Planejamento”. Quando a idéia, (??) estratégica depois, a idéia sistêmica de planejamento, o Mário é o que traz isso da organização Mundial também, Organização Pan-americana, e dá o, digamos, a estrutura pra isso, o Mário, o Mário Chaves. Uma pessoa dulcíssima também. E o Mário, nessa época, está dirigindo pra América Latina a Fundação Kellogg. E o Ernani consegue junto com o Mário, o Grant. E esse Grant é o programa de educação continuada em Escola Nacional de Saúde Pública que apóia o Programa Ampliado de Imunizações. Ao mesmo tempo, Ernani é eleito vice-presidente da ABRASCO, Associação Brasileira de Pós-graduação em Saúde Coletiva, né? E o dinheiro da Kellogg é dividido entre o (*PEC?*) e a ABRASCO. Então a ABRASCO, na administração do Ernani, ela nasce... ele é um dos criadores, eu estava nessa reunião, também foi em Brasília na sede da OPS, e... mas o que dá sustentação financeira pra ABRASCO, primeiro a Escola dá o espaço pra ABRASCO, né, e dá 80... 85 mil dólares na época pra ABRASCO. Então pra ABRASCO começar. E ao mesmo tempo, a Escola cede pra ABRASCO o Programa de apoio às residências, o PAR. Que é o que dá, digamos assim toda força pras residências na área da Saúde Pública, Medicina Preventiva, Social, pelo país inteiro. Então a escola cede pra ABRASCO não só o espaço físico pra ela se instalar, o dinheiro que consegue através da Fundação Kellogg e um programa (*hesitoso?*) e quem está na coordenação dele chama-se Paulo Marchiori Buss. Paulo Buss está na história. E que é uma história interessante pra você entender um pouco o espírito do Ernani, um dia nós estávamos no gabinete e ele diz assim: “Temos que escolher um novo coordenador pra o programa de apoio à residência.” Não me lembro se era o Eduardo, quem era que estava saindo... disse “Vamos ver então a lista de professores.” Nós pegamos a lista de professores e começamos a ver. “Não, esse aqui já está com sobrecarga, chefia de departamento, esse aqui está com não sei das quantas, etc., etc.” A partir das tantas, vem vindo, vem vindo – você vê aonde é que nós chegamos – nós chegamos na letra p, quando chega no p, estava lá: Paulo M. Buss. Aí o Ernani diz assim: “E aí, Paulo Buss, o que é que você acha?” Eu disse: “Olha, Ernani, eu acho que é muito novo. Que esse cara é muito novo.” E o Paulo era da pá-virada. Nessa época, né?! Quer dizer, tinha

uma turma barra-pesada nessa época, uns bem barra-pesada. Barra-pesada era o quê? Eram as pessoas que além de uma militância, etc., etc., gozavam a vida e gozavam muito bem a vida, né? E o Paulo era um desses, ele sabia gozar bem a vida, não é? Aí eu disse: “Não, Ernani, eu acho que o Paulo é muito novo, acho que não dá.” Aí ele disse assim: “Mas você não acha que a gente sempre devia dar oportunidades pra os jovens, pra os mais novos?” E eu (*ri*) não muito mais velho do que o Paulo, engoli a viola, botei no saco e disse: “Então, tá bom.” Aí o Paulo Buss foi ser coordenador desse programa. Foi essa, quer dizer, só pra ter uma idéia como é que é. Quando alguém vinha com um projeto...

AP – As articulações internacionais do Ernani acabavam retribuindo pra dentro da Escola com vários projetos novos, né?

AS – Quase todos (??). Todos, todos, todos...! O Ernani tinha uma máxima que ele sempre dizia, como esse negócio de “dar chance pra os mais novos”, isso tem que dar e a segunda coisa é a seguinte: “tirar o mofo”. Ele dizia sempre assim. “O negócio é tirar o mofo.” Então se você trazia o... vamos dizer assim, tem um congresso ou tem um seminário, não sei, uma vez ele me mandou pra um seminário na Alemanha, em Düsseldorf. Fui eu bater com os costados lá em Düsseldorf porque ele disse “Não, você tem que ir. Você tem que tirar o mofo. Vai pra lá. Você está muito aqui, trabalhando aqui nas coisas de dentro, vai pra lá.” Lá fui eu! Eu e o vampiro! (*ri*) A (?) do tal do vampiro de Düsseldorf. Era uma (?) estranhíssima. Mas só pra você ter uma idéia, se você tivesse assim: “Na Conchinchina tem um curso.” Ele te mandava. Ele se virava, ele conseguia a coisa.

AP – Tirar o mofo é um pouco também...

AS – Tirar o mofo.

AP – ...de se reciclar, de abrir a cabeça...

AS – Reciclar, claro! Abrir a cabeça, tudo isso!

AP – ...conhecer coisas novas, pessoas novas, novos ambientes, não ficar... sair da mesmice, né?

AS – É, essa é a idéia dele. Quer dizer, “vai tirar mofo, vai conhecer outras coisas, (???)”. Ele tinha tido essa experiência, ele sabia disso, não é? Então ele... pra mim, a gente teve uma relação muito estreita, né, muito... de muita amizade, muito carinho por ele. Quer dizer, a morte dele foi muito violenta, então... eu estava fora, eu estava no Rio Grande do Sul.

AP – Foi de leucemia, foi rápido?

AS – Foi no sangue... Não, mas o último periodozinho... Não, mas (??) não é muito não. Não mais do que uns seis meses assim da fase aguda...

AP – Desde que descobriram que ele ia morrer?

AS – Não, não, isso um pouquinho mais. Mas, digamos assim, a fase aguda, que a coisa... momentos finais... E eu estava no Sul. Quer dizer, quando eu viajei daqui ele não estava tão mal assim não. Porque aí eu passei 10 ou 15 dias (*LS fala algo*) e no finalzinho não fui vê-lo.

LS – (???) Pacheco que tratava dele e tal, um dos melhores hematologistas daqui.

AS – Ele era queridíssimo! A Cris, mais uma vez, Cristina Tavares, fazia coleta de sangue, né, fazia campanha de coleta de sangue pra ele. Eram filas e filas aqui no Fundão! Pra dar sangue pra o Ernani Braga. Transfusão e coisa. E todo mundo queria colaborar com ele e a gente fazia as nossas reuniões, né, do departamento, os despachos, a gente fazia na casa dele. Sempre, sempre pra cima, absolutamente pra cima! Em São Conrado. Sempre, sempre, sempre! Não me lembro de ver... tinha tido um filho que morreu numa situação trágica, né, num desastre de automóvel, mas nunca se referia a isso, ou não tinha isso como, sabe, uma coisa assim... E essas características pessoais assim de se esfregar, entende, no portal e depois que o Zé Roberto Ferreira, o Zé Roberto é que comprou com ele numa viagem – não sei por onde, sei lá, em algum lugar perdido do mundo – uma hastezinha de plástico com uma mãozinha de plástico na ponta. Então ele ficava com aquilo, ele estava conversando com você, começava a se coçar. Botava aquilo em cima e quando você via, ele abria devagarzinho assim uma gaveta à direita, aí quando você via ele tirava um desses mata-moscas, né, ficava conversando com você: “pá!” Tirava (*ri*) a mosca estava lá. Claro, isso contado condensado, talvez passe pra quem ouve, né, uma figura exótica ou coisa. Mas não, absolutamente... tranqüilo! Mas era uma coisa assim...

AP – O Blois, o Ernani, pela narrativa de vocês, são duas pessoas absolutamente (*falam ao mesmo tempo*) muito fortes.

LS – Eram muito diferentes!

AS – Não, muito diferentes, muito diferentes, muito diferentes.

AP – Sim, mas com personalidade muito...

AS – Muito forte. O Ernani era absolutamente receptivo (*falam ao mesmo tempo*)

LS – (??) ortodoxia. Trabalhava muito dentro da ortodoxia. Não tinha essa loucura do Blois.

AS – É, mas muito receptivo, não é, Luis?

LS – Sim, (?) diálogo...

AS – ...tinha um diálogo fácil e tranqüilo...

LS – ...e contornava as coisas. Mas a personalidade era diferente.

AS – Sim, mas o que ele está dizendo é o seguinte, quer dizer, se a gente pegar os nossos diretores da época... você diz assim: “Me dá dois que marquem”, né? Não, a gente está te dando mais de dois. Está te dando o Oswaldo, né, que tem a marca da coisa internacional, né, da experiência internacional, do convívio, da força e da administração e planejamento no campo da Saúde Pública. Isso é Oswaldo Costa. Por exemplo, eu lembro de uma reunião que nós tivemos, veio um assessor internacional da OPS, reuniu todos os que sobravam ainda na Escola, e o Oswaldo fez o seguinte *statement*, como diria ele: “Eu não sei o que dar para a Ciências Sociais e também não sei o que a Ciências Sociais pode dar para o planejamento. Quer dizer, a percepção dele em relação às Ciências Sociais era essa, entendeu? O modelo de planejamento que ele tinha, evidentemente que incorporava variáveis como idade, renda, etc., etc., mas nada além disso. Ele tinha um modelo, entende, chamava-se CENDES/OPS – lembra dele? – era o que ele adotava. Organizado pela Organização Pan-americana da Saúde... CENDES/OPS. Centro de Desenvolvimento em Estudos de não sei das quantas, da Organização Pan-americana da Saúde em Caracas, na Venezuela. Era originariamente lá, depois foi pra o Chile, né, esse era o centro de planejamento, de pensamento do... planejamento. E o Oswaldo fez. Aí então Ciências Sociais (???) também não, mas como o Luis diz, não hostilizava, não... Mas o centro de Saúde Pública é administração e planejamento. O resto tudo acabou. Então esse é um marco forte, entende, porque tem... a escola Anda muito nessa época porque você está organizando pelo país afora as secretarias de Saúde, o Ministério da Saúde... então está faltando gente pra fazer isso, entende? E isso é feito. Quer dizer, ele faz, ele começa e sistematizar isso, não é? Então a sistematização do planejamento com essa tecnologia, ele tem uma contribuição e a escola tem uma contribuição importante no período dele. Ernani vai num momento em que a Escola diz assim, sabe: “Vamos dar uma estrutura de escola, né, vamos dar um padrão mais acadêmico pra isso aqui...” – Talvez isso soe errado ou mau, né, um padrão acadêmico – “...mas vamos investir na formação dos nossos professores, né, vamos ampliar o aspecto da pesquisa, vamos nos organizar como instituição...” e assim por diante. Quer dizer, é aí que a coisa anda, né? A residência, a articulação com os outros estados, com escolas de Saúde Pública, com universidades... isso é muito, muito, muito, da época do Ernani. Já te falei do Sebastião, o Sebastião foi de uma época de transição muito... certamente dolorosa pra ele também que era uma boa pessoa, espero que esteja viva ainda, né, não sei. Lacorte veio e passou também... a mesma coisa. Rizzi também não teve...

LS – Lacorte foi uma fase muito boa pra mim porque, primeiro porque ele era bacteriologista, fazia a mesma coisa que eu. E era colega de turma do meu pai! Colega de turma de meu pai. Então ele me paparicava...

AS – É, você tinha ascendência sobre o Lacorte.

LS – Tinha.

AS – Mas não foram, não foram diretores que tiveram expressão, né, assim...

LS – Não.

AS – O Joir, que a gente já fez menção, ficou também...

LS – Grande figura!

AS – (?) no campo da Epidemiologia, como chefe de departamento foi importante, não é, exatamente na época do PEPE e do PESES, (*LS fala algo*) também, que eu estou me referindo a isso, nós estamos nos referindo a isso durante todo tempo. Você colocar pra dentro da Escola de Saúde Pública, pessoas com formação e com possibilidade de desenvolvimento sem cercear, porque não... sabe, uma das características da indigência reinante em muitos lugares é que você nunca quer ter perto de você uma pessoa que seja melhor do que você ou que vá te superar, não é? Isso faz parte da mendicância oficial, não é? E faz muito parte dessa estrutura, digamos, acadêmica das universidades onde você tem o catedrático e ele é que sabe e o resto todo fique súbdito a ele, não é? E Joir foi uma dessas pessoas que teve essa capacidade de albergar, entende, de incorporar outros conhecimentos no campo da Epidemiologia além da Epidemiologia Descritiva, né, quer dizer, da pesquisa Epidemiológica... E não era fácil, né? Porque eram muitos projetos e muitas áreas e ele segurando aqueles pepinos todos.

AP – O Joir é (???) o PEPE/PESES?

AS – É, o Joir foi diretor durante um período, um período curto também.

LS – Ele teve um infarto, foi um período muito tumultuado.

AS – É, foi um período muito, muito...

LS – ...tinha muita tensão com a presidência, que era Vinícius nessa época.

AS – Exatamente.

LS – E aí teve um infarto. Aí eu fui ser diretor.

AS – É, aí você foi ser diretor. O Joir é aquilo que ele estava dizendo, naquele período em que a Escola entrou com a presidência, mas depois entrou, entende, a gente entrou em conflito com a presidência, no caso era o Vinícius.

LS – E o Joir segurava a barra.

AS – Segurava, o Joir segurava a barra...

LS – Aí teve um infarto, teve que se afastar...

AS – É, teve que se afastar e o Luis assumiu, né? E eu fiquei com o Luis.

LS – E ainda era o vice-diretor.

AS – Ainda era o vice-diretor. Mas isso assim, eu acho que mais ou menos foram esses... Depois, evidentemente, tem outras pessoas que vêm nisso aí. Depois vem o Frederico, depois vem o Paulo, depois vem o Duca... vem (*Benutis?*), vem Adalton... nesse meio de caminho... (*LS fala algo*). É, mas aí é um pessoal mais... é uma área, um momento mais recente do qual eu tenho muito pouco contato, né? O Luis ainda tem porque o Luis continua desenvolvendo a pesquisa na Escola, né? Mas eu tenho pouco contato, muito pouco contato. Aí já...

AP – Daqui da presidência do Arouca você foi pra o canal de Saúde, não voltou pra escola.

AS – Eu... não, não voltei pra escola. Depois que o Arouca saiu candidato, candidato a vice-presidência da República, entrou o Akira. Uma história que um dia eu também contarei. E depois disso... – nós ficamos com o Akira, não foi? – ficamos junto com o Akira até às eleições.

LS – Aí eu fiquei.

AS – Aí você ficou porque quando o Collor assumiu, não aceitou a lista tríplice, aí o Luis Fernando foi... foi... – tem um termo em português – não é imposto não, é... Como é que se fazia com o imperador, Luis Fernando?

LS – Essa história foi complicada também...

AS – Sim, mas não era... quer dizer, não é imposição no sentido de... tem um termo, Luis, quando se sagra, foi sagrado, em última análise. Os cavaleiros são sagrados! (*ri*) O Luis foi sagrado presidente por nós. Então o ministro de então, mandou um recado dizendo que o Luis Fernando fosse a Brasília. O Luis Fernando disse que não ia a Brasília, que não andava de avião, se o ministro quisesse ele que viesse aqui. (*risos*) E aí o ministro veio, Alcenir Guerra.

LS – Alcenir Guerra. E acabamos nos entendendo muito bem, são coisas assim... houve um momento tenso... é, as coisas às vezes se resolvem tão irracionalmente, aí disse pra ele – ele era do Paraná – disse: “Ministro, o senhor conhece o professor Eduardo Correa Lima pra... – aí disse – foi meu paraninfo...” disse: “Mas é meu irmão!” (*risos*) Aí a coisa se resolveu. Aí esfriou, resolveu, aí ficamos muito amigos, eu gosto dele. Ele era um cara que falava uma porção de coisa, mas era um cara que te olhava no olho e dizia: “Não, isso é assim.” Ele não fazia blefe, não fazia... quando foi esse negócio, disse: “Por que é que o senhor não nomeia o Akira?” Porque esse negócio era pra ser uma semana e acabou se arrastando três meses, quatro meses. Aí ele disse: “Eu quero, mas o Collor não quer.” Ele também não fazia charme, dizia “não...” ele...

AS – O Collor não queria abrir mão disso.

LS – O Collor não queria abrir mão, que não era...

AS – Ele não ia aceitar...

LS – Aí acabou, contornou pra cá... aí foi o Hermann, foi muito bom.

AS – É, veio o Hermann Schatzmayr. Mas é pra você ter uma idéia de como é que a coisa, como é que a banda tocava nisso, né? Isso vem dessa história toda. Quer dizer, da formação de uma Escola de Saúde Pública, do grupo que...

LS – (???) da escola propriamente, você pega com o Paulo.

AS – É, nesse período depois, mais recente...

AP – Eu ia, fiquei muito curioso se o senhor conseguiria lembrar os tais 18 do Forte. Quais são os 18. Porque a gente pode até rastrear depois tentar ou pelos 10 ou pelos 8 ou pelos 9, né, que o senhor conseguir lembrar aí.

LS – A Cássia era, Arlindo, você sabe?

AP – Cássia o quê?

AS – (*Acássia?*) Rocha Mendonça, era chefe do departamento de Ciências Sociais (*falam ao mesmo tempo*) ...

AP – (???) fala dos departamentos (???) ...

AS – Mas eu não sei porque entra e sai gente dos departamentos, eu não sei te dizer...

LS – Até porque ninguém sabe se eram 18, como nos 18 de Copacabana... ninguém sabe o que era os 18. Eram 18!

AS – O Luis Fernando tem toda razão, eu quase...

LS – Oficiais eram 4 ou 5...

AS – ...ia comentar a estupidez de dar nome aos 18. (*ri*)

LS – Ninguém sabe!

AP – Mas pelo menos alguns: 5...

LS – 18 é simbólico, 18 é...

AS – É, os 18 era simbólico.

LS – O Arlindo inventou essa história... (*interrupção da fita*)

AS – Você sabe que nessa época, as pessoas que participaram... *(LS fala algo)* Não, você pega assim, pega... não vou...

LS – Eu não lembro... Elza Paim era desse tempo...

AS – Elza Paim era desse tempo...

LS – Elza Paim, Acássia...

AS – Acássia era, Lenita era, o Hélio Uchôa era, né, nós dois que estamos aqui... Tinha mais gente! Tinha o Hermann Schatzmayr, né, o Jarbas... um bolo de gente desses, só no teu campo de... o Felipe de Sierra Fuentes... o Maurício... o teu...

LS – Carlos Maurício.

AS – Carlos Maurício de Andrade.

LS – Se aposentou agora.

AS – É. Isso como professores e pesquisadores. Eduardo Costa, Júlio Fontes, né, Paulo Sabrosa...

AP – Da geração do Luis Fernando ou da sua?

AS – Não, já esses nossos, esses nossos...

LS – E mais novos.

AS – Joir...

LS – Tinha gente que eu trouxe da universidade quando eu vim pra cá, tinha mais novo...

AS – É. Szachna Cynamon, Szachna Cynamon, evidentemente... Jorge Valadares, né...

LS – Que depois voltou, saiu...

AS – Depois voltou. Esse...

LS – Hugo Tomassini...

AS – Hugo Tomassini estava aqui, o Joir eu já falei... Estava o Tomassini, mais aquele pessoal de Estatística que depois foi ser, (??) foi ser vice-reitor do (?).

LS – O Gama...

AS – É, o Maurício Pinho Gama foi ser vice-reitor, Nilcéia e o... (*falam ao mesmo tempo*)

LS – Não é Gilcéia que é reitora não. Uma é Gilcéia, essa aqui é Gilcéia. A reitora é Nilcéia.

AS – Era Gilcéia, essa é nova. Ciência Sociais então, Administração e Planejamento era o Oswaldo, era a Elza Paim...

LS – Aliás essa Nilcéia começou aqui com a gente em Parasitologia... Eu fui orientador do mestrado, foi minha assistente na Gama Filho... ela era ligada à gente, depois foi ser reitora. Ela prometia ser uma grande parasitologista.

AS – Mas veja, isso aí não é pra dizer que eram esses, eu estou dizendo pessoas que durante que já nessa, quer dizer, mais ou menos contemporâneo de idade, né, nossa, na época e hoje e que participaram, entende, de períodos maiores (???) Na área de Economia você tem o Sérgio (?) de Paula que vem durante um período, depois sai... Tem o Vassalo que vem pra área de Economia e depois sai, né? Tem muita gente nisso. Tem o Paulo Miguel fazia Sociologia. Tinha a... a Rosa, né?...

LS – Rosa Raposo.

AS – Rosa Raposo no campo da Psicologia, fazia Psicologia. Tinha... aquela menina, casou com alguém do Itamarati depois, muito bonita, era de Ciências Sociais, minha colega de PUC também... – Deus do céu! Esquecer o nome dela vai ser um crime. Mas não há de ser nada, ela há de me perdoar. (*ri*) E assim por diante! Quer dizer, tinha uma quantidade de pessoas que vieram, passaram um tempo maior, um tempo menor ou entraram depois. Quer dizer, a idéia dos 18 é a idéia dos 18, mas é que houve realmente um grupo que ficou, que segurou a barra. Eu lembro, tem desse grupo dos 18, essa coisa por exemplo: o Hermann. Quando o Hermann saiu de lá e veio pra o departamento de Virologia aqui do IOC, que ele veio definitivamente pra cá, eu lembro que ele escreveu uma carta pra nós, pra todos os outros, né? E nessa carta ele dizia assim, pedia desculpas porque ele não tinha tido, porque ele não tinha uma participação política mais intensa, alguma coisa assim desse estilo, né? Sim, quer dizer, mas não era... cada um fazia e dentro da sua possibilidade. O Hermann não era, digamos, um ativista político, né? Ativistas políticos eram os outros, né, os outros, alguns outros desse grupo maior. O Hermann não era! Mas não era menos político por isso, entende? Quer dizer, a gente entrava em sala de aula, aquilo que a gente diz, pra tratar de um tema e o Hermann entrava junto! Quer dizer, tudo que a gente fosse discutir, ele entrava e discutia também, não é? Eu lembro de uma aula que nós... que nós demos, a coisa mais fantástica que eu lembro assim de coisa de aula. Luis, eu, Cynamon e Hermann, e nós estávamos falando sobre a questão das migrações e... e doenças e coisa e tal. Eu, muito mais acompanhando do que dando aula porque não era da área. E não tinha mapa, a escola estava muito pobre e não tinha mapa, precisava de um mapa mundi. Aí eu não sei se o Luis ou o Cynamon, um dos dois, foi lá no quadro-negro, aquele quadro grandão e no quadro, não desenhou a giz, mas no quadro apontou assim: “Suponha, aqui tem a Europa, né, aqui está a Península Ibérica, aqui está a África, aqui está, né, o Oriente, aqui está coisa e tal, aqui você tem a América e foi fazendo assim no quadro. Mas não foi botando a mão, sabe, pra que tivesse uma idéia de espaço, de distribuição espacial. E aí a tal corrente migratória, porque os pássaros vêm não

sei da onde e após a chegada dos negros que vieram de cá e depois o Luis, as teorias que já não foi pra o (?)... todas essas historiadas todas contando. E eu lembro que lá pelas tantas, um aluno levanta e faz uma pergunta, aí ele diz: “Não, mas deixa...” sabe o que é que é? Aí o aluno saiu da carteira dele e foi até a frente e no mapa que não existia, ele localizou as coisas assim: “Pois é, mas aqui, quando do norte da África sai essa população que vai e depois migra, vem pra Europa depois, vem pra cá...” sabe? Eu não sei se eu consigo passar o que é que a força quando você está mesmo, entende, jogado inteiramente em cima de uma proposta, né, está trabalhando sobre um assunto, que o aluno é capaz, você e o aluno, você enxerga o mapa onde ele não existe, entende? Você é capaz... sabe, aquilo é tão forte que as pessoas ficavam impactadas. É o que eu estava dizendo, as nossas aulas de (*Epistemologia?*), eles mandavam os alunos e discutia com eles sobre a ideologia do mosquito, cacete, pra saber quem é que era agressor e quem é que estava se defendendo no meio dessa história. Os parasitos humanos eram agredidos, né, a gente era... (*ri*) bárbaros pra acabar com os parasitas. E a rapaziada vinha todo mundo junto! Todo mundo entrava nisso, né? Então tinha, entende, uma coisa muito forte, a gente sabia que ia perder, como perdeu isso, no momento em que a escola institucionalizasse, os cursos se formalizassem, abrisse um número maior de cursos, abrisse um número maior de turmas. Mas nós tivemos a sabedoria de manter um curso, o curso de Saúde Pública, e a Lenita que nos últimos anos foi a coordenadora do curso, que era o nosso curso experimental. Naquele curso você podia, né, você podia criar, você podia (*ri*) fazer o que você quisesse. Os outros já estavam estruturados: epidemiologia, disciplinas, o saneamento, essas coisas todas, já estava tudo mais ou menos organizado. Eram os cursos descentralizados já estavam funcionando, tinha que ter uma certa formalização nessa história, né? Mas um curso a gente vai dar. Chamava de “indez”. Indez é aquele ovo que fica no ninho pra galinha continuar botando ovo, né? O nosso indez era o curso de Saúde Pública, que era o curso experimental. E era chamado assim: “Curso Experimental da Escola de Saúde Pública”. Curso de Saúde Pública aonde a gente podia (*enlouquecer?*).

AP – Com pós-graduação...

AS – *Lato sensus, lato sensus.*

LS – Nessa época ainda não tinha *stritus sensus*. *Stritus sensus* é depois, né?

AS – Teve antes.

LS – Mas era, mas não era propriamente *stritus sensus*. Teve, mas não estava regulamentado...

AS – É... Não estava, mas acho que o *stritus sensus* no Brasil naquela época também não estava regulamentado.

LS – Pois é, nada estava.

AS – É, nada estava. E nós tínhamos o mestrado.

LS – Depois é que veio.

AS – Quando não (?). Tanto que o nosso regulamento de ensino, nós vamos fazer a adequação dele depois. A carreira do professor, a carreira do assistente na universidade brasileira não está regulamentada no início dos anos 60. Isso vai ser regulamentado lá em meados de 70. Não é isso? Quando começam as exigências de mestrado, doutorado, as 360 horas pra especialização... isso já existia, mas essa hierarquização, entende, a chamada carreira docente ela podia existir de fato, mas não de direito assim instituída.

LS – Nem existia.

AS – Não existia, né?!

LS – Você fazia o... você era nomeado por indicação do catedrático. Eu fui nomeado por indicação. Auxiliar de ensino, depois assistente (??) vai ser o Luis Fernando, vai ser. Vai ser aquele. E pra catedrático era um concurso que você fazia.

AS – E defendia uma tese, né?

LS – E tinha prova escrita... era um concurso tremendo, complicado! Tinha prova escrita e sorteavam o ponto. E tinha (?) na Escola de Medicina, que eu vivia isso, tinha o cara que fechava o consultório um ano, ficava estudando pra essa prova escrita e tal. Se você chegasse a ganhar o concurso, que era muito disputado, era muito geral, você era todo-poderoso naquele pequeno feudo que é (???) pra te dar um exemplo o meu catedrático, um dia o diretor do hospital – era nesse Hospital São Francisco de Assis – o diretor foi lá falar qualquer coisa, ele ficou agitado: “Ponha-se daqui pra fora e não me pise mais aqui!” (*risos*) E o cara nunca mais pisou! O cara era o diretor, mas ele era o catedrático. Doenças Tropicais. Então não tinha essa carreira que você tem hoje que entra, que vai promovido, que faz o mestrado, não tinha nada disso! Era cargo de confiança do catedrático.

AS – Mas é isso, a Escola era risonha e franca (*ri*) como as antigas escolas...

LS – O que mais você quer...?

AP – Tem mais uma última reflexão que a gente está fazendo, a Nísia, enfim, nós lá da coordenação desse projeto. A idéia que a gente está desenvolvendo, eu queria saber o que é que vocês achavam dela. Quer dizer, a idéia de que a Escola contém escolas, né? Que tem tendências, tem formações diferentes e que também formou escolas. Ela contém escolas, ela forma escolas. É uma escola um pouco dentro dessa idéia. O que é que vocês acham dessa idéia, como é que vocês vêem essa idéia?

AS – Diga, doutor.

LS – As pessoas eram muito diferentes em todas as épocas. Porque se você analisar a minha formação e a formação do Arlindo é uma coisa completamente diferente, né?! Não só pela especialidade, pelo tipo de coisa como pela formação, por tudo... e lá dentro as coisas tinham

espaço pra se desenvolver. Eu costumo dizer que aqui a liberdade é tão grande que eu até (*paio?*) parasitologia você faz aqui! (*risos*)

AS – (???) fazia... É verdade.

LS – Acho que é. Nesse sentido. E cada grupo, cada um se desenvolveu...

AS – É, se desenvolveu. Se você quiser, pega por exemplo, a...

LS – Esse grupo que tem lá hoje de Epidemiologia é um grupo muito bom, é uma escola!

AS – Pois é, pega (??), é uma escola de Epidemiologia. (*AP fala algo*) uma escola. Essa daí é verdade! Quer dizer, a Escola de Epidemiologia é a escola, a Escola de Saúde Pública...

LS – Aliás, o grande momento da...

AS – Rompe o limite da epidemiologia descritiva, faz...

LS – Da epidemiologia descritiva, isso Eduardo Costa, a Ana Maria (*Tambeline?*), que vem...

AS – Paulo Sabrosa...

LS – Paulo Sabrosa... Esses caras são muito bons!

AS – Muito bons!

LS – E abrem caminho, porque epidemiologia... (*falam ao mesmo tempo*)

AP – (??) uma outra escola...

AS – É (*Sanai?*), né?

LS – Epidemiologia é tão maior que era doença transmissível, como é que transmite malária. Agora começaram... a Ana fez uma tese sobre... – como é? – a epidemiologia do acidente de trânsito e... Eduardo com o negócio da epidemiologia da hipertensão... Eduardo forma uma grande escola! Forma uma grande escola! É um grande chefe de escola! Eu sempre disse a ele: “Que besteira, vai se meter em política, você não tem vocação pra política...!” (*risos*) Nunca conseguiu se eleger em coisa nenhuma! Nunca se elegeu nem deputado, nem vereador e era um grande chefe de escola. Formou o grupo mais jovem que tem lá hoje, formado por grande chefe de escola.

AS – Eduardo foi! (??)

LS – De Epidemiologia.

AS – Se você pegar saneamento, por exemplo, nunca na Saúde Pública, a formação de engenheiro de Saúde Pública está aqui escola. É uma outra escola, Escola de Saneamento é outra escola.

LS – Nesse sentido acho que pode ser isso que vocês estão...

AP – Com o Cynamon?

AS – É. Com o Cynamon. Com o Cynamon sem dúvida nenhuma. O Cynamon traz a experiência da Fundação SESP. Quer dizer, é outra coisa, quer dizer, a Fundação SESP, ela é fantástica, de 1942 criada, período de guerra, não é isso? (*falam ao mesmo tempo*) por causa...

LS – ...da borracha?

AS – Da borracha, aqui no Vale do Rio Doce. Então você tinha que explorar minério de ferro e na Amazônia borracha. Dois (*postos?*) de guerra grandes, né? A Fundação chamada “SESP”, Serviço Especial de Saúde Pública é criada. Então eles têm um trabalho magnífico nisso. Quer dizer, toda a tecnologia desenvolvida de saneamento, por exemplo, em áreas como a Amazônia, é toda desenvolvida na Fundação SESP, né? Quer dizer, não é igual aqui, é outra coisa diferente.

LS – Todo mundo falava tão mal da Fundação SESP! Você lembra, Arlindo? Que era autoritária, que era... coisa! E, no entanto,...

AS – Mas é que o SESP ela... ela... ela se enquistou, ela se... como (?)... é.

LS – Não, porque eu não entendia a coisa na época. Você tem que entender as coisas na época.

AS – O SESP se fechou, se fechou nele. E como pra tentar se salvar e acho que foi erro, pra mim foi erro essa... (*falam ao mesmo tempo*)

LS – (???) historiador, determinado valor. Isso eu ainda não contei (???)

AS – É... Mas, não, o que eu quero... claro, deles, a ação deles foi fantástica! Quer dizer, o que você tem em termos de formação, entende, do pensamento de Saúde Pública e introdução de Ciências Sociais pra começar na minha área de Ciências Sociais, nisso, no campo da Epidemiologia, no campo da biologia e particularmente na administração de serviços de saúde, e organização de serviços de Saúde... pô, isso é uma estrutura fantástica! “Ah, é uma estrutura militarizada, uma estrutura verticalizada...” Era! Era mesmo.

LS – (???) que era verticalizada. Campanha...

AS – Pagavam muitíssimo bem, recolhiam uns bons quadros que tinham disponíveis aí pelos lugares, eles iam e pagavam, entende? E tinha uma presença extremamente importante no

Nordeste brasileiro e em toda a Amazônia. Então nessa área, por isso eu estou dizendo, quando a Elza Paim, que vem do SESP, Acássia Mendonça que vem do SESP, Cynamon que vem do SESP, Hélio Uchôa que vem do SESP... então estou matando mais gente aí...

LS – Oswaldo Costa...

AS – Oswaldo Costa que tem também parte. Depois... o Ernani Braga foi diretor... que foi presidente do SESP. O Néelson de Moraes que foi professor nosso de Epidemiologia... Néelson de Moraes também foi presidente do SESP! Porque o SESP desaguou, eu diria que parte da contribuição ou da formulação de Saúde Pública no SESP, técnica também na área da administração, desaguou na Escola de Saúde Pública. A escola foi o espaço. Os “sespianos” vinham fazer cursos na Escola de Saúde Pública. O SESP tinha escolas lá na Amazônia, tinha escola de Enfermagem em Manaus, né, e centros de treinamento em (*Quari?*), alguma outra coisa assim. Não sei exatamente onde. Mas a formação deles era pra cá. A gente dava cursos de Saúde Pública para o pessoal do SESP, especificamente para o pessoal do SESP. Então desaguava aqui. Quer dizer, esse conhecimento, essas escolas, então o SESP como escola de Saneamento e de Administração em Saúde Pública, acabou desaguando na Escola Nacional de Saúde Pública, entende? Tem duas escolas muito claras!

LS – Eu acho que tem duas escolas em função da diferença das pessoas, do que cada um desenvolveu do seu setor... Você pode falar isso.

AS – No campo das Ciências Biológicas, esse grupo todo que vem cá depois pra o Instituto Oswaldo Cruz, que vai pra Biomanguinhos... é uma outra escola. No campo das Ciências Sociais certamente também, entende? Quer dizer, eu não estou dizendo, nem estou fazendo uma divisão acadêmica, burocrática de que cada, por departamento. Não, você tem várias contribuições aí dentro, até mesmo dentro de um departamento. (*falam ao mesmo tempo*)

LS – (??) Maurício Gama...

AS – Pessoal que foi pra Brasília... foi...

LS – Foi um grupo. Brasília levou um grupo inteiro. Levou quase que o departamento...

AS – É, o Departamento de Epidemiologia e Estatística.

LS – Estatística.

AS – O pessoal de estatística foi todo pra Brasília. Foi pra Brasília.

LS – Foi o Lobato que levou eles pra Brasília.

AS – É. Na área da residência médica, por exemplo, a escola foi uma escola! Nem estou me referindo mais aos cursos descentralizados porque aí, evidentemente, ela foi uma escola nesse, nesse projeto específico, foi uma escola. No Programa Ampliado de Imunizações, né, no Programa Nacional de Imunizações, PNI ou PAI. Ela foi uma escola! Ela foi uma escola

pra América Latina. Dentro disso, até hoje tem um pessoal andando por aí. Tem várias áreas, né, chamadas “áreas de excelência”, áreas de trabalho dela. Eu acho que sim. Eu acho que sim. Não sei... e foram áreas que foram férteis, né, disso. Por exemplo, na... no campo da intervenção, né, direto, não é usual. Sabe, hoje você pensa assim “uma faculdade de medicina que não tem, sabe, um centro... de Saúde ou o nome que quiser, etc., hoje já não é mais nem centro de saúde, sabe, pra atender uma comunidade. Não era tão usual assim não! Você tinha os hospitais, não é isso, você tinha o Hospital São Francisco, sei lá, os pavilhões, o pessoal (??) Santa Casa de Misericórdia você tinha a coisa. Mas essa coisa de uma intervenção mais ampla, né, em ações de prevenção, questões de meio ambiente... isso não era usual. Não era usual. Você não tinha idéia do campo da Saúde Pública, a idéia do residente, no campo da Medicina preventiva, isso está aí, sai da escola. Ela tem várias escolas aí, então acho que ela... e inova, como escola, na composição que a gente já falou dos departamentos, né? Quer dizer, inova nessa concepção, inova na criação de um Conselho, inova na coordenação de cursos...

LS – (????) e vai trazendo pra cá. Era a cátedra.

AS – Era a cátedra. *(AP fala algo)*

LS – Da universidade.

AS – Da universidade. Então vem pra cá pra questão de um departamento. Onde você tem os chefes de departamento. Depois passa a ser lei...

LS – (??) professor titular e não...

AS – ...e não mais catedrático, né? Então tem uma série...

LS – E logo depois a universidade acabou com os departamentos...

AS – Foi, é...

LS – O... o professor Rodrigues morreu... O professor Rodrigues ainda era o catedrático. Era o Coura é que assumiu e fez o Departamento de Medicina Preventiva... senão não tinha.

AS – É, isso são, digamos, as contribuições, né? As contribuições da escola. E são contribuições, digamos assim, reconhecidas. Não é apenas uma questão da nossa memória, né, ou da nossa relação afetiva com isso tudo. Mas é que são contribuições que estão aí, estão marcando a... A gente falou e disse, quer dizer, quando chegou em 1986, na 8ª Conferência Nacional de Saúde Pública, quer dizer, havia um pensamento crítico em relação à... né, já através dos cursos descentralizados no país inteiro, havia uma escola, né, havia escolas funcionando. Sobre a questão política, a contribuição da reflexão. Quer dizer, a criação da ABRASCO, a escola está metida até o gorgomilo. A criação do CEBS, Centro de Estudos Brasileiros de Saúde. A escola está metida até o gorgomilo, não é? Quer dizer, como espaço de reflexão... não vinculados a instituições especiais, numa época em que ainda tinha muitas restrições, muitas dificuldades, né? Ninguém está falando aqui, por exemplo, na época do

PEPE/PESES houve um... houve uma presença forte do SNI aqui, né? Teve gente que tentou e não conseguiu entrar. A coisa também não foi risonha e franca, não foi tudo simples e fácil. Aquilo que eu disse pra vocês, a gente dentro de sala de aula tinha gente acompanhando o que a gente estava falando, a bibliografia que dávamos, queriam autógrafo dos alunos, uma série de coisas assim no estilo, né? Nesse período mais duro, né, da... dos governos militares, da ditadura. Não era fácil não. Mas tinha um grupo obcecado, levava pra frente e... levou. Aliado a... aquilo que o Luis Fernando disse. Quer dizer, nada disso também... se dá num único plano, né? São muitos os planos em que essas coisas se dão. Assim você tem do desenvolvimento de fibra ótica, aeronáutica, a Escola de Saúde Pública também se desenvolveu, né, e a gente já apontou graças à uma penada do nosso bom Geisel na área de ciências Sociais, Programa PESES. Não vou dizer que é só isso, evidente, né?! Mas, o cara estava de bom-humor, sei lá o quê, assinou, mandou fazer e pronto, fez. E nós nos viramos depois montando projetos pra... dar conta dessa história.

LS – Não, esses militares nacionalistas sempre tinham programas de desenvolvimento científico. Queriam desenvolvimento científico. O CNPq, quem funda o CNPq foi o almirante (Álvaro?) Alberto. Almirante.

AS – É. Agora, não é fácil...

LS – Que é presidente da Academia de Ciências e...

AS – Me disse que teve muita gente...

LS – ...e que era um negócio da...

AS – Se machucou nessa história aí.

LS – Quem é?

AS – Não! No meio disso aí não era... não era... a gente viveu situação bastante... apreensivas, né, de... nisso aí, como é que... não sei.

LS – Tá bom? Quer mais?

AP – Eu tinha dito pra vocês no início, na outra vez que a gente tinha conversado, que a entrevista teria duas partes. Uma parte é vocês contando a história da Escola e vocês contaram magnificamente e tem uma outra parte, mas que se vocês quiserem, achar que já contaram também, ela também de certa forma já foi contada, que é vocês e a Escola.

LS – Ah, isso já está aí! (*risos*)

AP – O que foi a Escola na vida de vocês.

AS – Não, mas tem umas coisas aí que mereciam, Luis Fernando. Por exemplo...

LS – Vamos lá.

AS – ...como é que você se meteu com múmia?

LS – É porque... (*ri*)

AS – Em que ambiente permissivo você andava, (*ri*) você se meteu com múmias?

LS – Não, em primeiro lugar...

AS – Como é que havia múmia nessa história?

LS – Eu vim pra Escola de Saúde Pública pra ser professor de Parasitologia, eu sempre disse isso. Eu nunca fui sanitarista. Na realidade eu nunca fui sanitarista. Eu nunca tive... como é, vocação pra Saúde Pública. Eu tinha vocação pra Parasitologista. Eu teria sido professor de Parasitologia na Escola de Medicina, na Escola de Farmácia, na Escola de Biologia e aí fui na Escola de Saúde Pública e foi aonde apareceu a chance. Então... aliás, eu vi agora, acho que nesse livro do Zigman, ele também leu um livro. Quando eu era nos meus 15 anos, eu li um livro chama “Caçadores de Micróbios”, que de vez em quando a gente... Paul (?), ele também. E esse livro me empolgava e eu quis ser parasitologista, microbiologista, queria ser um caçador de micróbio, fui pra Escola de Medicina, eu nunca pretendi fazer clínica, nem ter consultório, nem ser cirurgião, embora na minha família tivesse, meu pai era clínico, tinha um tio que era cirurgião e tal. E eu com os meus 15, 16 anos, eu me defini por essas Ciências Básicas. Era isso que eu queria e... foi nessa condição que eu vim pra cá. O Blois chegou e me ofereceu um feudo: “Toma um feudo pra você, você vai ser o catedrático.” (*risos*) Ele era sedutor, eu...

AS – “...pago três vezes mais...”

LS – “...três vezes mais... Compra tudo que você quiser...” e eu vim nessas condições pra montar o Departamento de Parasitologia. O IOC nessa época estava ruim, cheio de problemas, então eu pude levar pra lá o Hermann, o Ernesto (*Hoffer?*)... era uma figura importante. O Ernesto Hoffer ajudou, teve lá com a gente na Bacteriologia, o Hermann na Virologia, certo? Essa é o que eu fui. Depois, lá dentro, eles de afeto e de amizade, fizeram com que eu fosse diretor da Escola, vice-diretor, vice-presidente, presidente da Fundação. Essa é a minha...

AS – É, mas acho que aí... mas é inusitado numa Escola de Saúde Pública...

LS – As múmias?

AS – As múmias. Não é muito usual, pelo menos digamos assim.

LS – Não é muito usual. A múmia é por uma única razão: eu estudava esquistossomose nessa época e a teoria ortodoxa, clássica é que a esquistossomose veio da África com a *mansoni*, com o tráfico de escravos, trouxeram a esquistossomose, se implantou aqui e (?). Aí eu li,

um cara, que cera o professor Caio Benjamim Dias, que dizia o contrário: “Não, essa esquistossomose é o autóctone daqui.” E aí eu falei: “Puxa, esse troço é diferente do que todo mundo diz...” Porque a graça de pesquisa é você entrar por um caminho diferente. Você fazer pra dizer o que todo mundo já disse, não tem graça nenhuma, é chato. Aí eu topei. Então como é que eu ia ver se a esquistossomose já estava aqui antes do tráfico? Era vendo num (*cropólito?*), achando na múmia ou no cocô pré-colombiano, o esquistossoma *mansoni*, não achei. E nunca achei. E agora o Adalton está na França examinando uma tese que acha isso na África. Quer dizer, acabou com a teoria da coisa no Sudão. Múmias do Sudão. É uma moça francesa que é ligada...

AS – Ah, ele foi lá pra examinar?!

LS – Tá lá agora, tá agora! Hoje, está lá. Foi examinar uma tese lá. Então tem um grupo na França que faz isso que é ligado com a gente, isso foi crescendo... aí não deu certo esse troço, mas deu certo outras coisas, o Adalton fez a tese dele de mestrado, doutorado e tal. Isso traduz o que é o espírito de liberdade que existe dentro da Escola de Saúde Pública, porque realmente não era de se esperar que uma Escola de Saúde Pública fizesse estudos de coisa. E hoje é um grupo grande, com a Sheila, com aquela menina de paleontologia e coisa. E afinal de contas isso é a doença em outras épocas. Um dos trabalhos interessantes, que é atual é que você ouve dizer que “a violência hoje é por conta da diferença de salário, de dinheiro, por causa dos excluídos. Se você der salário igual a todo mundo...” E uma das meninas – que aliás é brilhante – fez uma tese mostrando que há 5 mil anos atrás a violência era igual (*ri*) no Chile, no norte do Chile... Aquilo foi temeroso porque ela andou com a tese, até que a gente jogou fogo. Até a Sheila que era a orientadora. E ela disse “Não, é.” Porque diziam “não, essa integração das populações no norte do Chile se deu com amizade, (*risos*) com carinho e ternura...” Então ela foi lá, escavou e encontrou os esqueletos com cabeça quebrada, mutilado, com flecha no tórax e tal, mostrando que a integração nesse momento se deu com violência. Isso é bobagem! Isso é do homem, né? A violência é do homem.

AS – Pois é, mas onde é que você conseguiu as primeiras múmias e quando?

LS – Minha primeira múmia foi aí do Museu... Maria Beltrão me deu a coisa, depois aquele (*AS fala algo*) André Cruz... de coisa, que veio com a (*National??*), foi ele que ficou aí, um francês... e (*Oldemar?*)...

AP – (??) que vocês foram a Minas Gerais...

LS – É. Mas é que aí os caras...

AS – Mas quem é que era o correspondente de vocês em Minas Gerais pra indicar as múmias no caso?... (*interrupção da fita*)

Fita 6 - Lado A

LS – Não, você conversava, o cara dizia “Lá em Itacambira, tem múmia lá e tal... vai lá...” a gente ia.

AS – Você ia, pegava e trazia. (*ri*)

LS – Trazia, é.

AS – Mas era, quer dizer, alguém que tivesse fazendo um estudo, uma datação, uma coisa assim ou...

LS – É, tinha datação, tinha datação, tinha tudo. Porque os arqueólogos fazem uma série de estudos, mas eles não examinam o cropólito...

AS – Não, sei...

LS – Então, pra parasita, pra ver... A gente trazia uma formação em Parasitologia, aí trouxe com essa informação, foi examinar os cocôs das múmias e tal. No começo isso criava uma certa brincadeira, gozação... (??). Hoje, olha, a gente tem contato com essa moça na França que faz isso, com o (*Carl Renard?*) que veio aqui uma porção de vezes, que faz isso nos Estados Unidos, vem gente na Alemanha, está aí agora, está indo embora, a Catarina que faz isso... Isso tem no mundo inteiro e não são muitas pessoas, eles sempre têm contato. (*AS fala algo*) E agora o Adalton está na França. Isso...

AS – (???) uma reunião da (OEA?) nos Estados Unidos, não é isso? Nós dois. Que você...

LS – ...que eu trazia os cropólitos? É.

AS – ...trazia os cropólitos numa caixinha! (*ri*)

LS – É, trouxe os cropólitos.

AS – Chegaram a abrir ou não? Você se lembra?

LS – Não chegaram porque estava o Rubens. O Rubens hoje trabalha aqui, é um entomologista. E ele é veterinário e era do serviço de inspeção...

AS – Ah, do aeroporto!

LS – É, do aeroporto. Ele...

AS – “O que é que o senhor está fazendo aí com o cropólito?” (*risos*) “Cocô, cocô de múmia!” “Tá gozando da minha cara?!”

LS – Aí a mulher ficou uma fúria! Foi complicadíssimo.

AS – Porque foi isso sim, ele falou “O que é que isso aí?” “Cocô de múmia.”

LS – Cocô de múmia. Não a mulher começou a me chatear... “é cropólito.” “Mas o que é que é cropólito?” “É cocô de múmia.” Aí quando o tempo ficou feio apareceu o Rubens, né? Aí o Rubens foi lá e resolveu. Trabalha aí! Na Entomologia... Hein?

AS – A história da Ciência estaria duramente atingida não fosse a...

LS – Mas o fundamental pra essa coisa é mostrar que a Escola é um espaço aberto que se você trabalhar bem, você tem como trabalhar em vários assuntos e não fica amarrado... aliás, foi isso que me prendeu à Escola esses anos todos, senão eu teria ido embora!

AS – É, exatamente. O que prendeu foi essa abertura.

LS – O que prendeu foi esse espaço! O que me prendeu até hoje e me aposentei e pretendo continuar e coisa, porque tem espaço pra eu fazer, sempre teve e coisa. Senão eu teria ido embora! Eu ia trabalhar em outro lugar pra fazer o que os outros mandam e ficar ali “Faz isso, faz aquilo...” eu não tinha ficado aqui esses anos todos. Eu vim pra cá em 66 e na universidade, na cadeira – porque cada cadeira era diferente da outra, mas onde eu trabalhava era assim também. Rodrigues da Silva era um sujeito legal, caturro, de pouco falar e... mas a gente era...

AS – É, sempre teve esse (?) estava dizendo, quando vem pra cá pra Fundação (??)...

LS – Eu nunca tive um emprego no sentido tradicional do emprego: “Eu te pago pra você fazer isso assim, assim...” Eu posso falar o Hugo Souza Lopes – o Hugo era daqui, foi meu professor aqui – o Hugo dizia: “Sou um homem feliz porque eu brinco com meus bichos e ainda me pagam por isso!” (*risos*) Ele dizia. Então eu posso dizer que eu fiz o que eu quis e ainda me pagam por isso. E não pagam mal não. (*AS fala algo*) Eu nunca tive um emprego assim: “Oh, tem um emprego pra fazer isso assim, assim...” Lá na universidade eu fazia os meus troços, tinha alguns compromissos, é claro, com laboratório de exames e coisa, mas fora isso, fazia a minha tese de doutorado sobre um bicho que eu me inoculei pra... fiquei estudando...

AS – Ah, foi! Em Belo Horizonte...

LS – Hein? Não, aqui!

AS – Você fez aqui?

LS – No Rio, é. Inoculei a mim, inoculei o Sérgio Coutinho, inoculei o Argentio... Um bicho raro, eu queria ver, era menino, né? (*risos*)

AS – Eu pensei que você tivesse feito isso lá em Belo Horizonte. Não?

LS – Não. Belo Horizonte foi o curso com o Lobato. O curso que eu fiz com o Lobato. Aí depois eu vim pra cá, aí achei aquele bicho raro e tal. (*ri*) A gente gostava de bicho raro nesse

tempo. Depois que os sanitaristas passaram a espinafrar: “Raro não tem importância...”
(*risos*)

AS – (???) Quinquilhões de mosquitos! (*risos*)

LS – É. E esse que vale! (*falam ao mesmo tempo*) Então eu me inoquiei com esse bicho e estudei o comportamento do bicho em mim. Foi um sucesso a minha tese de doutorado!

AS – Pois é. E tinha transformações noturnas assim de meia-noite até às seis da manhã cresciam pêlos nos (*sapos?*). (*risos*)

LS – É. E ganhei o prêmio (*Ganning?*). O prêmio Ganning que também todo mundo esqueceu, ninguém sabe o que é o prêmio Ganning. Só quem sabe é o João Carlos. O João Carlos sabe porque o pai dele ganhou. É, o Emmanuel. É um prêmio na Faculdade de Medicina, nem sei se ainda existe isso, acho que não tem mais! Era o prêmio para um trabalho de Biologia Básica Aplicada e pra tese. Então o Olímpio me deu o prêmio e disse: “Esse prêmio eu ganhei quando fiz a minha tese!” O Olímpio era de 1915. Depois ganhou o Emmanuel Dias e agora eu proponho o senhor”. Era troço à beça!

AS – E depois de você romperam (??) nunca mais.

LS – É. Aí eu fui lá falar com o Bruno Lobo. Bruno Lobo era o diretor da Escola. Ele disse: “Olha, Luis Fernando, esse prêmio era um dinheiro, acabou o dinheiro.” (*risos*) Era em dinheiro, tinha dinheiro. “Tinha uma medalha também, acabou. Aí eu vou mandar fazer um diploma lindo pra você.” Eu tenho o diploma de Prêmio Ganning. Ficam esquecidas também as coisas, sabe?

AS – Mas deixa eu te dizer...

LS – Mas enfim, a minha vinda pra cá é nesse sentido. É de ocupar o lugar de professor de Parasitologia que era a minha carreira, era o que eu queria fazer.

AS – É. E tinha esses projetos assim, por exemplo, o Cynamon passou a vida inteira – acho que continua até hoje – atrás...

LS – Com negócio de esgoto...

AS – É, esgoto e atrás..., mas num projeto sempre trancado a sete chaves, ele tinha uma sala em que ninguém entrava. É o projeto de dessalinização da água, não é? Judeu, preocupado com a água em Israel, então ele queria dar essa contribuição. Uma luta, luta, eu acho que até hoje, porque há métodos evidentemente, né, mas muito caros.

LS – Mas não são...

AS – É, não são... de manutenção ou de grandes proporções, né? E ele queria isso. Ele andou... eu me lembro, teve uma época em que ele andou me explicando um pouco a questão

das membranas, né, porque você tem na praia, você tem água salobra 100 metros pra dentro e entre essa água salobra e o mar você tem água potável, né, sem... sem sal. Então as membranas... Ele... só pra te dizer também, quer dizer, não é assim como o Luis Fernando também foi por esse caminho da parasitologia, eu senti o Cynamon com esse seu...

LS – É, cada um tinha o seu espaço.

AS – É o espaço, espaço desenvolvido. Mas uma coisa que o Luis tem na sala dele até hoje é o que seria o simbólico da Escola, que é um quadro que o Sávio Antunes, que a gente falou na outra vez, né, te deu um quadro do...

LS – Não, esse quadro foi dado pra o Ulysses, o dr. Ulysses...

AS – Não foi o Sávio?

LS – E o dr. Ulysses... Era do Sávio, o Sávio deu pra o dr. Ulysses.

AS – Ah, não, tá bom, é isso, isso!

LS – E o dr. Ulysses deu pra mim.

AS – Mas é que o Sávio (?) na sala dele (??) Medicina. Hein?

LS – *Know how*.

AS – É *Know how*. Era, era, era...

LS – Esse é... Conta você.

AS – Faz a descrição do quadro.

LS – O quadro é um sujeito com todas as aparelhagens e com todas as coisas e ele não consegue pescar nada, né? Com molinete... E tem um menino assim com cara meio de coisa, com um pauzinho, com a coisa e o garoto pega peixe, pega peixe...! (*risos*)

AS – Pega tudo! É o *know how*.

LS – É o *know how*.

AS – Lembra que o Sávio é aquele da Universidade da Lapa que a gente falou. Então teve uma formação de nível médio, nunca se formou, fez um curso técnico de dois anos...

AP – Trabalhava com o Blois.

AS – Isso, trabalhava com o Blois. Era iminência parda. Não é, quer dizer, o tema é um pouco o que o Sávio era em relação ao Blois, né? E o outro quadro que você tem que é o “Sombra e água fresca” ficava também na sala dele.

LS – Ah, é! Sombra e água fresca.

AS – São os dois, né? Que é um trapiche, uma árvore, um cara também sem o sapato assim sentado, fumando um cachimbo, né?...

LS – O (*saco?*) era o símbolo dele.

AS – E com uma varinha de pescar também.

LS – “Sombra e água fresca.”

AS - “Sombra e água fresca.” Essa coisa. E o Sávio...

LS – E tinha o (??) do Sávio, era “sombra e água fresca”. E era um sapinho.

AS – Era um sapinho. Exatamente, era um sapinho. Ele era...

LS – Era muito engraçado o Sávio.

AS – Não, isso aí é só pra dizer... que esse espaço sempre existiu.

LS – Então foi isso que prendeu a gente aqui! Foi esse espaço de você fazer o que quer, né? Não tem ninguém no teu pé querendo “Faz isso, faz aquilo, ...” Isso é que é importante. Isso é que é...

AS – É, principalmente porque você...

LS – Eu gosto disso, isso é que...

AS – ...não tem acomodação. Essa foi sempre a característica. Porque, pô, estávamos nós lá, entende, pra acomodar aquilo ali não custava muito, né? Era mais fácil acomodava. Mas não, tinha essa história toda, era muito...

LS – Isso que me trouxe pra cá e me fez ficar até hoje, que eu pedi aposentadoria.

AP – Isso que eu ia perguntar pra o senhor, como é que foi o pedido, da aposentadoria?

LS – Foi triste. Muito triste. Eu pretendia ficar até à compulsória, faltam três anos pra compulsória. Mas ficou esse terrorismo todo, né, Arlindo, (*falam ao mesmo tempo*) da minha geração já não tinha mais ninguém e coisa. Todo mundo dizia: “Não, vai ficar horrível com as mudanças que vão fazer! A gente vai perder, vai perder, vai perder...!” Depois saiu. Ainda vou receber um dinheiro, né? Ainda tem um dinheiro pra receber.

AS – Saiu no Diário Oficial isso?

LS – Saiu.

AS – É, você ainda vai receber algum dinheiro. Eu já saí já numa outra fornada. Lá atrás ainda, no governo anterior, acho que no primeiro Governo Fernando Henrique, quando essa coisa também começou a aparecer, eu disse: “Não, deixa eu dar um tempo, não vou arriscar o meu pelego, né?” Tinha esse negócio de não ter mais aposentadoria integral, o diabo a quatro! A gente quando foi contratado, disseram assim: “Olha, ganhar bem você não vai, agora, em compensação no dia em que você se aposentar, você aposenta integral.” Né?

LS – É. Isso é que era.

AS – “Você vai ter uma carreira, ao longo dos anos você vai passando por ela, à medida que você vai passando por essa carreira você vai ganhando mais.” Pô! Aí chega num determinado momento as regras mudam, já não é mais assim... “Tô fora, tô fora!” Ainda mais num momento em que a gente passa a querer usufruir do, né, dos benefícios por aquilo que a gente contribuiu. *(LS fala algo)* Não, isso aí não há dúvida nenhuma. Algum novo projeto em gestação ou voltar a trabalhar com aquele pessoal de *(Paleo-parasitologia?)*?

LS – Não, Paleo mesmo.

AP – Arlindo, dá pra você falar um pouquinho da escola e do IOC?

AS – Da Escola?

AP – É.

AS – Não, mas eu já disse o que é que era.

AP – Pra você pessoalmente, individualmente. Como é que foi a Escola na sua vida.

AS – Isso. Quer dizer, disse que tudo começou um dia no corredor da PUC, o professor Emanuel (?) Júnior, pai do Cacá – pai do Cacá, coitado do Emanuel (?), é muito mais do que isso *(ri)* – mais em todo caso, sogro da... dos joelhos... a... a... Nara Leão, não era?

LS – Tinha joelhos lindos!

AS – Tinha joelhos lindos, pois é. Reduzir (???) Júnior... é fogo, foi dessa altura do campeonato. E ele me perguntou isso, se eu não queria. Aí eu vim pra Escola, fiz a minha, as minhas entrevistas. Entrei aqui no dia 1º de julho de 1967 e no dia 29 eu casei, com o primeiro salário. *(ri)* Só que eu precisava ter um salário mais fixo pra eu casar, aí casei. 1º de julho de 1967. Continuo com a mesma mulher e continuo com a mesma instituição, de lá pra cá mudou. Mas o... E a história foi essa, quer dizer, eu acho que a...

AP – Sua mulher era da Escola também?

AS – Não, ela fez psicologia, é psicanalista... tem consultório. E... na história da Escola, eu acho que tudo que moveu esse, esse envolvimento maior, foi a idéia de colocar Ciências Sociais, se é que a gente pode chamar assim, no campo da Saúde Pública. Esse foi o grande desafio, né?

LS – Isso era novo na época, né?

AS – Era muito novo! É porque hoje é muito difícil as pessoas as pessoas apreenderem que você pode discutir as coisas sem isso.

LS – (???) Tudo isso era novo.

AS – Sem dimensão econômica, não é? Sem dimensão da própria organização da sociedade, a questão política, a questão cultural, etc. O Máximo era a questão cultural que entrava, né, com educação e saúde pra tentar ajustar alguns maus comportamentos...

LS – É, não tinha isso.

AS - ...as questões. É, você não tinha. Então isso era realmente um desafio.

LS – Era coisa de médico, Saúde Pública...

AS – É. Então era um belíssimo de um desafio pra gente trabalhar. E à medida em que ia tendo receptividade, a gente ia fazendo conquistas, né? E conquistas de espaço. Então num primeiro curso a gente conseguia dar três aulas. Aí já no ano seguinte num outro curso, a gente já entrava e dava uma semana de aula... Quer dizer, foi todo um processo de conquista desses espaços, né? E aprender o jargão médico pra poder falar, quer dizer, aplicar os conceitos da chamada Ciências Sociais, sociologia da política mais, né, na área médica. O que é que eles estavam vivendo, isso, começar, a gente falava em determinação social das doenças, né, os fatores econômicos que determinam e condicionam o nível de doença de uma população, coisa que sempre existiu, mais ou menos elementares, mas pra época não eram tão elementares assim, né? Então, acho eu... acho não, esse é o desafio. Então os primeiros anos foram voltados pra isso. Os anos subseqüentes foram mais voltados pra área de organização propriamente dita da escola. Já desde o primeiro passado do Ernani, eu acho que foi em 70 e qualquer coisa, né, 74... já fiquei mais próximo. E com o próprio Oswaldo conversava, com o Oswaldo Costa conversava muito com ele. Por mais que ele dissesse que Planejamento não tinha nada pra dar pra Ciências Sociais, a Ciências Sociais não tinha nada pra dar pra Planejamento, mas a gente conversava muito e... volta e meia estava lá no gabinete conversando sobre a questão de organização. E quando foi esse processo mais de institucionalizar regimento de ensino, regimento de coisa e etc., né, junto com o Eduardo, né, com o Dudu, a gente foi mais ou menos organizando isso e trabalhando, era esse grupo pequeno, a gente fazia isso em conjunto, mas alguns eram mais... mais afeitos, digamos assim, à essa questão de organização administrativa do próprio ensino na escola. E por aí foi, quer dizer, assumi depois o departamento de Ciências Sociais, né, a chefia do departamento

de Ciências Sociais... fui tocando pra frente esse negócio. Minha contribuição foi mais forte, a minha pelo menos, em relação aos cursos descentralizados, eu acho. Quer dizer, como é que eu marcaria mais isso. Na hora que a gente se joga pra os outros estados pra fazer coordenação de cursos e a questão da descentralização, né, dos cursos. Aí é que eu acho que foi a parte que mais empolgou. Eu dava 400 e tantas horas de aula por ano em, sei lá, seis ou sete estados brasileiros diferentes. Tinha um curso no Rio Grande do Sul de Odontologia Social que eu dava aula durante a Semana Santa. Então pegava segunda, terça, quarta até quinta-feira de manhã. Aí eu tinha que cumprir, não sei se eram trinta horas, alguma coisa assim que eram os créditos, né, os créditos naquele tempo, então cumpria aquilo durante a Semana Santa. Pra dar uma idéia, quer dizer, como o espaço que eu tinha livre pra poder ir pra o Rio Grande do Sul. E a coisa de Ciências Sociais. Quando o Luis Fernando organizou aqui no Instituto Oswaldo Cruz, né, o curso de especialização, não foi, ou de mestrado já que você fez...?

LS – Mestrado e doutorado.

AS – Mestrado e doutorado, né?

LS – Era da Fundação.

AS – Da Fundação, é. Aí eu vim, eu fui...

LS – Era do IOC.

AS – Porque na época, claro, como todos os cursos, você tinha que mandar os currículos das pessoas. Você mandava quem eram os professores dessa área...

LS – Era eu e o Hermann, eu e o Hermann.

AS – É.

LS – Que fizemos a pós-graduação...

AS – Pós-graduação...

LS – ...que começou da Fundação e depois essa parte de parasitologia e (*virologia?*) ficou no IOC. Tinha que ser.

AS – É. Ficou, mas você tinha que mandar um quadro de professores. Então eu estou nesse aí, estou na organização de mestrados daqui, da Enfermagem daqui da Universidade Federal do Rio de Janeiro, esses daqui... depois a Escola de Saúde Pública, do (??), de Odontologia Social do Rio Grande do Sul... creio que no Ceará... também no... – aonde mais, meu Deus? – na... creio que o Pará e esses doutorados. Quer dizer, era... eu sempre brinquei dizendo que era um pouco mascateando, como mascate, entende, levando Ciências Sociais por aí fora. Essa, digamos assim, foi o meu desafio maior. Uma coisa que era difícil entre outras porque você estava numa época de, em termos políticos tinha uma, digamos assim, uma inserção de

militância política maior. Não vinculada a partidos, porque eu tinha sido expulso da AP, foi minha última vinculação partidária, depois é o MDB mais tarde, mas aí é partido político oficial. Mas não a outros movimentos. Nunca participei do PC e PC do B, no máximo AP e depois... expulso pelo Wellington Moreira Franco. Mas isso é outra história. E o... então é coisa, quer dizer, tinha uma tradição de militância política, tinha vindo pra o Rio de Janeiro fazer, vim fazer sociologia, mas vim ao Rio de Janeiro por causa de militância política mesmo. Movimento de Juventude Estudantil Católica. Vim fazer parte da equipe nacional disso. Então desde os 16 anos tinha uma inserção mais direta nesses movimentos, né? Diretoria de grêmio estudantil, União Metropolitana dos Estudantes de Porto Alegre, União Gaúcha do Estudante Secundário... e assim por diante. Quer dizer, a vida seria mais ou menos nessa direção. Até que 64 veio e deu verdadeiramente um golpe, pelo menos nesse rumo que eu vinha fazendo. E a Saúde Pública dava um espaço pra de uma certa maneira a gente recuperar isso, né? Era um espaço viável pra isso. Então eu trabalhava com, quer dizer, era duplamente marginal: sociólogo e ao mesmo tempo sanitário, né? Então não podia haver marginalidade maior. Mas por outro lado isso também dava um grau de liberdade para a criação, né? Você não tinha instituído Ciências Sociais. Sabe o conteúdo da disciplina, a gente que instituiu. A gente sentava com o Luis Fernando e a gente conversava: “Luis, o que você acha que pra esse negócio seria bom, que a gente podia botar...?” Fala disso, fala desse negócio todo, dos cursos que introduzimos, Sociologia da Burocracia... que era uma cadeira que eu dava na PUC assim que me formei. *(AP fala algo)* É, eu me formei na PUC e dava a cadeira, quer dizer, nunca se tinha pensado em discutir com gestores de Saúde Pública que venham fazer cursos no Rio de Janeiro aqui na Escola Nacional de Saúde Pública, a... entende, a lógica da organização burocrática, né? E eu discutia com eles a sociologia da burocracia. E era um negócio assim estranhíssimo, tinha uns caras... “Que raios é a sociologia da burocracia e raios está fazendo aqui nisso?” Então era todo um tipo de discussão que era muito... sei lá, principalmente era isso que o Luis está dizendo: era um campo aberto, livre, leve e solto. Quer dizer, ia depender muito mais da capacidade imaginativa e inventiva da gente, né, pra tocar pra frente. Evidentemente com todas as dificuldades disso! Quer dizer, é um período de ditadura militar em 1970, eu fui convidado pela Aeronáutica a passar um conjunto de dias aqui nas suas instalações do Galeão, né? A raiz dessa... dessa historiada toda, né? E outras histórias também. Aí é outra... outra militância, outro contato com outra militância. Eu fazia psicanálise, fazia psicanálise de grupo. E tinha uma companheira de grupo que tinha um caso com uma... uma outra mulher. Era muito raro, você achava certamente isso em grupos de psicanálise, né? Pelo menos assim dito e falado. E essa outra estava envolvida no seqüestro *(ri)* do Caravelle da Cruzeiro do Sul. Lembra que tinha o Caravelle da Cruzeiro do Sul? Pois é. E a... e por fim eles simplesmente torturaram a menina que estava no seqüestro do Caravelle que entregou a companheira dela, que por seu turno se lembrou que num dia de análise eu tinha feito referência à participação em uma reunião quando... – foi o Kennedy que veio aqui no Rio? Ou Rockefeller... um desses. – No Rio de Janeiro veio um desses. O Kennedy, não o John, o outro irmão, teria sido ele. Acho que foi pra ele... *(LS fala algo)* acho que foi o Bob que veio, não foi, pra inauguração de um prédio na PUC que leva o nome do John Kennedy, aquele prédio, alguma coisa assim pelo estilo. E nós fizemos um movimento: “Fora, *go home yankies...*!” Aquela historiada toda. E eu contei isso na análise. Então essa, torturaram a mulher do Caravelle que entregou, né...

AP – ...a sua colega de terapia...

AS – ...a minha colega de terapia que era, quer dizer, tinha que dar um nome, né? E acabou dando um nome, um dos nomes que ela lembrava, na base da porrada, era o meu. *(ri)* Aí a Aeronáutica me convidou a passar uns dias aqui no Galeão, o que eu fui. E... e lá tinha, eu lembro que tinha uma história toda das aulas que eu dava, eles queriam saber dos meus alunos, queriam saber as provas, queriam saber a bibliografia... tinha uma série de coisas. Foram na minha casa, arrasaram e pegaram a minha biblioteca, as coisas todas, entraram... foi... ou seja, não era fácil também. Quer dizer, eu estou dizendo que eu tinha um espaço de liberdade, livre pra a gente pensar, não é, mas também não era só como diz... *(ri)* livre pensar é só pensar. Por exemplo, tinha gente que queria muito que você transitasse por algum tipo de pensamento, né? Mas fora disso eu acho que o grande desafio era esse, né? Era você ter um espaço... – tem um cafezinho aí? Então vamos. – era ter um espaço pra você criar... É, agora vamos tomar uma xicarazinha de café... *(falam ao mesmo tempo)* açúcar... Isso era o que, era o que entusiasmava...

AP – Ele está doido pra acabar esse negócio! *(risos)*

LS – Não, não estou doido pra acabar!

AP – “Tá bom assim? Tá bom assim?” Não, eu vou falar mais uma coisa, naturalmente, né? Como vocês sabem e vocês que são os pais da criança ou melhor do que isso, do que eu, esse depoimento vai ser guardado aqui no acervo da Fundação Oswaldo Cruz, daqui a 50, 100 anos alguém, vai ouvir *(risos)* e vai fazer algum uso desse depoimento, né? Então até depois nós vamos trazer aqui um documento de cessão de uso do depoimento que a gente faz tradicionalmente, tá? E, enfim, que é assinado pela Nísia, enfim, por vocês, autorizando o uso do depoimento para fins acadêmicos.

AS – O bom uso do depoimento para fins acadêmicos.

AP – Isso.

AS – Mas vem cá, mas não vamos fechar essa história sem uma outra história. O... porque diz exatamente respeito à Casa de Oswaldo Cruz, você está citando a Nísia, não é, que é um pouco mais sobre as origens da Casa de Oswaldo Cruz. Quer dizer, a Casa de Oswaldo Cruz, o que nós estamos fazendo aqui no dia 18 de novembro de 1900 e... *(ri)* claro, é evidente que se nós estamos trabalhando sobre 1900, de 2003. ela... exatamente assim é o que a gente imaginava. Luis Fernando e eu, a gente imaginava na direção da Escola, um ou outro, porque a gente estava sempre ou um como diretor e o outro como vice-diretor, não importava, a gente estava junto. Nós imaginávamos não ter nada pra despachar, que o diretor tivesse uma estrutura burocrática suficiente pra despachar todas as coisas e que nós, em todo final de tarde, pudéssemos nos sentar na sala do diretor, onde hoje é a sala do Conselho da Escola de Saúde Pública, portanto é uma sala grande. Assim você entrava à direita ficava, né, a mesa do diretor e tinha a mesa do Conselho. Tirava aquele negócio ali e lá no fundo nós fazíamos uma mesa redonda onde seria servido às 5 horas da tarde, chá e cada um dos nossos convidados teria um microfone na lapela, exatamente como nós estamos aqui, né, alguém com a responsabilidade da gravação, tendo que ouvir essa historiada toda, né? E alguém

fazendo perguntas, que seríamos nós: Luis e eu. E o que a gente queria era contar a história e contar as estórias, não é isso? tirar o ‘h’ e o ‘i’, meter um ‘ezinho’ na frente disso. E muito também, ouvir um pouco das estórias dos bens e daqueles que não conseguiram ser tão bem-sucedidos, né? A gente queria chamar pessoas, né, seriam tertúlias, né, isso era a nossa idéia da Memória. Quer dizer, a gente tinha sempre uma percepção... muito clara disso. Eu lembro que o Allende no Chile, ele... o Chile é o segundo país consumidor de vinho, né, do mundo. E o Allende como um bom presidente chileno era um muito bom consumidor de vinho. Então, as reuniões que ele fazia – evidentemente em 73 não deu muito certo, mas em todo caso... – as reuniões que ele fazia com os partidos de oposição ele dava um porre em todo mundo. Ele bebia e todo mundo caía: militares, o diabo a quatro de oposição, tudo o que fosse, né?! E no fim é que ele introduzia então o tema central da coisa...

LS – E aprovava o que ele queria.

AS – Aí aprovava o que ele queria, né? Essa era a estratégia do Allende.

LS – Ninguém se agüentava mais.

AS – Ninguém agüentava mais. Tudo bem. E o Allende firme e forte, como legítimo presidente do segundo maior consumidor do mundo em vinhos. Por que é que eu estou contando essa história? É evidente que as coisas não se davam exclusivamente porque as pessoas estavam de porre, uma história não vai se mudar em função exclusivamente de porre, né? Quer dizer, o cara voltou com uma deliberação tomada de porres, os partidários que mandem ele às favas e na próxima vez ele já não vai mais. E aquilo não vai ser levado em conta, né? Não estou dizendo que seja assim, mas o que eu quero acentuar é que nós acentuávamos muito, é o caráter pessoal disso. Quer dizer, é o ator, é o personagem, é a força, entende, desse ator. E durante muito tempo você vê que enquanto a gente está aqui conversando, o Luis está sempre acentuando muito isso, entende, a presença desse ator. E em determinados momentos esse ator é fundamental! Claro que esse ator que a gente está falando, do Blois, a gente está falando do Ernani, está falando do Oswaldo, está falando do Arouca, né, são atores importantes. Haveria outros? Claro que havia outros atores também que poderiam substituir! Não importa, o que acontece é que eles foram, entende, atores de personagens importantes! E a nossa idéia, né, da recuperação da história da Saúde no Brasil, sempre foi muito essa história isso assim de que a gente contasse, entende, as vísceras fossem colocadas também, não é? Que a gente não se restringisse àquelas categorias de análise, sabe, num determinado momento, mas incorporasse isso. quer dizer, essas coisas da afetividade... (LS fala algo) É... o êxito, o tombo, né, a coisa engraçada, o ridículo...

AP – A coceira nas costas...

AS – É, a coceira nas costas do Ernani, né? Enquanto isso ele estava refletindo. Quer dizer, isso é que é fazer, isso é que movimento. Quando nós contamos, né, e quando o Arouca morreu... a... (interrupção da fita)

AS – Tínhamos aqui: Luis Fernando, Cristina, Ari, né, e eu. Aqui nessa sala. E tratamos os quatro de fazer um pouco da memória, né? Uma coisa assim exatamente nesse... que foi aquilo que eu li, né, não era eu, era... o que é que nós tínhamos aquele dia aqui, eu li lá no INCQS, depois li lá na escola de novo. Aquele texto que a gente preparou. Quer dizer, o que eu fiz na verdade...

LS – A gente falou, falou, falou...

AS – É, falou, falou, eu anotei, depois passei em nosso nome, eu disse aquela coisa ali. Aquilo ali exatamente um pouco do que a gente sempre pensou em relação à Escola ali, que a gente pensou em relação à Casa de Oswaldo Cruz, né? Eu lembro que depois, quando eu acabei de ler aquilo, eu me lembro... acho que foi até a Sarah, a mulher do Arouca (???): “Pô, mas parece que está tudo bêbado, fala (??)” Mas ela estava numa boa, não estava reclamando nem estava criticando, né? Mas era assim mesmo, era... no exercício pleno da nossa liberdade, da nossa consciência, da nossa absoluta inconsciência, da nossa mais total irresponsabilidade, né? Porque isso está junto, isso faz parte de tudo. A ousadia, ela tem que extrapolar o nível da responsabilidade e dos, entende, e dos cânones, senão não vai, você não rompe! Né? E eu acho que é isso que, digamos assim, é o que a gente conseguiu viver nessa experiência da Escola de Saúde Pública, né? Fazer uma escola ou fazer muitas escolas e pensar numa casa de Oswaldo Cruz que fosse isso, né? Um espaço onde as pessoas pudessem falar das próprias vísceras, né, das histórias, pudessem falar dos personagens... né? Quer dizer, de todos os lados, né, do lado que fosse caricato, o lado que fosse... Eu acho que a gente foi muito comportado, né, nesses dois dias. Mas tem uma série de depoimentos do Luis Fernando por exemplo, e textos que o Luis Fernando já escreveu... certamente eles complementam muito o que está colocado aqui. Por exemplo, a gente não falou...

LS – As Crônicas de Manguinhos...

AS – As Crônicas de Manguinhos, não é? (*falam ao mesmo tempo*)

LS – (???) são discursos que eu fiz e falo de Oswaldo Cruz. E as Novas Crônicas.

AS – As Novas Crônicas, né? E o... – eu estou devendo até ao Luis Fernando...

LS – É, o negócio dos 90 Anos de Manguinhos...

AS – Os 90 Anos de Manguinhos...

LS – ...tem uns discursos...

AS – Tem. Isso aí, tem um livro ali de Ricamor que eu, preguiçoso, ainda não...

LS – Ricamor...

AS – ...aquilo que o Luis disse, quer dizer, ou você está com vontade e tempo, vai e faz ou então, não comenta, deixa, ele vai sair, eu vou fazer. Mas está ali ainda. O Luis escreveu, o Eduardo Costa também fez a sua contribuição...

LS – Tinha muita... muita história contada, né? Hoje eu acho que se contam menos essas histórias. Essas histórias lúdicas e coisas do Adolpho Lutz, Berta Lutz... (*falam ao mesmo tempo*) uma vez a polícia estava pegando gente que ia namorar na Floresta da Tijuca e a Berta estudava sapo, e ela foi com o Venâncio pra apanhar sapo na Floresta da Tijuca à noite e a polícia prendeu e levaram ela pra o Distrito... Essa eu contei também (*risos*). Aí ele disse: “A senhora, e tal, uma moça fina com preto e tal... como é que é, que coisa absurda!” Aí diz que ela – ela era muito irritadiça, ela era... – aí disse: “Eu vou chamar o João.” Aí os caras deram uma gargalhada: “Ah, pode chamar o João!” Ela foi no telefone: “João, venha imediatamente aqui que uns moleques me prenderam e estão me desrespeitando e tal...!” Aí os caras riam. Aí daqui a pouco chega o João. Era o João Alberto (*ri*) que era chefe de polícia nessa época. E tem uma porção dessas histórias. Vinha o Alberto. (*AS fala algo*) Eu tinha um contraparente meu, era... o sobrinho dele era casado com a irmã de meu pai: Eduardo Marques. Eduardo Marques fez tese aqui no tempo de Oswaldo Cruz, em 1907. A tese dele sobre negócio de histologia do sistema nervoso, que na época era novidade... era do (*carral?*), impregnação pela prata... Ele... ele me trazia aqui. Era menino, ele me trazia aqui, me contava história... Isso tudo também me... me influenciou muito. Eduardo Marques.

AS – E dessas histórias...

LS – E ouvia essas histórias. Eram milhões! Do dr. Lutz...

AS – ...a gente começou a fazer isso. Tem na Casa de Oswaldo Cruz as primeiras gravações que a gente fez.

LS – O Castro contava a história do Lutz também, o Lutz tinha muitas histórias engraçadas.

AS – E o primeiro livro que a gente fez de memórias é o Pensamento de Ernani Braga.

LS – É, a gente fez.

AS – A gente editou. Era o diretor da Escola ainda, quem organizou eu acho que era o Paulo...

LS – Foi você!

AS – Não, eu sei. Mas eu faço a introdução...

LS – Não, foi você.

AS – É o Pensamento do Ernani Braga. A primeira publicação – tirando evidentemente as Memórias do Instituto Oswaldo Cruz – mas do que é o embrião (*falam algo*). Não tem? Tem, né? Não, lá na Casa tem. O que é o embrião lá da Casa de Oswaldo Cruz, o primeiro, já nos tempos modernos, é esse: Pensamento de Ernani Braga.

LS – (???) história, importância da história... a gente gostava de história aí e ele participava disso. Ele dizia pra gente: “Um dia eu me aposento quero escrever história.” Tudo que ele tinha vivido, muita coisa, né? *(AP fala algo)*

AS – Ele sabia. Uma memória prodigiosa (???) *(falam ao mesmo tempo)* Tudo, tudo! É. Mas foi assim que o Paulo Gadelha, né, acabou dando com os costados aqui na Casa de Oswaldo Cruz. Porque nós tínhamos chamado o Gadelha... foi o Gadelha e o... – como é que chamava o outro? Que trabalhou aqui na casa de Oswaldo Cruz logo no início também, eram os dois. Que trabalhava também lá na Cândido Mendes. Era o Gadelha e o...

AP – Nilson?

AS – Hein? Nilson? Não. O... nós... em cima dessa idéia... Não, eu fiz reuniões, uma ou duas reuniões com eles. Eu me lembro bem direitinho, o Gadelha à minha direita assim, eu era diretor da Escola, o Gadelha sentado à direita e a gente começando o embrião da questão da história. E eu lembro porque eles falavam em *(tesauros?)*, tesauros... porque os tesauros... – “Que cacete é esse, porra, esse negócio de tesauros! Deve ser o tesão de dinossauro, qualquer coisa nesse estilo...!” *(risos)* – aí depois saíram eles, durante a reunião evidentemente, tesouro pra cá e pra lá, tudo, eu também tesouro pra cá e pra lá, né? Depois eu vou ver que joça é essa de tesouro? Então eles estavam organizando alguma... Não, era o Gilson!

AP – Gilson.

AS – É. Gilson. Gilson e Gadelha. Eram os dois. Então tanto que quando foi na Casa de Oswaldo Cruz a gente tinha as duas alternativas. No famoso porre que a gente acabou criando na Casa de Oswaldo Cruz, a gente escolheu o Gadelha. Quer dizer, o Gilson já não estava mais, digamos, não foi um páreo entre os dois, o Gadelha já estava mais entrosado conosco, né? Que a Casa de Oswaldo Cruz você sabe que foi fruto de uma bebedeira incontável! *(ri)* Como tantas outras criações pelo mundo afora, também foi. Então num belo dia a gente... Foi no nosso restaurante, não é, Luis? Que nós estávamos, né?

LS – É, aqui em Bonsucesso.

AS – Aqui de Bonsucesso, é.

LS – Tem um guardanapo que vocês...

AS – É, tem... tem um guardanapo, eu acho que já dei até pra Casa de Oswaldo Cruz. O Luis Fernando, Arouca e eu. Aí fomos, exatamente essa última conversa que a gente está tendo aqui, o que é que a gente queria, negócio da recuperação da memória... Luis e eu queríamos estar mais livres pra poder fazer esse tipo de coisa. A gente sonhou por exemplo, com a reedição das petições de Carlos Chagas já na Escola de Saúde Pública, era um projeto nosso! Acabamos, evidentemente, babando eu... *(ri)* vendo os outros e pra os outros fazendo as petições de Carlos Chagas, a gente queria... Hein? *(AP fala algo)* Isso, isso, isso! Exatamente isso! Essa era a nossa idéia! Era a idéia que o Luis tinha de a gente fazer isso, fazer uma

recuperação e os mesmos lugares, a gente fazer as fotografias nos mesmos lugares. Depois a Casa de Oswaldo Cruz fez isso com proficiência, né? Mas eu digo, a gente tinha essa idéia. E esse dia, aqui o nosso restaurante, a gente estava tocando isso pra frente comendo aquelas coisas...

LS – Tem uma (??) com (*Neiva?*), né? Neiva. Aí o dr. Lutz perguntou: “Por que é que vocês vão viajar?” (*ri*) A gente disse... “Isso é besteira, vocês vão perder tempo, eu já passei por lá, o que tinha de bom pra estudar eu já estudei!” (*risos*) Ele era danado! Esse velho era danado! Adolpho Lutz, foi um dos ídolos da minha adolescência.

AS – Então em termos de Escola foi...

LS – Quando você (??) primeira coisa lá, passa pra o Arlindo. O Arlindo faz isso bem. Ele pega isso e arma, depois eu vejo. Mas deixa ele que sabe fazer isso.

AS – Tá. Não... tem mais coisa pra fazer...

LS – É?

AS – É.

LS – Pra você ficar com o texto, né, pra botar na...

AP – São duas coisas: uma primeira coisa é a entrevista, uma segunda...

LS – ...transformar isso num texto.

AP – ...aproveitar algumas informações (???) outras entrevistas (??) documentos. E um terceiro produto, vamos chamar assim, vai ser a entrevista transcrita e depois editada (???)

LS – É, editada, resumida, do jeito que tem...

AP – E um artigo...

LS – Ele já fez isso com aquela reunião...

AS – Isso. Você queria mais alguma coisa, Luis, ou mais alguém? Eu estou durante todo tempo pensando muito no guri, né, pra gente incorporar o guri nessa história.

LS – É, pode.

AP – O Eduardo Costa.

AS – O Eduardo Costa.

LS – Aí ele faz a entrevista com o Eduardo e depois traz.

AS – É, é... é, porque o Eduardo talvez pudesse fazer uma segunda rodada com...

LS – Porque nesse primeiro movimento ele era aluno, né?

AS – Pois é nesse primeiro momento eu acho que está certo assim como a gente fez.

LS – Num primeiro momento ele era aluno.

AS – Ele era aluno. Mas ele foi aluno em 68, dessa turma que foi excepcional. Que deu esse grupo todo, vieram... e depois de 1968, quer dizer, 68 no mundo, Revolução Chinesa, cultural Chinesa, na França, o movimento na França em 68... e pelo mundo afora. A “hippielândia” nos Estados Unidos em plena efervescência, né? E no Brasil também, que acabou com o Ato Institucional, quer dizer, acabou com o Ato Institucional número 5, né? No dia 11 de dezembro de 1968. E... eu lembro até hoje onde é que eu estava, assim ouvindo o rádio, ouvindo cada uma daquelas coisas... puta que pariu, foi foda! O... mas o Eduardo depois disso, ele saiu, foi trabalhar, acho que voltou a trabalhar na Fundação SESP, não é, foi... foi... (*LS fala algo*). Não, fez o curso em 68, depois foi pra o Nordeste, se meteu por lá. Mas 73, 72, ele retornou e se incorporou à Escola, não foi isso? É, tanto que depois... é, ele fez, tanto que com o PEPE/PESES, o Dudu está no meio disso (*LS fala algo*) É. E aí ele é importante na questão dos cursos descentralizados, nessa organização da escola de regimento, regulamento... (*LS fala algo*) Epidemiologia, como criador...

LS – Não, e ele era importante como criador do grupo de Epidemiologia. Na Escola de Epidemiologia...

AS – É, podia fazer isso.

LS – Mas de qualquer maneira a gente trabalha nessa...

AS – ...nesse meio. Eu sigo. Até hoje eu obedeço ordens e sou bem-mandado (*risos*)

LS – Você fez aquela...

AS – ...como você vai ver ainda há hierarquia no país...

LS – Aquela que você fez da nossa reunião...

AS – Aquela sim, eu fiz aquela!

LS – Estava bem-feito, tá bom!

AS – Entre nós ainda há hierarquia. Isso é coisa de Lula. Lula diz que o Parreira fez uma porcaria... e o cara responde...

LS – ...à altura.

AS – *(ri)* ...à altura, caceta! Quer dizer, entre o umbigo e o joelho.

LS – Não foi isso?

AS – Foi, foi, foi...!

LS – “Vai cuidar da vida dele que eu cuido da minha”.

AS – *(ri)* “Que eu cuido da minha!” Não, eu tô dizendo, quando você me manda fazer isso assim, eu obedeço... Só estou dizendo que ainda há hierarquia, pode ser que não esteja mais sendo respeitado pelo técnico da seleção brasileira de futebol, mas entre os antigos da Escola ainda há hierarquia. *(risos)*

AP – E a reverência, né, ao dr. Luis Fernando?

AS – E reverência, isso sim, sempre haverá. A primeira coisa que a gente ensina pra os meninos lá na Escola Politécnica, né? Tem que aprender a reconhecer os mais velhos, os maiores, como diziam.

AP – É isso aí?

AS – É isso aí.

AP – Então, tá. Obrigado gente, até a próxima.

AS – Até.

AP – Eu não sei se... acabou? Desligou aí? Pode desligar, pode cortar. *(interrupção da fita)*

*Essa fita não foi gravada integralmente (aproximadamente 45 minutos)